

**Sete escritores novos soltam o verbo:
Abel Silva, Flávio Moreira da Costa, Regina Célia
Colônia, Aguinaldo Silva, Myriam Campello,
Caio Fernando Abreu, Sulema Mendes**

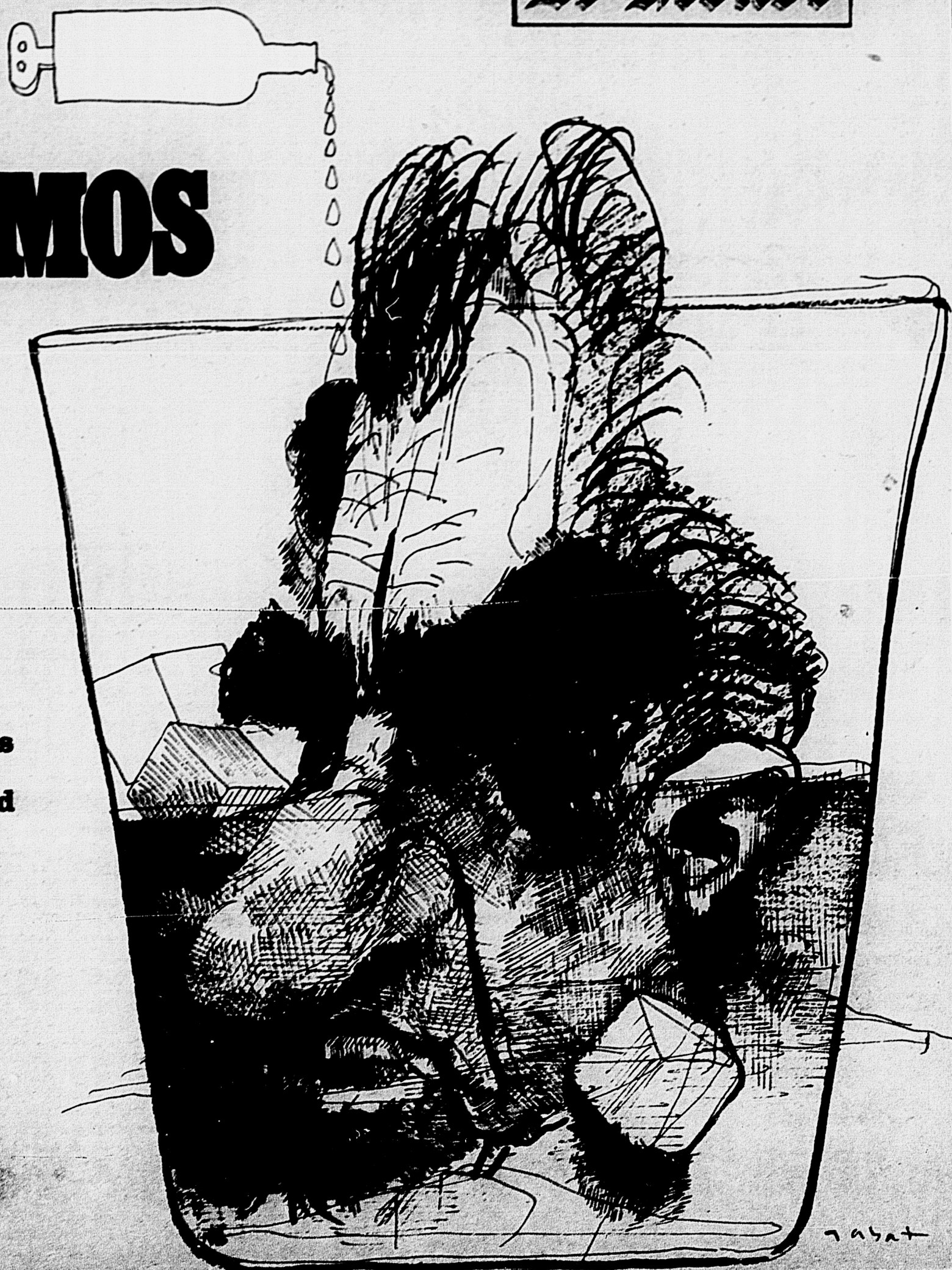
Opinião

9 de abril de 1976 Cr\$ 7,00 nº 179

com a edição semanal brasileira do
Le Monde

OS ÚLTIMOS DIAS DE NIXON

**Watergate revisitado nas
novas revelações dos
jornalistas Bob Woodward
e Carl Bernstein**



opinião

Diretor
Fernando Gasparian

Redator-Chefe
Argemiro Ferreira

Secretário
Oséas de Carvalho

Editores
Sérgio Augusto, Eduardo Ulup,
Marcos Ribas de Faria, Marco
Aurílio Berba

Editores-assistentes
Iza Frazza, Elise Munerato,
Fernando Pereira

Pesquisa e Arquivo
Grace Dantas Mattos,
José Eduardo Lamprea,
Pedro Luiz Velga

**Conselho de
Colaboradores**

Antônio Callado, Antônio Cândido, Fernando Henrique Cardoso, Milton Fernandes, Celso Furtado, Paulo Emilio Salles Gomes, Alceu Amoroso Lima, Luciano Martins, Francisco de Oliveira, Paul Singer, Francisco C. Welfort.

Uma publicação da Editora Inúbia Ltda. Diretor: Eurico Amado. Assinatura para o Brasil: Cr\$ 350,00 a anual e Cr\$ 175,00 a semestral; para o exterior: US\$ 60 a anual e US\$ 30 a semestral. Remessa por via aérea ou pelos serviços postais de entrega rápida. Redação: Rua Abade Ramos, 78, Jardim Botânico — Rio de Janeiro. Telefones: 246-7466 e 246-4842. Administração: 246-5326. Telex: (212) 2643. Sucursal de São Paulo: Rua Barão de Itapetininga 255 — 13º andar, conjunto 1312. Telefones: 34-2711 e 34-3562. Distribuição: Superbancas Distribuidora de Jornais, Livros e Revistas Ltda. — Rua do Resende, 18, Rio de Janeiro; Rua Guaianazes, 248, São Paulo. Em Paris, Opinião pode ser encontrado na Librairie Portugaise et Bresilienne (33, Rue Gay Lussac, 75005, Paris) e na Librairie Joie de Lire (40, Rue Saint-severin 75005, Paris). Buenos Aires: Calle Lavalle y Florida. Montevideo: Librería Palacio — Plaza Independencia, Kiosko-18 de Julio y Cuareim. Lisboa: Eletroliber.

Impresso na Editora Mory Ltda. Rua do Resende, 65, Rio de Janeiro.

Além da edição brasileira do **LE MONDE OPINIÃO** publica ainda uma seleção de artigos dos seguintes jornais e revistas

LE MONDE
OPINIÃO

The Washington Post

THE GUARDIAN

The New York Review

NEW STATESMAN

**Campanha
de
assinaturas**

Os leitores interessados em participar da campanha de assinaturas podem solicitar os folhetos explicativos na redação do Rio ou na sucursal de São Paulo, pessoalmente ou pelo correio.

EVIDÊNCIAS

“Pouco feito demolidor”

Grande parte dos brinquedos produzidos no país se constitui de jogos e gravuras que de uma maneira ou de outra exaltam heróis e objetos de guerra. O deputado opositorista Freitas Nobre apresentou um projeto na Comissão de Educação da Câmara Federal que proibiria a produção de qualquer tipo de brinquedo que reproduzisse armas de guerra. Na hora de ser votado, no entanto, o projeto foi rejeitado unanimemente.

O parecer contrário à proposição foi feito pelo deputado Geraldo Freire (Arena-MG), católico fervoroso, que dizia, entre outras coisas, que a iniciativa era louvável mas poderia ser “uma nova lei seca”. “No caso em pauta” — completou o deputado — “tantos e variados são os veículos da violência que proibir um deles, justamente o que se nos afigura de menor efeito demolidor, não produzirá o efeito pedagógico que toda lei deve ter em mira.”

Razões de foro íntimo

Em carta lacônica, onde alegava “razões de foro íntimo”, o coronel da reserva do Exército Rui Ayres Lobo pediu demissão do cargo de secretário de Segurança Pública do Estado de Pernambuco, que ocupava desde o início do governo Moura Cavalcanti.

Segundo o jornal *O Liberal*, de Belém, “o coronel Rui Lobo marcou sua passagem pela Secretaria de Segurança por uma rígida tentativa de moralização dos quadros policiais, punindo até com a exoneração do serviço público diversos agentes”. Afirma ainda que a posição assumida pelo secretário de “não permitir a utilização da polícia como arma eleitoral partidária lhe valeu a antipatia de praticamente toda a bancada arenista na Assembléia, onde sua demissão foi recebida até com certo entusiasmo”.

Para quem não se lembra, o coronel Rui Ayres Lobo é um dos pais da idéia de se instituir a prisão cautelar, apresentada na Conferência Nacional de Secretários de Segurança, realizada em Brasília.

Salários insuficientes

“Salário” esteve em evidência esta semana: 1) na Câmara, deputados arenistas e emedebistas, membros da Comissão Parlamentar de Inquérito incumbida de estudar o problema salarial no Brasil, concluíram, unanimemente, que o “salário do trabalhador brasileiro é baixo e mesmo insuficiente para manutenção dos que dele dependem exclusivamente”;

2) o presidente da Associação dos Delegados de Polícia de Santa Catarina, Evaldo Villela, ao informar que um escrivão da polícia daquele Estado está sendo ameaçado de despejo por não ter condições de pagar o aluguel, indagou: “Como se pode exigir que um policial, desde um delegado até um carcereiro, possa dar tranquilidade à população se faltam condições de trabalho, motivadas pela intranquilidade financeira?”

3) o deputado Francisco Rocha (MDB-RN) denunciou, da Tribuna da Câmara, que o presidente da Companhia Nacional de Alcalis, sr. Edison Távora, recebe entre salários e participações nos lucros uma importância média mensal de Cr\$ 61 800,00, além de ter direito a automóvel, residência em Cabo Frio com empregados e mordomia, casa para hóspedes e quatro apartamentos a sua disposição no hotel daquela empresa. O presidente da CNA, de acordo com enumeração do deputado do Rio Grande do Norte, percebe o vencimento-base de Cr\$ 34 mil, mais seis salários anuais como participação nos lucros, mais dois salários anuais de férias em dobro, e mais Cr\$ 8 mil como presidente de uma subsidiária daquela empresa. Em tempo: tem direito a dois salários mínimos de diárias quando viaja.

Solução mais prática

Mulheres grávidas, crianças, homens que voltam do trabalho: todos indiscriminadamente enfrentam as filas dos ônibus da Viação Venda Nova, que fazem a ligação de Belo Horizonte a Venda Nova. “É um verdadeiro inferno quando a gente quer ir embora para casa” — desabafa Pedro da Silva, que vê o tamanho da fila aumentar anualmente, sem qualquer providência por parte da empresa de ônibus. Há mais ou menos um mês houve até um crime: dois homens começaram a discutir pelo lugar na fila e um acabou atirando com um revólver. Quando chega o ônibus, que passa em intervalos de 20 minutos, todos começam a correr e ganham os mais fortes.

Em vez de colocar mais veículos naquela linha, a Viação Venda Nova encontrou uma solução mais rápida e econômica: contratou vários guardas de segurança para conter os mais nervosos.

Tamoyo e o lixo incômodo

A tentativa feita pelo prefeito do Rio, Marcos Tamoyo, semana passada, pela televisão, com o objetivo de convencer a população carioca da necessidade de se pagar a Taxa de Lixo, mais uma vez resultou numa façanha infrutífera.

Em termos muito pouco convincentes, o prefeito declarou que os moradores dos conjuntos habitacionais pagarão, como todas as outras pessoas, a sua Taxa de Lixo, a não ser que queiram isenção da mesma. Perguntou-se, então, como se processaria um pedido de isenção. É ele próprio quem explica: “Você faz um requerimento à Companhia de Limpeza Urbana, cujos técnicos, em seguida farão uma inspeção no seu quintal para ver se você tem condições de realizar o aterro sanitário.”

Ou seja, você faz o seu aterro de lixo no seu próprio quintal. Ora, esse tipo de abordagem, além de reduzir um problema que na verdade é bem mais complexo, traz em si um total desconhecimento das reais condições de vida da população de conjuntos habitacionais. Pois é mais do que sabido que morador de conjunto habitacional, assim como todos os moradores em edifícios do Rio de Janeiro, não tem quintal. E no ca-

so, mesmo que tivesse, quintal é o lugar menos apropriado para se jogar lixo.

Portanto, volta-se ao ponto de partida: morador de conjunto habitacional acaba mesmo é pagando Taxa de Lixo na mesma proporção do ocupante do apartamento de luxo de Ipanema. E sem muita discussão.

O veneno e os passarinhos

O deputado federal Gomes do Amaral (MDB-PR) informou à Câmara que em Campos Gerais, Paraná, em consequência do uso indiscriminado de pesticidas na lavoura, está havendo grande mortandade de passaros, como codornas, peridizes, inhambus e centenas de passarinhos. Advertiu que a ecologia local sofrerá grave desequilíbrio se não for tomada uma providência urgente. A comida principal das aves da região é a lagarta mede-medede, que se alimenta de folhas de soja. Sobre as plantações de soja, têm sido aplicados pesticidas “sem nenhum controle”. A partir daí, explicou o parlamentar, estabeleceu-se o desequilíbrio biológico. Os passaros comem as lagartas e morrem, a lagarta se livra de seus inimigos naturais e, em consequência, está surgindo uma praga de mariposas. São tão numerosas que os bombeiros foram convocados para combatê-las com jatos de água e diversas cidades vêm-se defendendo delas com *blackouts* diários.

A segunda sargenta

O terremoto ocorrido em fevereiro último na Guatemala, causando a morte de mais de 20 mil pessoas e desabrigando outras tantas, despertou uma idéia criminosa na cabeleireira Guaraciaba da Silva Braga, de 42 anos, que precisava obter urgentemente uma quantia em dinheiro para saldar uma dívida.

Ela mandou confeccionar uma farda de 2º sargento da Polícia Feminina de São Paulo, arranjou um livro no qual colou um emblema da República e as palavras “Governo do Estado de São Paulo”, e saiu pelas ruas da cidade explicando a moradores e comerciantes que estava “angariando fundos para as vítimas do terremoto da Guatemala”. Fez isso durante 12 dias, tempo suficiente para arrecadar o dinheiro de que precisava: quase Cr\$ 25 mil.

Seu crime poderia passar impune, como muitos outros, mas ela cometeu um erro que lhe foi fatal: não aceitava roupas nem alimentos dos doadores, falando apenas em dinheiro e isso levantou suspeitas. Alguém se comunicou com a Polícia Militar e fez a denúncia. O Serviço Reservado da PM passou a investigar o caso e Guaraciaba foi detida no dia 1º de abril, juntamente com seu marido, José Carlos da Silva Braga, motorista de praça.

Em seu depoimento, Guaraciaba disse que precisava saldar um aluguel de sua casa, no Jardim Brasília, e por isso resolveu agir assim. E quando um jornalista perguntou se ela sabia que aquelas quatro divisas na bridadeira da farda lhe davam o título de 2º sargento, calma e sorridente Guaraciaba respondeu: “É claro que sei. Afinal meu marido foi policial militar de São Paulo durante 14 anos”.

O horror das transamazônicas

Segundo o sertanista, Orlando Villas Boas, em palestra no II Simpósio Ecológico do Embu, “o índio é um fator de equilíbrio da natureza porque ele só retira do meio ambiente o necessário para sobreviver. O sertanejo é um predador que vê a natureza como um grande manancial de matéria-prima a ser explorada, o mais rápido possível e de forma menos trabalhosa, para chegar ao enriquecimento. O índio conserva nas matas e nos rios entidades religiosas que o protegem e por isso, jamais agredindo ao meio ambiente, não destrói a natureza — participa dela. Os sertanejos dizimam a fauna e a flora em busca de riquezas”.

O sertanista informou que, apesar da caça profissional ser proibida desde 1967, o sertanejo de hoje quando encontra um bando de ariranhas, imediatamente procura um meio de destruí-las, pois o couro de cada animal vale cerca de Cr\$ 2 mil. Assim, também é com as tartarugas, pois cada uma vale Cr\$ 400,00, ou com o jacaré, cujo couro vai a Cr\$ 150,00 e por isso o sertanejo não quer mais plantar milho ou mandioca, porque, destruindo os animais, “terá uma colheita mais farta”.

Orlando Villas Boas condenou, a seguir, o processo de colonização da região Norte do país, referindo-se “aos horrores das transamazônicas”. Disse que milhares de hectares de matas estão sendo destruídos pelo homem branco para desenvolver a pecuária porque “esta é a forma de obter lucros mais rapidamente. (...) O boi é um anticolonizador porque não fixa o homem e promove a destruição ambiental”. Condenou também a atual política de incentivos fiscais que “possibilita a qualquer fabricante de sabão, em São Paulo, tornar-se um pecuarista na Amazônia”.

Desfalque em Sertãozinho

A Prefeitura de Sertãozinho (SP), foi notificada pela agência local do Banco do Comércio e Indústria de que sua conta naquele estabelecimento acusava insuficiência de fundos para cobrir o cheque de Cr\$ 59 096,00, emitido em favor do DER. A informação discordava do boletim de caixa da Prefeitura, elaborado por seu tesoureiro Arnaldo Quaranta, que indicava a existência de Cr\$ 550 mil em depósito.

Procedido levantamento, de acordo com as declarações do prefeito Pedro Pinotti, constatou-se que realmente existia uma diferença de mais de Cr\$ 500 mil entre o que estava depositado no banco e o que o boletim registrava como saldo. O fato foi comunicado à Câmara Municipal, que, em sessão secreta, nomeou comissão de sindicância composta de seis vereadores.

O prefeito explica que não haveria até agora, como suspeito de Arnaldo Quaranta, considerado funcionário exemplar, e que vinha sendo responsável pelos depósitos bancários da Prefeitura há 13 anos. “O que pode ter acontecido é que Quaranta, embora fazendo constar do boletim de caixa o recolhimento de impostos feito diretamente pela Prefeitura, não encaminhava a quantia total para depósito no banco” — concluiu

o prefeito, depois que ficou sabendo que o tesoureiro encontrava sempre uma desculpa para não mostrar os recibos dos depósitos, segundo informações só agora prestadas por funcionários da tesouraria. Quanto à revelação de que em outras oportunidades o banco já enviara notificações à Prefeitura sobre outros cheques desprovidos de fundos, deduziu que o próprio tesoureiro as recebia e providenciava a cobertura dos mesmos, passando o fato despercebido por todos.

O prefeito Pedro Pinotti solicitou a presença de dois técnicos do Centro de Estudos e Pesquisas sobre Administração Municipal, órgão da Secretaria do Interior; a Câmara de Vereadores solicitou a de dois auditores do Tribunal de Contas do Estado. Agora, juntos — prefeito, vereadores, auditores e técnicos — estão procedendo a um levantamento completo da contabilidade da Prefeitura para apurar o desfalque dos Cr\$ 500 mil, e outros que porventura possam ter ocorrido.

Arnaldo Quaranta, principal suspeito, sócio do sr. Pedro Pinotti numa fábrica de sorvetes, desde que foi percebida a diferença não compareceu mais ao trabalho. Encaminhou através de outra pessoa, um pedido de férias a que tinha direito, e sumiu.

Ano de eleições

Na cidade de Timbó do Sul, em Santa Catarina, quatro vereadores da Arena encaminharam uma representação criminal ao procurador-geral do Estado acusando o prefeito Liduino Dal Ponte (MDB) de vender várias sacas de feijão e milho que eram destinadas aos flagelados das inundações de março de 1974. O prefeito, conforme declarações dos vereadores, “prejudicou os necessitados e os agricultores, que receberiam um auxílio em face das perdas que sofreram com a enchente”. O prefeito foi ainda acusado de desviar verbas destinadas às escolas do município, de não aplicar verbas destinadas à recuperação de pontes danificadas nas últimas enchentes, de não enviar balancetes à Câmara Municipal e, por fim, de saldar seus compromissos político-eleitorais permitindo o uso de máquinas da Prefeitura para ampliar granjas.

“Além disso” — afirmaram os vereadores — “ele não mantém boas relações com o vigário, chegando a desrespeitá-lo com palavras obscenas, dentro da própria igreja.”

Água pouco saudável

Toda a água consumida pelos trabalhadores de uma fazenda no município baiano de Santa Luz é transportada para o reservatório em grandes tonéis. Há alguns dias, os encarregados pelo transporte se esqueceram de limpar os tonéis, que também são usados para transportar um produto químico chamado “Tributon”, usado para destruir troncos e raízes após a derrubada de árvores e, como consequência, mais de cinquenta trabalhadores da fazenda foram envenenados depois de beberem água.

Todos os agricultores que prepararam comida ou beberam da água precisaram de atendimento médico e 13 deles tiveram que ser internados

POLÍTICA NACIONAL

As desventuras da oposição

As últimas cassações não representaram para o MDB somente a perda de mais três deputados de sua bancada federal. As cassações colocaram o MDB diante de um de seus períodos mais difíceis, em que o pessimismo é a característica comum na maioria de seus membros. Não por causa das cassações em si, mas por uma indagação que é feita com frequência entre os oposicionistas: o MDB é realmente viável como partido de Oposição que espera chegar ao poder?

O pessimismo, naturalmente, pressupõe que a maioria dos emdebistas está respondendo não a pergunta, ou no mínimo, não encontrando argumentos para responder positivamente. O MDB, atualmente, está envolvido mais fortemente pela contradição que existe em sua própria existência: ser um partido de oposição em um regime que se auto-reconhece discricionário. Que perspectivas existem para um partido político nessa situação? Não são muitas, é forçoso se reconhecer.

Ninguém desconhece que, ao permitir a existência de uma Oposição, o regime determina limites para a atuação dessa Oposição. Esses limites podem até ser flexíveis em cada momento e cada situação, dependendo de uma série de fatores, mas existem sempre. No momento em que permitisse uma Oposição sem limites, contida apenas pelas disposições legais próprias do chamado "estado de direito", o regime, na verdade, estaria perdendo sua característica atual. Em outras palavras, mudando.

Comportamentos - A atuação oposicionista nessa situação leva, obrigatoriamente, a três tipos de comportamento. Pode-se aceitar as limitações, enquadrando dentro delas a atuação oposicionista. Pode-se encenar a Oposição, apenas compondo um quadro muitas vezes necessário para o regime. Ou pode-se procurar forçar os limites traçados, buscando maior abertura para a atuação oposicionista.

No MDB, o único partido legal de Oposição no Brasil, convivem defensores dos três tipos de comportamento.

No primeiro caso, estão os atuais dirigentes do MDB, como Ulysses Guimarães, Thales Rama-

lho, Amaral Peixoto, Tancredo Neves, Laerte Vieira, Franco Montoro e muitos outros. No segundo caso, enquadram-se os *chaguistas* do Rio, os *adesistas* da Bahia e muitos parlamentares que em certa época se auto-rotulavam de *pragmatistas*. No último caso, estão os *autênticos*, novos e velhos, entre os quais os quatro deputados cassados este ano: Marcelo Gatto, Amaury Muller, Nadyr Rossetti e Lysâneas Maciel.

Os quatro foram cassados porque forçaram os limites traçados pelo regime para a atuação oposicionista. Esses limites são, no momento, basicamente dois: nada de críticas ou reparos às Forças Armadas, especialmente se consideradas em seu conjunto institucional; nada de críticas, à pessoa do presidente da República, principalmente se essas críticas incitarem ao desprestígio de sua imagem ou de sua figura institucional. O próprio caráter do regime deixa implícito que não se admite dos oposicionistas o que se convencionou chamar de "contestação" a esse regime, pressupondo também que a Oposição legal e consentida não pode fazer qualquer concessão ao comunismo ou à oposição clandestina.

Situações difíceis - No ano passado, o MDB viu-se por duas vezes tendo que enfrentar situações difíceis por ter infringido - no julgamento do governo que no caso é o único que interessa - esses limites. O primeiro caso ocorreu com o presidente do partido, deputado Ulysses Guimarães. O experimentado ex-pesadista calculou mal até onde poderia ir ao criticar o

presidente Geisel por seu discurso de primeiro de agosto (o da "distensão social"). Usou de termos e comparações que irritaram o regime, e já naquela ocasião foi levantada a possibilidade de se aplicar o AI-5, desarmado para punir o ex-senador Wilson Campos. A atuação moderada de Ulysses Guimarães, seu papel de conciliador de posições no MDB e explicações pessoais por ele dadas, de que não tivera intenção de ofender o presidente da República, esvaíram o episódio. Para o que contribuiu também, a reação dos líderes arenistas, preocupados em esgotar o assunto no próprio Congresso, por se tratar, afinal, do presidente do MDB.

Depois foi a vez do senador paranaense Leite Chaves levar seu susto. Leite Chaves também avaliou mal os limites, e deu um aparte no Senado considerado - também no julgamento que interessa ao caso - ofensivo às Forças Armadas. Foi preciso que o líder da Arena, Petrólio Portella, se movimentasse para neutralizar o fato, contando com o apoio do líder do MDB, Franco Montoro. Leite Chaves foi receptivo a um apelo para que se retratasse publicamente, chegou mesmo a submeter o texto da retratação a Portella, e se salvou do AI-5. Houve um episódio menor, envolvendo um deputado federal do MDB, que fez um discurso considerado - pelos mesmos julgadores já referidos - ofensivo e contestador. O discurso não foi publicado oficialmente, e o caso acabou aí.

Cassações - Mas, este ano, as coisas não ocorreram da mesma forma. Os ex-deputados Marcelo Gatto, federal, e Nelson Fabiano,

estadual, foram considerados culpados de ofender as Forças Armadas. Fracassaram as tentativas de retratação, e ambos foram cassados. Amaury Muller e Nadyr Rossetti foram considerados culpados por ofender as Forças Armadas, assim como Lysâneas Maciel. Os três, há muito tempo eram tidos como "contestadores" do regime (como o próprio ministro da Justiça reconheceu em relação a Maciel) e por isso não tiveram as mesmas chances de Leite Chaves e até mesmo de Ulysses Guimarães.

Em resumo, a conclusão é de que os limites não podem ser forçados. A correlação de forças não é favorável à Oposição, e o equilíbrio interno do sistema (pode-se dizer, entre *moderados* e *radicais*) não dificulta a aplicação do AI-5. O que, resta, então, ao MDB? Aceitar as regras do jogo. Ai é que entra o segundo aspecto da contradição em que se debate o MDB. O partido é Oposição, mas uma Oposição limitada. Os resultados das eleições parlamentares de 1974 animaram os oposicionistas no sentido de que, a prevalecer a mesma tendência do eleitorado, o partido ampliaria suas bases municipais em novembro deste ano, egeria mais parlamentares em 1978 e faria muitos governadores. Pela primeira vez, o MDB conhecia uma vitória.

Votos nulos e brancos - Nem mesmo os analistas do governo deixaram de constatar que a vitória do MDB foi favorecida pela canalização, para o partido, de grande parte dos votos nulos e em branco que eram característica das eleições passadas. O MDB, para os que votavam nulo ou em branco, passara a ser uma alterna-

tiva válida de oposição. A chamada "distensão", inclusive, oferecia, perspectivas mais promissoras à atuação oposicionista. As limitações, agora mais claras, colocaram os oposicionistas em dúvida: voltarão os votos nulos e em branco? O MDB teme perder grande parte de seu eleitorado, especialmente o eleitorado das capitais e grandes cidades.

O MDB está naquela situação batida, mas de grande expressividade: se ficar o bicho pega, se correr o bicho come. Essa situação não pode deixar de se refletir na situação interna do partido, ainda que nesse primeiro momento as divergências possam ser contornadas. Todas as expectativas estavam, no início da semana, voltadas para a reunião do diretório nacional do partido, que contaria também com a presença dos presidentes dos diretórios regionais. Dessa reunião sairia a decisão sobre o que o MDB deve fazer em relação às cassações.

Os riscos - Mesmo que não houvesse outra decisão além da divulgação da "nota de costume", como a chamou o presidente da Arena, deputado Francellino Pereira, as expectativas eram justificadas. Afinal, tem que se considerar, no mínimo, os termos dessa nota. Os oposicionistas, depois de verem quatro colegas serem cassados, não parecem dispostos a correr muitos riscos.

Mas, o governo também enfrenta contradições, difíceis de serem superadas. Seu partido, a Arena, vai enfrentar uma dura prova, as eleições de novembro, num quadro não muito favorável, especialmente no setor econômico. Ao mesmo tempo em que luta para consolidar e institucionalizar o regime implantado em 1964, inclusive através de eleições, o governo utiliza instrumentos excepcionais, que, por serem excepcionais, encontram reação desfavorável de muitos setores.

Em Ordem do Dia comemorativa do dia 31 de março, o chefe do Estado-Maior das Forças Armadas, general Antonio Jorge Correa, disse que o "quadro das dificuldades a superar" exige do governo "atitudes corajosas e totalmente desvinculadas de quaisquer compromissos com a popularidade". E as eleições, até segunda ordem, se realizam em novembro, daqui a sete meses. (H.M.D.)

EVIDÊNCIAS

Julgamento antecipado

Os jornais cariocas *O Dia* e *A Notícia*, de propriedade do sr. Chagas Freitas, ostentavam em primeira página, no dia 2 de abril, a manchete: "Cassado mais um subversivo do MDB."

Os dois magistrados

Enquanto o general Rodrigo Otávio Jordão Ramos, ministro do Superior Tribunal Militar, nas comemorações do 12º aniversário da Revolução de 1964, afirmava que na mente dos que a fizeram "jamais desapareceu o espírito revolucionário e democrático" e que todos os presidentes perseveraram na busca desse ideal democrático procurando "repor a Nação na ordem jurídica consentânea com suas aspirações e realidades", o sr. brigadeiro Carlos Alberto Huet de Oliveira Sampaio, presidente daquele tribunal, afirmava, através de palavras de Henrique Pongetti: "Ser revolucionário é ser ilegalista sempre que na legalidade se refu-

giarem os criminosos de lesa-pátria."

Patologia entronizada

Os trajes do deputado Aluisio Paraguassu (MDB-RS) continuam podendo ser ponto de partida para sérias considerações. Na Câmara, o deputado Jorge Uequet (MDB-RS) informava que um artigo do ex-deputado Francisco Pinto que tratava do caso do representante sulista não pudera, como a maior parte de sua recente produção jornalística, ser publicada.

Em primeiro de abril era a *Folha de São Paulo* que considerava: "A sentinela sobressaltada atira a esmo, enquanto o vigilante tranqüilo tem condições para reconhecer o tamanho e porte do perigo. Há, real diferença entre o que diz um deputado num comício eleitoral, onde a ação popular vai se manifestar pelo voto dentro de oito meses, e uma pregação subversiva instigando à desordem e à violência. Ao deputado Paraguassu, flagrado recentemente em trajes incompletos em recinto parlamentar, a mesa da Câ-

mara encontrou a forma de adverti-lo sem punir, evitando repetições e criando uma graduação de reações, o que não chegou a comprometer nossa saúde política. Mas se fosse cassado o deputado, estaria entronizada a situação patológica."

Os suspiros da panela

No dia 25 de março, o jornal *Folha de São Paulo* publicava em sua coluna *Painel*, sob o título "Suspiro": "Alguma coisa de muito importante acontecerá no Brasil, até o final da semana, e terá grande repercussão positiva, para o alívio de tensões políticas."

"Vem aí" - afirmou um dirigente da Arena - "uma decisão governamental que funcionará como o suspiro da panela de pressão." Sem mais nenhum comentário, o dirigente arenista não se impressionou, muito, com os acontecimentos da Argentina nem com a atitude de dois deputados gaúchos, que, no interior do Rio Grande, fizeram ataques ao regime: "São malucos e o regime não depende do comportamento dos loucos, mas das pessoas sãs."

PAZ E TERRA

R. Abade Ramos 78, Rio



PAULO FREIRE

AÇÃO CULTURAL PARA A LIBERDADE e outros escritos

LÚCIO KOVARIK

CAPITALISMO E MARGINALIDADE NA AMÉRICA LATINA

ANOUAR ABDEL-MALEK

DIALÉTICA SOCIAL

LUIZ COSTA LIMA FRANCISCO A. DORIA C. SAMUEL KATZ

DICIONÁRIO BÁSICO DE COMUNICAÇÃO

JOÃO PAULO DE ALMEIDA MAGALHÃES

ECONOMIA 2 volumes

PRISÃO CAUTELAR

UMA AMEAÇA AOS DIREITOS DO CIDADÃO HONESTO

Muito se discutiu a respeito da prisão cautelar, proposta recentemente em Brasília, durante a Conferência Nacional de Secretários de Segurança. Entre as inúmeras opiniões contrárias está a do criminalista Tício Lins e Silva, membro do Conselho Seccional (RJ) da Ordem dos Advogados do Brasil e um dos responsáveis pelos estudos e análises que vêm sendo feitos do problema. Durante a próxima semana o criminalista deverá estar com o trabalho concluído para sua apresentação ao Conselho da OAB, que já manifestou seu repúdio à proposta de estender aos órgãos policiais o direito da prisão cautelar.

Opinião - A partir de que ponto é fundamental a compreensão da prisão cautelar?

Tício Lins e Silva - Na segunda metade do século XVIII, quando os castigos eram todos corporais, de uma violência incrível, inclusive com pena de morte, havia o objetivo de expor o corpo do criminoso como uma forma de intimidação contra os desvios de comportamento. A figura do delinqüente era exposta publicamente, com o objetivo de intimidar, sem nenhuma preocupação com a recuperação. Os violentos castigos corporais e a pena de morte visavam apenas a esta intimidação, até que em determinado momento houve uma mudança fundamental nesta relação do Estado com o indivíduo. Um momento em que, inclusive, muda a estrutura administrativa do Estado. A monarquia administrativa, que era muito burocratizada, elitizada e centralizada, não permitia ao Estado ter o poder de polícia.

“É fundamental compreender a prisão cautelar não em nome do delinqüente, mas das garantias que o cidadão deve ter. O Código existe para dar garantia. Os princípios que o inspiraram são princípios de defesa, para evitar que se cometa injustiça.”

As infrações eram punidas das formas as mais violentas possíveis, mas as pessoas tinham todas as possibilidades de fugir à aplicação desses castigos. Era muito mais fácil a impunidade. Era rara a punição. Então, quando o Estado muda as suas relações com o indivíduo e estabelece um aumento do poder de polícia surge a penitenciária, que passa a ser o elemento de conexão entre a população e esse poder. Quer dizer, a população passa a aceitar com tranquilidade o poder de polícia, que lhe dá garantias. O delinqüente é uma figura que reforça o poder policial, porque é ele que estabelece o elo de conexão para a população aceitar o poder de polícia. E é a partir daí que se torna fundamental compreender a prisão cautelar, não em nome do delinqüente, mas em nome das garantias que o cidadão deve ter. O Código

do Processo Penal visa a oferecer garantias. Os princípios que inspiram a lei do Código de Processo Penal são princípios de defesa que querem exatamente dar estas garantias ao cidadão. Que pretendem evitar a injustiça. A prisão cautelar propõe, em nome de punir os delinqüentes, a perda de garantias do cidadão.

O - De que forma o processo penal limita o arbítrio do juiz e de toda a e qualquer autoridade?

TLS - Enrico Ferri, o maior advogado italiano de todos os tempos, criador da sociologia criminal, difusor de idéias sociológicas, no ponto de vista do direito penal, da ciência criminológica, dizia que “O Processo Penal é a lei do homem de bem, do homem honesto, e o Código Penal é a lei do delinqüente”, porque qualquer um de nós pode ser submetido a um processo penal, por um conjunto de indícios falazes, por várias circunstâncias. Mas nós só estaremos envolvidos no código penal, na lei penal substantiva, no momento em que formos realmente delinqüentes. Então o código de processo deve dar todas as garantias para evitar que se aplique em um homem de bem o Código Penal. O processo deve oferecer todas as garantias para a limitação do poder da autoridade, e limitar o arbítrio do juiz e de toda e qualquer autoridade. E a prisão cautelar baseia-se exatamente em um princípio oposto; em nome da delinqüência, em nome dos criminosos, querem aumentar o poder de polícia. Diz-se: “Há um aumento terrível de criminalidade, o crime é um problema muito sério” - e nesse momento não se pensa nas garantias que se deve dar ao cidadão, aos homens honestos. Em nome disso querem dar maiores poderes à autoridade para reprimir e se esquecem de que, nestas circunstâncias, torna-se perigosa a posição dos homens de bem, que estão sujeitos a uma injustiça. A filosofia do processo penal é oposta. Os que sustentam a idéia de que a prisão cautelar é necessária dizem ainda que

Eles têm de oficiar ao juiz, o juiz vai examinar se os pressupostos que a lei estabelece para prender as pessoas estão cumpridos e dará, ou não, a prisão preventiva. E essa prisão preventiva, na fase do processo, é a prisão cautelar, que já existe e não constitui qualquer novidade. O juiz pode a qualquer momento decretar a prisão preventiva de qualquer pessoa que esteja envolvida em um processo criminal. Mas só o juiz, e não a polícia.

O - Qual seria, no caso da prisão cautelar estendida aos crimes comuns, a alteração fundamental?

TLS - Um exemplo, se a polícia achar que eu sou um elemento perigoso ela leva ao juiz elementos que indiquem a necessidade de eu ser preso, para não fugir, ou para

Depois do recente encontro nacional de secretários de Segurança Pública, que se realizou em Brasília, veio à baila a questão da prisão cautelar, sugerida por um dos participantes. Imediatamente a Ordem dos Advogados do Brasil reagiu à proposta, pela voz de seus membros mais atuantes. Um deles, o advogado Tício Lins e Silva, diz a Opinião por que é contra a proposta.

não prejudicar as investigações etc. O juiz então decreta a minha prisão. Vou para cadeia e fico a disposição do juiz enquanto a polícia promove todas as investigações. Pode acontecer de eu nem ser denunciado, comunicando-se ao juiz que houve um engano. Dessa forma a prisão cautelar já existe no sistema brasileiro, que é a prisão preventiva, que o juiz pode efetuar em qualquer fase do processo ou do inquérito, desde que a autoridade policial presente e justifique a conveniência dessa prisão. É a alteração que se quer impor é a de tirar das mãos do juiz essa apreciação e colocar nas mãos do delegado de polícia, com algumas obrigações que são as mesmas que ele tinha perante o juiz, que seria de justificar a conveniência dessa prisão e estabelecer os pressupostos para essa decretação. O argumento é que para a polícia conseguir a prisão cautelar no atual sistema ela precisa de tempo porque existe uma burocratização imposta pelo processo, que não representa nada mais que o cerco de garantias. Se a burocracia do processo, de um lado, pode ser prejudicial, porque impede a apuração de tais ou quais fatos, ela é também garantidora no momento em que impede o excesso e evita decisões apressadas. Dá garantias ao direito de defesa. Então os argumentos mais fortes usados pelos defensores da prisão cautelar são os de que perigosíssimos criminosos, quando presos para investigações, até que o juiz seja comunicado, estão em prisão ilegal, passível de ser corrigida por um habeas corpus, e que a polícia então não

tem tempo de pedir sua prisão antes que o delinqüente, através de seus defensores, seja solto.

O - Então, a falha é da burocracia do sistema? Quanto tempo pode levar esse processo de pedido ao juiz até a prisão efetiva?

TLS - Pode levar horas. Quando a polícia tem realmente interesses ela pode, no momento em que prende o criminoso, obter elementos de provas e levar às mãos do juiz o pedido. E o juiz pode decretar a prisão. Em horas o problema pode ser resolvido, quando há o esforço de vencer estas barreiras. O que ocorre é que se a polícia apresenta ao juiz, este vai querer ouvir um membro do Ministério Público para saber se está de acordo, e se a defesa souber disso vai entrar com seus recursos, podendo haver neste confronto uma demora para a decisão do juiz. Pode ou não. Mas essa demora, embora a autoridade policial considere pernicioso, ela constitui a própria garantia, já que a regra geral não é a delinqüência. A delinqüência é um acidente no processo social, é a exceção. O comum das pessoas não é delinqüente e por isso devemos nos preocupar com a maioria e não com a minoria. Tirar a garantia da maioria em nome de um combate à minoria, em nome da repressão, não seria justo.

Com a prisão cautelar nas mãos da polícia, isso vai significar que - podendo a autoridade policial (segundo seu próprio entendimento e no momento em que ela quiser fazê-lo) decretar a prisão de qualquer pessoa, nenhum de nós teremos garantias, porque a qualquer momento, a partir de uma perseguição, de um arbítrio e até de indícios falazes, estaremos sujeitos a uma imensa injustiça. Como a Constituição só permite prender em flagrante delito ou por ordem da autoridade competente, que, no caso de crimes comuns é o juiz, a polícia é obrigada a cometer prisões ilegais. Ilegalidade que se pratica de forma elevada, segundo as estatísticas, mas que se justifica com o perigo que poderia representar este indivíduo solto. Desta forma a polícia diz que necessita de meios para defender a sociedade desses elementos, já que afirmam que o habeas-corpus é mais rápido que o pedido de repressão. Eu acho que, ainda que a sociedade sofra com isso, é justo, em nome da maioria que precisa de ter seus direitos garantidos. O que ocorre, de fato,

O - Então, do ponto de vista da Constituição a prisão cautelar em mãos da polícia não é um fato admissível?

TLS - No anteprojeto do Código de Processo Penal - uma mensagem de junho de 1975 do Poder Executivo - que está no Congresso para exame e que visa a modificação do Código Penal, produto de estudo de muitos anos de pessoas altamente gabaritadas, exis-

tiam inúmeras alterações corrigindo diversos anacronismos do Código Penal vigente. Quando ali se estabelece a prisão cautelar, mantém-se expressamente a obrigação dessa prisão ser decretada pelo juiz: “a prisão poderá ser imposta como providência cautelar e provisória ou como sanção penal, devendo em ambas as hipóteses atender-se ao seguinte: 1º) A exceção do flagrante delito ninguém poderá ser preso a não ser em virtude de mandado judicial”. Em meados de 75 então, o Poder Executivo reafirmou isso, e o que se quer agora é, na lei ordinária, incluir a autoridade policial como competente para dar essa ordem escrita de prisão. Então, do ponto de vista da constitucionalidade, se houver uma lei que dê competência à polícia de expedir um mandado de prisão, nada mais há a fazer. A Constituição diz em seu capítulo de direitos e garantias individuais que ninguém poderá ser preso senão em flagrante delito ou por ordem da autoridade competente. Quem é a autoridade competente? Pela lei atual é o juiz. Pelo projeto de lei do Poder Executivo, que está no Congresso, também é o juiz, e o que quer é fazer uma modificação nessa lei. Quer dizer, se aprovada esta modificação, do ponto de vista formal, ela passa a ser constitucional. Mas é claro que há todo um princípio que não pode de forma alguma ser esquecido. Não é à toa que a autoridade é o juiz. A Justiça penal deve ser compreendida, e isso é da maior importância, à luz das garantias constitucionais. Um regime democrático deve preservar a liberdade.

“A Constituição diz que ninguém pode ser preso senão em flagrante delito ou por ordem expressa da autoridade competente. Ora, quem é a autoridade competente? Pela lei atual é o juiz. E não é à-toa que é o juiz. Democracia deve preservar a liberdade.”

O - Qual seria a real consequência no caso da aprovação desse projeto? Que alternativas a Ordem dos Advogados do Brasil pretende propor?

TLS - O Código Penal tem uma média de 285 artigos que definem fatos puníveis. Existem leis especiais como as de economia popular, de segurança, de imprensa, de mercado de capitais e muitas outras que chegam ao número de mil, o que dá uma média de 1 300 pretextos que a autoridade policial terá em mãos para prender quem ela quiser, em nome do que for, em nome de 1 300 formas de comportamento. E isso com um sistema policial que não é eficaz nem mesmo

no sentido de fornecer

Como podemos então concordar que se dê a esse aparelho não-aprimorado, um poder de dispor da liberdade das pessoas?

ESPECULAÇÃO IMOBILIÁRIA

Despejo para cientistas e estudantes

A especulação imobiliária tem duas faces. Age com estardalhaço quando se trata de atrair compradores para um novo lançamento. Mas prefere a surdina e gestos compassados quando se trata de fazer conquistas, ou seja, comprar terrenos, em locais onde sua presença não seria bem recebida. Sobretudo quando seus lucros e proveitos vão resultar em transtornos para certas comunidades que podem reclamar. Então, as manobras são feitas nos bastidores, quase sempre com sucesso.

No Morro da Viúva, entre as praias do Flamengo e Botafogo — um dos locais mais valorizados do Rio de Janeiro, onde estão alguns dos edifícios mais luxuosos da cidade, com apartamentos que custam uma fábula — dois pequenos redutos estão ameaçados: a Casa do Estudante Universitário e, ao lado, o Instituto Fernandes Figueira, ambos ocupando uma área que, a cada dia, se torna mais atraente para os construtores do país.

Perguntas sem respostas — Há pouco mais de seis meses o economista Vinícius de Fonseca, com 10 anos de experiência no Ministério do Planejamento, foi nomeado presidente da Fundação de Pesquisas Oswaldo Cruz, que está sendo implantada em Mangueiras, na periferia do Rio de Janeiro. Apesar da aparente incoerência de se colocar um economista à frente de uma fundação científica, a nomeação foi aceita por alguns, com base em sua inegável experiência administrativa. Que, aliás,

O IFF, lembram alguns médicos revoltados, foi criado há 40 anos, para fins de investigações no campo da Medicina materno-infantil. Durante todos esses anos, seu hospital vem dando assistência às gestantes e crianças das camadas menos favorecidas da Zona Sul. Sobretudo os favelados (só na favela da Rocinha tem 90 mil habitantes sem falar nas demais da Zona Sul). Com sua transferência restará apenas, para essa assistência, na região, o Hospital da Lagoa, com 50 leitos.

Os que não aceitam a transferência contam um fato ocorrido há alguns meses: os residentes foram surpreendidos com uma reunião com o diretor Newton Potech onde se discutiu a venda da área do instituto a uma companhia imobiliária que apresentava "proposta irrecusável". Os argumentos chegaram a girar em torno da "troca destes pequenos quartos daqui por apartamentos com televisão a cores, em Mangueiras".

Outros problemas — Há quatro anos o Instituto — esquecido pelos planejadores nas dotações de recursos financeiros — vem sobrevivendo graças aos esforços de seu quadro de servidores e medidas financeiras ocasionais, solicitadas por seus diretores. De 1975 para cá, a recusa aos pedidos de recursos acentuou-se e, a partir de dezembro, foram suspensas as internações e o ambulatório continuou suas atividades em caráter precário. Não obstante, o Instituto sobreviveu.

A transferência para Mangueiras não significa somente, afirmam alguns médicos, a extinção de um Instituto e hospital que vem prestando serviços e assistência à

comunidade e a possível vitória da especulação. Representa, também, um outro problema, de caráter profissional.

Ocorre que só poderão ir para Mangueiras os profissionais registrados pela CLT ou seja, 5% de seu quadro atual, uma vez que o pessoal estatutário de nível superior representa cerca de 95%, que entrarão em disponibilidade, apesar de sua grande experiência e comprovada capacidade para ensino e pesquisa. Vinícius de Fonseca diz que "a centralização em Mangueiras permitirá uma administração mais racional e diminuição de despesas, além de vir a definir o rumo das pesquisas no Brasil". Os médicos do IFF lembram que a contratação de novo pessoal virá duplicar essas despesas

Como primeiro centro de investigação pediátrica do Brasil, o IFF formou, durante todos esses anos, catedráticos que hoje pertencem aos quadros docentes das principais faculdades de Medicina do Estado sem falar nos especialistas em pediatria, obstetria, ginecologia, enfermagem, serviço social, ortopedia, nutrologia, anatomia patológica e, mais recentemente, psicologia e cirurgia infantil. E que, hoje, não podem ser dispensados caso

Os descontentes com a transferência não se limitam às queixas mas apresentam soluções. Uma delas, seria transferir o prédio para a alçada do INPS que mantém o hospital e o quadro de funcionários, com evidentes vantagens para a população. Uma carta que chegou recentemente à Associação Médica do Rio de Janeiro trouxe alguma esperança. Neia, o secretário-geral do Ministério da Previdência Social, Luiz Assumpção Paranhos Velloso, informava que a proposta tinha "merecido atenção especial do Sr. Ministro", mas que a cessão do IFF ao INPS estava dependendo de entendimentos superiores, em fase conclusiva. Por enquanto, todos os interessados — os médicos do IFF e os especuladores imobiliários — estão na expectativa.

Casa do estudante — A mesma expectativa, aliás, impera na Casa do Estudante Universitário, ao lado. Parece que o destino desses universitários depende da solução que se der para o IFF, uma vez que aos especuladores interessaria todo o terreno.

Até 1973, a CEU funcionava na Lapa mas a remodelação do velho bairro exigiu o sacrifício do prédio que acolhera, durante anos, milhares de estudantes de poucos recursos. Na época,

transferindo os rapazes para a antiga Escola de Enfermagem Ana Nery, no Morro da Viúva. Em princípio, eles ficariam ali seis meses, até que lhes fosse cedido um outro prédio.

Na medida, porém, em que nenhuma solução era encontrada para seu caso — e os estudantes recorreram a diversas administrações — o jeito foi eles se acomodarem naquela extensa casa velha de três andares mas bastante acolhedora, graças aos esforços dos rapazes. Assim, através de comissões eleitorais, passaram a escolher uma diretoria (formada por três residentes). Ficou estabelecido

que cada um dos moradores pagaria uma mensalidade de 10%, do salário mínimo pois a Universidade do Brasil paga água, luz e gás, mas, o restante das despesas — telefone, manutenção do prédio, pagamento de três funcionários encarregados de limpeza, instalações elétricas e cozinha — é por conta dos residentes.

Existe ainda a cantina, onde pagam 6 cruzeiros por cada refeição, um preço razoável para quem recebe mesada curta ou trabalha

Alguns não têm dinheiro nem para pagar os 10% da mensalidade mas, com boa vontade, as coisas se ajustam. Basta dar uma mãozinha na cantina ou na limpeza.

O albergue — que acolhe estudantes de passagem pelo Rio — tem um preço ainda mais razoável: de 5 a 10 cruzeiros, dependendo das possibilidades de cada um. E apesar de o diretor Newton Potech, do IFF, ter afirmado na famosa reunião com os médicos que "ali moram uns poucos estudantes que só sabem depreder o prédio", parece não ser esta a impressão que o Ministério da Educação tem da Casa do Estudante. Tanto que ali o MEC hospedou professores de Santa Maria e inúmeras delegações que passa-

No Morro da Viúva, Rio de Janeiro, uma Casa de Estudantes e um Centro de Pesquisas médicas estão na mira dos especuladores.

ram pelo Rio. A Riotur também recorreu aos estudantes, por ocasião do Congresso da ASTA. Precisava de um local para hospedar as delegações do Piauí e Paraíba, a solidariedade dos rapazes da CEU que prevaleceu.

O assédio — Além disso, as grandes salas da CEU são continuamente cedidas para grupos de teatro amador, aulas de dança, capoeira, cine-clubes, conferências e debates. Para abril, está sendo programada uma semana de cultura brasileira, abordando temas como cinema, teatro, literatura, folclore, música etc.

Mas, apesar dos serviços prestados ao MEC e Riotur e da organização que conseguiram, "pondo a casa em ordem", os estudantes se sentem bastante ameaçados. Aliás, o clima de instabilidade não é novo e sempre existiu. Tanto que se habituaram a ver, entrando porta adentro, prováveis interessados na compra ou ocupação do prédio. O prefeito Marcos Tamyoy ali esteve em busca de um lugar para instalar a prefeitura. Felizmente, seus olhos se voltaram para a antiga Embaixada inglesa na Rua São Clemente. A Rádio MEC também sondou as possibilidades de atuar ali mas, depois se desinteressou, para alegria dos moços.

Finalmente, se defrontam com um "interessado" mais perigoso, o especulador imobiliário que, dizem, já tem nome e bastante conhecido: o empresário Sergio Dourado que, não poucas vezes, tem destruído

Mas, por enquanto, só resta aos médicos do Instituto Fernandes Figueira e estudantes da CEU, cruzar os dedos e esperar.

OBRAS URBANAS

Progresso ou corrida de obstáculos?

Buracos são necessários. E o progresso. A frase, sem dúvida bem construída, foi insistentemente usada pela Companhia de Água e Esgotos do Ceará, na tentativa de desenvolver nos habitantes de Fortaleza uma certa paciência para com as obras que se multiplicavam pela cidade e — como ocorre em tantos outros centros urbanos — pareciam não mais acabar.

No Sul, à exceção do slogan da Light — "Desculpe, estamos trabalhando" — aparentemente, não houve campanha similar, de resto, desnecessária porque dificilmente convenceria os habitantes de seus bons propósitos. Assim, os buracos foram surgindo em todas as cidades, sem maiores explicações e causando inúmeros transtornos.

A quem recorrer? Às colunas especializadas dos jornais ou aos programas populares nas rádios, mas sem resultados. O brasileiro urbano foi se tornando um fatalista, aceitando as obras intermináveis como uma espécie de calamidade natural que não se podia evitar. Quando muito podia-se apelar para o bom humor, como os cariocas, lembrando, em piada, a criação de uma nova empresa, bastante ativa: a EMOBRAS.

Circular — Até que, dias atrás, através de uma circular dirigida a todos os governadores, o ministro Golbery do Couto e Silva revelou que a Presidência da República, através de correspondência recebida, estava ciente da insatisfação popular em relação à demora excessiva de certas obras públicas.

"Os entraves ao trânsito decorrentes da obstrução das vias públicas, a ausência de sinalização adequada e a poluição", tudo isso, dizia o ministro, provoca uma irritação popular que acaba por "minimizar, se não anular, a expectativa dos benefícios" que essas obras trariam. E, justamente por estarmos num ano eleitoral, o ministro fez questão de lembrar aos governadores que "a boa execução de uma obra pública bem programada vale mais para o governo que a execução, do que qualquer tipo de publicidade, inspirando, na população beneficiária, confiança e respeito pelo poder público". A nota terminava pedindo às autoridades atenção especial para o problema.

O caos — Na verdade, parece ter-se instalado o caos nas grandes cidades. "Todo o Estado é um canteiro de obras", afirmava o governador de Pernambuco, Moura Cavalcanti. Desolado, queixava-se o prefeito de São Paulo Olavo Setúbal, depois de ter ciência da circular: "Não existe nem mesmo um mapa do que há no subsolo da cidade." Como explicar tudo isso?

Setúbal foi o único a tentar esmiuçar o ministério para o Estado de São Paulo, demonstrando a total falta de controle das autoridades sobre a situação. "As concessionárias de serviço público", disse ele, "costumam projetar obras sem levar em conta as características da cidade, suas dimensões e, inclusive, a localização."

— As empreiteiras — disse ainda — costumam subempreitar serviços a firmas de menor porte, o que faz com que muitas valas sejam abertas por operários desqualificados para a função. Cada uma dessas

concessionárias tem um sistema institucional independente e, a deduzir-se das palavras do prefeito, não existe uma forma ou um órgão eficaz para coordenar ou fiscalizar seus trabalhos.

A cidade fica, assim, desprotegida. O crescimento imobiliário, descontrolado, não é acompanhado, em muitos bairros, por um planejamento de infra-estrutura. Surgem novos edifícios, com muitos apartamentos, a exigir um escoamento de esgotos para o qual a área não está preparada. Da mesma forma, existe a demanda de água, luz, esgoto. Surgem os buracos da Light. Depois de fechados, vêm os da Telefônica e assim por diante. Se o serviço é feito por uma subempreiteira, não qualificada, as soluções serão, naturalmente, transitórias.

Os moradores da Theodor Herzl, uma pequena rua de 100 metros no bairro de Botafogo, zona Sul, viveram nos últimos dois meses de 1975 a expectativa de uma longa vala aberta e cimentada pelo menos cinco vezes, sem que ninguém entendesse perfeitamente o que estava acontecendo e sem que os trabalhadores soubessem explicar. As reclamações aos jornais de nada adiantaram porque aliás, isso ocorre em dezenas de ruas do Rio.

Transtornos — Outros transtornos são causados pelas grandes obras paralisadas. Por falta de verbas, falhas técnicas ou questões judiciais. No primeiro caso temos em Salvador, a rede de esgotos, a duplicação da Avenida Vasco da Gama e o acesso Norte da cidade. No Pará por falta de recursos, está parada a Hidrelétrica de Curuá-Una, a Penitenciária Estadual e um estádio de futebol que veio somar a tantos outros construídos, em outros Estados, nas últimas gestões.

As falhas técnicas, além de paralisar a obra, podem conduzir a tragédias como a do Elevado Paulo de Frontin, no Rio, inaugurado muito tempo depois do previsto. Em São Paulo, informou o prefeito Olavo Setúbal, o Viaduto Jabacuará está atrasado um ano e meio em virtude de dúvidas suscitadas por alguns técnicos em relação ao seu cálculo estrutural. O Túnel Frei Caneca, no Rio, pouco faltando para sua inauguração, começou a despertar suspeitas em virtude de alguns vazamentos e fissuras por onde corria água.

Questões judiciais, também podem trazer problemas: o viaduto da Avenida Água Funda, em São Paulo, está atrasado um ano em virtude de problemas sobre a posse de alguns terrenos de acesso. Sem falar em obstáculos que não foram previstos: o Viaduto Rodrigues Alves, sobre a Avenida do Cordeiro, também em São Paulo, atravessou seis meses: tempo suficiente para que a Sabesp movesse sete autoras que passam sobre a obra e de cuja existência ninguém sabia.

Os navios — No Rio, o carioca já apelidou de navios aos grandes buracos cercados por frágeis tábuas e baldes vermelhos e que tumultuam a vida da cidade há mais de cinco anos, "ancorados" nas vias principais. O metrô, seria a causa principal e razão dos buracos.

HOSPITAIS

O problema dos residentes

Na semana da circular, o governador Faria Lima não quis comentar o assunto com *O Estado de São Paulo* alegando não estar notificado oficialmente. O prefeito Marcos Tamoyo, lembrou o jornal, não é responsável pelo problema, por uma razão muito simples: não tem dinheiro em caixa, para as obras. Depois da fusão, o orçamento da Prefeitura caiu de Cr\$ 9 para Cr\$ 3 milhões, dos quais 2,5 são gastos com o funcionalismo.

O secretário de Obras do Estado, Hugo de Matos, absolveu-se afirmando que nenhuma grande obra da cidade está sobre sua responsabilidade. Deu a entender que as obras estão sendo financiadas ou executadas pelo governo federal e, assim, respondeu gentilmente à circular.

Enquanto as autoridades definem responsabilidades, os cariocas "penam mais que mulher de malandro", como costumam afirmar. Três pontos nevrálgicos da cidade atestam o drama. A Avenida Brasil, coluna vertebral, via única de acesso dos subúrbios, Estados e cidades próximas, está constantemente interditada em vários trechos. A Presidente Vargas e o Centro da cidade, foram transformados num único e grande buraco, afugentando os consumidores e levando ao desespero os milhares de comerciantes ali estabelecidos.

Os moradores e comerciantes do histórico bairro do Catete onde existe o famoso palácio do mesmo nome, não estão sofrendo menos. Praticamente todas as ruas do bairro - cerca de 20 quarteirões - estão interditadas para as obras do metrô. Oito ruas foram fechadas para carros e, para infelicidade dos ecólogos, dezenas de oitis, frondosas árvores que ornavam a Rua do Catete, foram postas abaixo. No trecho entre as ruas Ferreira Viana e Silveira Martins, os estudantes têm que se equilibrar sobre frágeis pontes de madeira, formando longas filas para atingir suas escolas. Os barracões dos trabalhadores do metrô, sem sanitários transformaram-se em perigosos focos de doença e as valas abertas exalam um incômodo e persistente mau cheiro.

Mas existem ainda obras no Galeão, Laranjeiras, Tijuca, Meier, Copacabana, Flamengo, Botafogo e muitos outros bairros. Da confusão não escapam nem mesmo os moradores dos bairros mais privilegiados, Ipanema e Leblon. O colunista social Zózimo do Amaral, acostumado a dedicar sua coluna geralmente aos acontecimentos do chamado *grand monde*, gastou, na semana da circular, duas longas colunas para relatar sua aventura a caminho do *Jornal do Brasil*.

Num percurso de 14 quilômetros, saindo de Ipanema em direção à Avenida Brasil, ele teve que transpor sucessivos obstáculos, em virtude de obras antigas ou recentes, na Avenida Epitácio Pessoa, ruas Garcia Dávila, Anibal de Mendonça, Fonte da Saúde, Túnel Rebouças e assim por diante. Sem esquecer de citar o que ele chama de "comércio marginal" representado por meninos que, nos cruzamentos, vendem balas, chicletes, plantas, limões, biscoitos e acessórios de automóveis para aferir algum lucro de que sobreviver na metrópole.

Enfim, se vale de consolo, o relato do colunista serve para mostrar que os ricos habitantes da zona Sul, para se deslocarem na superfície da cidade, vivem os mesmos transtornos de seus habitantes menos favorecidos. Com a vantagem de, ao chegarem em casa, encontrar uma mesa farta e muitas formas de diversão para o necessário relax. (Iza Frezza)

Os médicos residentes, hoje cerca de nove mil em todo Brasil, trabalham em sistema de dedicação exclusiva, por um salário irrisório ou mesmo de graça, sem receber aquilo que teoricamente deveriam ter: uma orientação por parte dos hospitais e de seus colegas mais experientes, através da qual pudessem se aperfeiçoar. A situação da residência médica hoje no Brasil apresenta uma série de deformações, geradas quase sempre pelas deficiências do ensino médico e pelo oportunismo de alguns hospitais.

Com a finalidade de preparar o XI Congresso Nacional, foi realizado nos dias 2, 3 e 4 deste mês, em Brasília, o Encontro Regional de Médicos Residentes, com representantes da Capital, do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais e contanto com a participação de autoridades dos Ministérios da Educação e Cultura e da Previdência Social. No encontro, foi discutida uma das reivindicações principais levantada pela Associação Nacional de Médicos Residentes (ANMR) - a de que os Ministérios da Educação e Cultura, do Trabalho, da Saúde e da Previdência Social elaborem uma legislação que obrigue os hospitais a cumprirem as funções da residência médica.

Atualmente, a maioria dos hospitais particulares, e até do Estado e previdenciários, usa o médico residente como uma opção de mão-de-obra barata. Em vez de contratar novos médicos para seus quadros com salários adequados, os hospitais abrem vagas para residentes, muitas vezes com bolsas baixíssimas, como a da Suseme, (Superintendência de Serviços Médicos do RJ) que varia de Cr\$ 600,00 a 700,00.

Especialização - Nos anos de 1945 e 1946, duas instituições que na época se destacavam pelo alto nível técnico-científico de seus serviços - o Hospital das Clínicas da Universidade de São Paulo e o Hospital dos Servidores do Estado do antigo Distrito Federal - estabeleceram programas de especialização para médicos. O termo *residência médica* surgiu em decorrência desses programas exigirem a moradia do médico no hospital, dedicação em tempo integral e uma duração de dois a três anos. Com um modelo importado dos grandes hospitais norte-americanos, a residência médica servia para uma especialização de alto gabarito. Segundo a tese apresentada pela Associação dos Médicos Residentes do Estado do Rio de Janeiro (Amererj), "as atividades do residente naquela época se restringiam àquelas consideradas como ligadas à especialidade para a qual ele se preparava".

Ainda segundo essa tese, a Medicina na época era voltada para o atendimento de minoritários setores da população, com um perfil epidemiológico (características de saúde e doença) bastante particular. Mas com a ampliação do atendimento médico a outros setores da população e o crescimento da previdência social, passou a haver maior necessidade de médicos "generalistas" e um número menor de especialistas.

- O médico deve ser preparado para o atendimento dentro da realidade do país. O ideal seria formar médicos "generalistas", para atender a uma ampla faixa da po-

pulação, mas o ensino nas faculdades está voltado para a formação de especialistas, para atender apenas a uma minoria. O que o aluno de medicina tem durante seu curso é uma "feira de amostras" das especializações, que faz com que todos inevitavelmente, procurem a residência médica. Cerca de 90% dos médicos recém-formados no Rio de Janeiro e em São Paulo procuram a residência médica para se especializarem. Apenas 10% dos recém-formados deveriam - em tese - procurar a residência e se especializar, o que seria suficiente para atender às camadas da população que necessitam desse tipo de atendimento. O restante já deveria sair da faculdade com condições imediatas de trabalho como médicos "generalistas", o que viria de encontro com as reais necessidades do país no campo da saúde.

Essa opinião é de Eric Jenner Rosas, secretário da ANMR, para quem, no entanto, o problema não estaria inteiramente resolvido só com a formação de médicos "generalistas", porque estes não teriam mercado de trabalho. Apesar das transformações e da implantação do sistema previdenciário, a medicina ainda é hoje, segundo Eric, dirigida para atender aos setores de alto poder aquisitivo, o que exige um tratamento com técnicas mais sofisticadas:

- Trata-se de uma medicina cada vez mais privada, buscando mais o lucro. Por outro lado, a medicina estatal, que não visaria o lucro, não tem assumido o seu papel de atender à maioria da população.

Residência como Alternativa - Este quadro de deformações, tanto no ensino médico como no mercado de trabalho, é que cria a possibilidade de os hospitais usarem inadequadamente a residência, que é uma das poucas alternativas para o médico recém-formado, segundo Hélio Artur Bacha, presidente da ANMR:

- A residência médica surge então como a forma sedutora de intermediarmos a formação médica. A Universidade, confessando sua incapacidade, delega poderes a outras instituições para que exerçam de fato o ensino médico, fazendo da residência médica não mais um curso de especialização, mas apenas a complementação do curso médico graduado de má qualidade.

Nessa situação os médicos residentes desenvolvem nos hospitais atividades que não são especializadas e não contribuem para o seu aprimoramento. A esse respeito a tese enviada pela Amererj propõe o seguinte:

"O desejável seria que essas tarefas mais simples fossem executadas por médicos não residentes, contratados por salários de acordo com a legislação trabalhista. Aos residente caberia apenas, como era no princípio da instituição da Residência Médica, executar as ações médicas ligadas ao seu interesse como especializando. No entanto, o que fazem cada vez mais os hospitais, desde que descobriam essa fonte de trabalho barato? Realizam o grosso de seu atendimento, de seus compromissos sociais e financeiros através do médico residente, sem se importar com o fato de a atividade deste estar ligada ou não ao aprendizado."

Salário ou bolsa? - Hélio Bacha calcula em cerca de 15% num total de 15 mil, o número de médicos residentes na cidade do Rio de Janeiro, executando, em toda a área do Grande Rio, juntamente com os estagiários, 40% das atividades hospitalares. "No Rio de Janeiro, por exemplo, mesmo entre hospitais institucionais, já se consagrou a política de abrir maior número de vagas para residentes em detrimento da contratação legal de profissionais médicos. Em alguns hospitais vemos até mesmo a exoneração de médicos contratados."

Isso levou a ANMR a estudar o problema salarial dos residentes. Segundo a regulamentação do MEC, são cursos de pós-graduação, *sensu strictum*, apenas o mestrado e doutorado, enquanto seriam pós-graduação em *sensu lato* todos os cursos realizados depois da graduação. Este é o caso da residência médica, pré-requisito para se entrar em cursos de mestrado. Mas da parte do MEC não há nenhuma legislação que regule o funcionamento dos cursos de pós-graduação *sensu lato*.

A falta de regulamentação de formas de pagamento por parte do MEC para os residentes (os cursos de mestrado e doutorado normalmente têm bolsas fornecidas pelo Capes e CNPQ) fez com que a ANMR consultasse o Ministério do Trabalho a respeito, em 1969. Segundo parecer deste ministério, não existe legalmente, para fins trabalhistas, a categoria de "médico residente", devendo portanto seus vencimentos serem estabelecidos nas mesmas bases dos demais médicos, cujo salário mínimo profissional, de acordo com a Lei 3999/61, é o correspondente a três salários mínimos regionais por 24 horas de trabalho semanal. A reivindicação da ANMR, no entanto, não é a de equiparar o salário dos residentes com o dos médicos em situação regular, pois os primeiros trabalham cerca de 72 horas semanais e a aplicação da legislação trabalhista tornaria inviável, devido às despesas que acarretaria.

"Essa equiparação não é, portanto, a nossa reivindicação. Um médico recém-formado admite trabalhar, recebendo abaixo do legalmente estabelecido, se este trabalho é feito em local e em condições tais que representem para ele aprendizado e aquisição de experiência indispensáveis à sua prática posterior. Ao que somos contrários é que 1) essa baixa remuneração (e em alguns lugares não-remuneração) seja recebida em troca de nada ou quase nada em termos de ensino; 2) mesmo que satisfeito com seu aprendizado, o residente seja remunerado a níveis vis (ou não remunerado) já que, embora aprendendo, presta serviços profissionais; é um profissional de nível superior, exigindo-se dele tempo integral e dedicação exclusiva além do fato de que seu aprendizado implica elevados gastos com instrumentos e livros técnicos."

Este é um trecho da tese apresentada pela Amererj no Encontro Regional de Brasília e que solicita que a regulamentação da residência médica estabeleça o valor da sua remuneração.

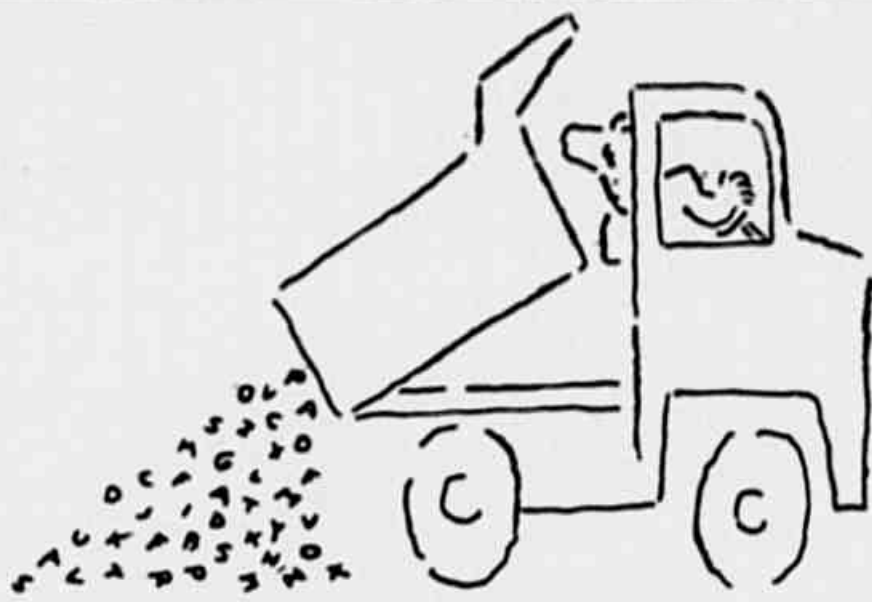
Credenciamento - Depois de sua fundação, em 1967, a ANMR estabeleceu padrões para o funcionamento das residências médicas nos hospitais, passando depois a credenciá-las. Este credenciamento não tinha caráter oficial, e seu valor era fundamentalmente moral. Nessa época em que a residência médica ainda não tinha perdido suas características originais, os hospitais solicitavam e disputavam o credenciamento dado pela ANMR.

Mas a partir de 1973, com o aumento da procura da residência médica, começaram as deformações de suas características originais, por parte de muitos hospitais. Com isso, foram se desmoralizando e perdendo efeito prático as normas estabelecidas pela ANMR, pois esses hospitais, que instituíam "pseudo-residências" não tinham o menor interesse em obter o credenciamento. Essa deterioração da residência médica começou nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, onde o número de médicos é bastante elevado.

Segundo as normas da ANMR, a Residência Médica pressupõe que ela seja um curso de pós-graduação equivalente à especialização, com estágios supervisionados, essencialmente práticos, mas com embasamento teórico, dedicação exclusiva, bolsas de estudo. Sua duração deve ser flexível, de acordo com a especialidade e o propósito é o de formar especialistas de elevado padrão técnico científico. Mas a realidade atual da residência médica é bastante diferente. Ela apenas realiza a complementação de ensino de graduação deficiente, obrigando os médicos à prestação de serviços sem a supervisão necessária e fazendo com que estes tenham outros empregos devido à bolsa irrisória. No final da residência, o médico realiza uma especialização precária e desempenha uma prática médica para a qual não se preparou.

Considerando esse fatores, a ANMR pensa que a antiga forma de credenciamento, de valor puramente moral, não mais funciona, reivindicando então que seja feita uma regulamentação oficial da residência médica. Sensível a estes problemas, o Departamento de Assuntos Universitários do MEC está concluindo um estudo, juntamente com os ministérios da Saúde e da Previdência Social, visando a regulamentação da residência médica que seria válida para todo o país. (Paulo Vasconcellos)

1 - "O trabalho do generalista não é menor, como se difundiu nos últimos anos entre os próprios médicos e também entre seus pacientes. É, ao contrário, apenas distinto do trabalho do especialista. E este é tão mal capacitado para executar o trabalho 'generalista' como o inverso. Na verdade, ocorre até o contrário; em geral, um bom generalista, com prática suficiente, é muito mais capaz de avançar na área de diferentes especialidades do que o especialista é em resolver problemas, mesmo simples, longe de sua alçada." (Teses da Amererj).



EDUCAÇÃO

Professores reprovados

O Dia do Professor, em 15 de outubro do ano passado, poderia ter sido uma data festiva não fosse o coro de lamentações que se ouviu por todo o país. "Nada temos a comemorar", respondiam os professores consultados, acenando com um quadro nada otimista onde sobressaiam a baixa remuneração, o atraso nos salários, as salas superlotadas, a falta de condições para exercer a profissão e o pouco tempo para aprimorar seus conhecimentos.

A esse quadro os professores poderão acrescentar, esse ano, um dado novo e constrangedor: a reprovação, em massa, dos que participaram dos concursos para o magistério. No Rio e São Paulo, dois dos estados mais importantes e onde supõe-se que o ensino tenha melhor qualidade, a reprovação foi de mais de 80%, índice considerado com estupefação pelos próprios professores embora visto com "naturalidade" por algumas autoridades do setor.

Análises - A desastrosa atuação dos professores (sobretudo em Matemática, Português, Ciências e Educação Física) mereceu, depois dos resultados, uma cuidadosa análise dos principais jornais, todos preocupados com a catástrofe.

A professora Hedy Vasconcelos lembrou a *O Globo* com base em pesquisa por ela feita entre 113 professores que "os educadores de melhor nível cultural abandonam o magistério para se dedicarem a outras profissões que oferecem mais vantagens, permanecendo na carreira apenas aqueles que estão desatualizados e não têm base para tentarem outra profissão".

E o conselheiro Aluísio Boynard, do Conselho Estadual de Educação, afirmava: "Sucessivamente, professores mal formados formam mal outros professores, que darão continuidade ao processo nas mesmas bases. É difícil alterar alguma coisa, porque a formação dos professores e seus problemas específicos estão no contexto da própria escola brasileira e de seus problemas gerais. É urgente a necessidade de rever os currículos de formação de professores em todos os níveis. Deve ensinar-se o professor a pensar".

Nesse contexto, era posta em dúvida a qualidade de ensino recebida pelos professores mas, aparentemente, o sistema de ensino saía ileso da análise, com o que não concordava *O Estado de S. Paulo*. Em editorial, afirmava o jornal paulista: "Na verdade, os 80% de reprovação no concurso significam que o Estado de São Paulo - e, ao que tudo indica, também as demais unidades da Federação -

possui muitos poucos estabelecimentos onde se formam mestres com capacidade suficiente para dar um ensino de boa qualidade. Significam que o Brasil tem poucas mãos em que possa depositar, com confiança, esse futuro."

- Mas, continuava o jornal "os 80% de reprovação significam também que todos - professores, candidatos, alunos - estão sendo submetidos a uma farsa. A farsa das faculdades que ensinam, dos cursos que dão diploma de licenciados a candidatos que não conseguem depois exercer a profissão, simplesmente porque não reúnem condições para isso. Em outros termos, é a farsa dos estabelecimentos que atribuem, aos estudantes que os frequentam, um documento que, embora reconhecido pelo Poder Público, de nada vale".

"A culpa pela situação" - finaliza o editorial - "não cabe, evidentemente, aos candidatos. Para se usar português claro, eles foram enganados. Logrados pelos proprietários dos estabelecimentos de ensino que frequentaram - pagando por isso - confiando em que deles sairiam em condições de ensinar. Logrados pelos falsos educadores que os exploraram de todas as formas, montando caros cursos de 'aperfeiçoamento' e oferecendo 'títulos' em penxa. Mas, mais triste que isso, foram logrados também pelo poder que não apenas permitiu que fossem abertas faculdades caça-níqueis, mas também que deixa de fiscalizá-las eficientemente e de exigir-lhes a obediência a padrões mínimos de qualidade. Em outras palavras, pelo poder que criou a farsa estatística em que se transformou o ensino superior brasileiro".

Artifícios - Na verdade, esse quadro de deficiência na formação do magistério já foi detectado há algum tempo. Tentou-se, então, reparar o erro ou amenizar suas consequências. O Plano Setorial do MEC inclui cursos de especialização, atualização e reciclagem de professores. Em todos estados multiplicaram-se os cursos de aperfeiçoamento. A "licenciatura curta" surgiu para formar professores para a 5ª e 6ª séries. Não faltaram também cursos de extensão universitária para os de nível superior.

Todos esses artifícios - criados na tentativa de fazer com os professores recuperassem o tempo perdido num curso mal feito - resultaram inoperantes pois, como afirma o conselheiro Aluísio Boynard "nos últimos anos nada que fosse básico se alterou em matéria

de formação de professores: ela continua muito deficiente e descompromissado com a expectativa em relação ao seu produto, quer em nível do curso normal, quer em nível de cursos superiores".

Em que nível de ensino começam estas deficiências? A pergunta inquieta as autoridades que pretendem, uma vez tendo as respostas, quebrar o "círculo vicioso". Uma pesquisa ainda não terminada - revela *O Globo* - permitiu à Secretaria de Educação do Rio de Janeiro concluir que as deficiências dos professores começam com o mau ensino do 2º grau, persistindo, de maneira mais aguda, na faculdade.

Talvez, dentro de pouco tempo, outra pesquisa conclua por níveis ainda mais baixos, a acreditarmos numa publicação oficial do Movimento Brasileiro de Alfabetização, que circulou no MEC, informando que "os alfabetizadores do Mobral são despreparados e, em sua grande maioria, não têm qualquer qualificação para executar a tarefa de professor".

De qualquer forma, mesmo que tais pesquisas permitam sanar o problema e interromper a cadeia ainda em tempo, persistirão outros problemas, no exercício do magistério: a baixa remuneração e o pouco tempo para aprimorar os conhecimentos. O professor Sérgio Guerra, presidente da Associação de Professores Licenciados do Brasil explicou há algum tempo à *Tribuna da Bahia*: "O professor dá oito horas de aulas por dia, incluindo o sábado. Temos duas horas por semana para coordenação pedagógica nos colégios e mais quatro horas para tarefas complementares, como corrigir provas, planejar aulas. No fim, trabalhamos 12 horas por dia. Como ouvir, por exemplo, falar em Mac Luhan? Que tempo temos para estudar? Como ter hábitos de leitura, estudos e pesquisa se nos falta tempo e dinheiro? Cada vez damos mais tempo ao Estado e menos ao aluno. Parece um paradoxo, mas o que preocupa atualmente é a quantidade e não a qualidade. A relação professor/aluno está cada vez mais anônima."

Assim a vida do professor, também se transformou um círculo vicioso. Dá mais aula para ganhar um pouco mais de dinheiro e os dois - tempo e dinheiro - resultam insuficientes para seu aprimoramento. Desalentado, conclui o professor Guerra: "O professor já foi classe média, hoje é proletário mesmo, e com tendência a desaparecer." (Iza Frenza)

IMIGRAÇÃO

Aventuras de um empresário lusitano

Os portugueses refugiados no Brasil depois de 25 de abril vêm sendo tratados invariavelmente como pessoas dignas de pena, solidariedade ou auxílio. Através de formas organizadas como o Movimento de Apoio aos Imigrantes Portugueses, ou de maneira isolada como os românticos humanitários de alguns empresários brasileiros, eles vêm sempre conseguindo facilidades de emprego, divulgação amistosa nos grandes jornais, hospedagem sofisticada (a mansão de Carlos Lacerda é um bom exemplo); enfim, todas as facilidades. O editor Diniz Gandon da Nazareth Fernandes, proprietário da Portugália Editora, não poderia ter fugido à regra. Depois de ter a sua casa no Estoril invadida por trabalhadores que reivindicavam melhorias salariais e de ter sido seqüestrado por outros trabalhadores, o empresário sentiu que - mesmo com um aumento da ordem de 400% nas vendas de sua editora com a subida do MFA ao poder - o país já não era exatamente aquele que ele poderia desejar para prosseguir tranquilamente a acumulação dos lucros de seu negócio. Se as vendas aumentaram, as pressões salariais cresceram na mesma proporção e agora com o apoio de forças que estavam no Poder. O empresário ainda tentou usar de suas influências pessoais junto ao então general Spínola, mas depois de 11 de março se viu ainda mais solitário. Em Madrid, participou de um encontro com vários outros capitalistas portugueses em que se decidiu unanimemente que o melhor para todos era procurar solos mais estáveis. Diniz Gandon, com 25 anos de idade e trazendo com ele o pai e os irmãos, chegou ao Brasil em meados do ano passado. Em círculos mais íntimos, logo ficaram conhecidos sua admiração incondicional pelo general Pinochet, seus vínculos afetivos com o ex-general Spínola, sua perturbação interior por ter que viver seus pri-

meiros meses de Brasil num apartamento no Leme, "um bairro para gatinha" - como teria definido. Numa conversa acalorada na editora Hachette (que serviu como distribuidora de seus livros até o mês passado), chegou a afirmar que Hitler é o maior vulto da história contemporânea. Em matéria de negócios, sempre procurou deixar claro que não tem tabus ideológicos: as maiores tiragens de sua editora em Lisboa durante o último ano estão por conta de Otel Saraiva e Bertold Brecht. Pelo mesmo motivo, já decidiu também entupir as livrarias brasileiras com romances pornográficos. Obras-primas como *A Gaiola Sensual*, de Per Wästberg, *A Bastarda*, de Violette Leduc, ou *Decadência pelo Amor*, de D.H. Lawrence, já estão à disposição do leitor brasileiro graças à presença em nossa terra de Diniz Gandon. O empresário, aliás, não cessa de fazer elogios e agradecimentos àqueles que o estão recebendo e incentivando como a um irmão. Além do mais, não esconde sua satisfação diante de certos "aspectos técnicos" como a mão-de-obra mais barata ou um mercado editorial ainda retraído e por se desenvolver. Diniz Gandon já tentou algumas vezes reestabelecer contatos com Lisboa visando as facilidades para retornar ao país, o que parece porém muito difícil. Agora anuncia o lançamento do romance *A Invasão dos Ratos*, de James Herbert, que procura atingir os mesmos leitores do já lançado *Tubarões Comedores de Gente*, um ensaio escandaloso que explica desde "como foi feito o filme *Tubarão*" até "o que é um tubarão". Nessa linha de edições, pretende estar em mais seis meses na frente de todas as editoras brasileiras. "Vim para vencer e vou vencer." Quando é visto almoçando com Adolfo Bloch na beira da piscina da *Maichete*, está sempre com um sorriso cristalino e desintoxicado. (José Castello Branco)

As pessoas que compram livro a metro deviam ler pelo menos um centímetro por dia.

A por uma vez que pode acontecer com um livro e ele permanecer virgem pelo resto da vida.

Livro foi feito para ser manuseado, amado, devorado.

Os bons livros foram escritos para ajudar você a pensar. Todos os grandes conquistados do homem tiveram muita leitura por trás.

Você também pode fazer as suas conquistas.

Cada vez que você lê um bom livro, alguma coisa muda dentro de você.

Você fica um pouco mais inteligente, mais informado e com mais consciência para melhorar a sua vida e a dos outros.

Basta um centímetro de leitura por dia, ou até menos, para você perceber as coisas muito mais adiante.

Para você ir muito mais longe.

Um bom começo é descobrir o Brasil por melhores autores. Leia os bons livros. Os livros que abrem os olhos, não os que adormecem.

Leia e faça propaganda entre os seus amigos. A cada novo leitor de bons livros, um novo pes vai surgindo.

Retire os livros das estantes e ponha no lugar certo.

Dizete dos seus olhos.

Dentro da sua cabeça.

Leia mais. Enriqueça sua cabeça.

IRRIGAÇÃO

As críticas aos projetos ditos pilotos

Um deputado arenista ficou impressionado com as falhas constatadas nos diversos projetos de irrigação atualmente desenvolvidos no Nordeste. E denunciou-as.

Com o objetivo de elaborar um projeto de lei que discipline - em todo o país - a implantação dos planos de irrigação, o deputado Parsifal Barroso (Arena-CE), ex-ministro do Trabalho e ex-governador do Ceará, resolveu consultar os anais dos três primeiros seminários nacionais sobre o assunto, o último dos quais teve lugar em Fortaleza, em novembro do ano passado.

Na sua coleta de dados, o parlamentar cearense ficou impressionado com as muitas e acerbas críticas que toda a imprensa vem fazendo aos vários projetos de irrigação atualmente em implantação, principalmente no Nordeste. Impressionou-se, sobretudo, com a quantidade dos erros que têm sido cometidos e precisam ser reparados. Além disso, recebeu a tese elaborada pela Associação dos Prefeitos do Ceará, assinada pelo seu presidente, José Walfrido Monteiro, prefeito de Icó, e que relata alguns casos objetivos, como os dos projetos de Morada Nova e Lima Campos, ambos no Ceará, e onde, segundo o documento, "a falta de uma participação mais direta dos municípios, na fase de implantação, gerou consequências catastróficas e indesejáveis".

Essas consequências se manifestam de várias formas. Em geral, os perímetros irrigáveis à margem dos vales são ocupados por pequenos proprietários (agricultores tradicionais) e não por grandes latifundiários. Assim, quase sempre, quando um projeto é implantado - o que leva geralmente vários anos - o resultado é o desalojamento imediato de numerosas

famílias e a localização de poucos colonos em outras terras.

Lima Campos - No caso do projeto Lima Campos, por exemplo, das 1 200 famílias deslocadas e indenizadas - desde 1971 -, somente foram localizados de forma compensatória - até o final de 1975 -, cinquenta e seis lotes de terras para igual número de famílias, o que representa apenas 5% dos que foram removidos. Além disso, como as indenizações são de valor muito reduzido, os expropriados não têm condições de adquirir novas propriedades. O resultado disso é que, despreparados para bem aplicar o pouco dinheiro recebido, acabam por se marginalizar, pela ignorância e pela incapacidade de se adaptarem às novas condições de vida nos centros urbanos mais próximos dos perímetros irrigados de onde saíram.

Graças a esse êxodo, algumas pequenas cidades viram as suas populações urbanas aumentarem em ritmo intenso. O que ocorreu em Lima Campos vem acontecendo senão em todos, pelos menos na maior parte dos projetos semelhantes, inclusive no São Francisco. O que contraria os dois objetivos básicos dos projetos irrigatórios, que são - pelo menos no Nordeste - criar novas fontes de empregos diretos e indiretos e aumentar, não só a produtividade, mas também o volume físico da produção. Ainda que a produtividade se eleve, em algumas áreas, a produção não acompanha essa curva, pela lentidão com que se implanta um sistema.

Quanto à ocupação da mão-de-obra disponível, tem - a curto e médio prazos - ocorrido o contrá-

rio do que se esperava, como pode ser comprovado ainda pelo projeto Lima Campos: a substituição, em quatro anos, de cerca de 8 mil pessoas (1 200 famílias) por menos de 300 (56 famílias). Deste modo, os 5 200 000 nordestinos sem emprego (e que segundo os cálculos oficiais, serão 10 milhões nos próximos 20 anos) não apenas não serão absorvidos, como esse número poderá ser ultrapassado a curto prazo, o que é altamente alarmante e perigoso.

Lentidão - Outra crítica é a que denuncia o fato de os projetos serem implantados não só com incrível e injustificável lentidão, como com total desprezo pelos aspectos ecológicos e sociais. Não se respeita ou preserva a flora e a fauna naturais, nem são estudados os hábitos e tradições das comuni-

dades em torno das quais o projeto será implantado, e das quais deverão sair os futuros colonos. Isso gera conflitos, com a violação dos costumes e de comportamentos, como se fosse possível provocar qualquer mudança social sem se levar em consideração tais fatos.

As críticas, contudo, não põem em dúvida a importância, excelência ou oportunidade de uma política de irrigação que vise ao aproveitamento dos nossos principais vales irrigáveis. Sobretudo se levarmos em conta as necessidades de alimentos, quer de nosso mercado interno quanto de nossos clientes no exterior. O que se pretende é convencer os órgãos responsáveis por esses projetos, de que essa política deve se fundamentar em objetivos realistas, tendo, portanto, de considerar as condições específicas das áreas geográficas e humanas em que estejam se implantando.

Para obter êxito, tal política terá de ser mais ágil, possibilitando a absorção de maiores frações da mão-de-obra disponível. Terá de aproveitar, tanto quanto possível, os atuais ocupantes das áreas a serem irrigadas, harmonizar as mudanças pretendidas com as circunstâncias ambientais, e definir prioritariamente as culturas a serem implantadas, com vistas ao atendimento da política mais ampla e nacional de abastecimento e exportação, além de não mais poder continuar estranha à participação dos governos locais (prefeituras principalmente), tanto na fase de estudos quanto na de implantação dos projetos. (Gervásio de Paula)

PERNAMBUCO

Os vereadores e a televisão

Alunos de Jornalismo da Universidade Católica de Pernambuco ouviram vereadores da Arena e do MDB sobre o que pensam da televisão como veículo de divulgação política. Os resultados são curiosos.

Talvez pela reconhecida fragilidade das suas qualidades de oratória - apesar de entre eles encontrarem-se profissionais de nível universitário, como advogados e médicos -, os vereadores do Recife ainda preferem a chamada "campanha eleitoral do cochicho", em vez de "correr os riscos" de um diálogo aberto com a grande massa de eleitores, "o que tanto pode servir para eleger quanto para derrotar um candidato que não sabe discursar bem". Pelo menos, foi o que constatou uma pesquisa com 10 vereadores, cinco da Arena e cinco do MDB, realizada por alunos do terceiro ano do curso de jornalismo da Universidade Católica de Pernambuco, sobre a Eficácia do Guia Eleitoral como Forma de Propaganda Política.

A pesquisa, concluída no final do ano passado, foi coordenada pelo professor da cadeira de Propaganda da Unicap, Tales Andrade, e, se peca pela desobediência ao menor rigor metodológico - as perguntas formuladas não obedeceram a qualquer padrão de uniformidade e os resultados não chegaram sequer a ser apurados -, ao menos para uma coisa serviu: reunir dados que possibilitam: a) constatar o baixo nível intelectual dos vereadores do Recife e b) revelar a total despreocupação desses políticos por um modelo de campanha eleitoral democraticamente mais ativo.

Os vereadores, sem exceção, consideram o Guia Eleitoral, ou programa semelhante, "uma faca de dois gumes", e apenas um dos entrevistados, o vereador Josué Pinto, do MDB, já participou de apresentações do GE na TV, em 1972. Os outros nove restantes nunca fizeram uso do programa oficial de propaganda eleitoral, pois - como explica Luis Gonzaga da Silva, também do MDB - "só o homem que tem tribuna, que sabe se expressar para agradar ao povo, é que deve ir ao rádio ou à te-

levisão pedir votos". "Porque" - diz Rubem Gamboa, da Arena - "é exatamente através desse tipo de campanha, pelo Guia Eleitoral, que o povo julga a capacidade do político. Se o candidato é um homem que fala bonito, sabe das coisas, ganha votos. Mas, se ele não tem conhecimento, não sabe se expressar, aí perde até o voto que já tinha. Daí, o perigo".

Contradição - Apesar de nunca terem participado de apresentações do Guia Eleitoral, por considerá-lo uma coisa perigosa, a maioria dos vereadores (nove dos 10 entrevistados) respondeu que o programa é "a melhor forma de se fazer uma campanha". Sobre o nível do Guia nas últimas eleições, os vereadores se dividiram em suas opiniões: uns dizem que foi bom, outros opinam que foi deficiente. Mas todos sugeriram modificações. A maioria acha que o programa deveria ser aberto à participação do público, através de perguntas por telefone ou cartas aos candidatos, e que deveria haver debates entre os próprios candidatos, durante cada apresentação.

Ha quem reclame, também, da curta duração dos programas. Todos os vereadores disseram que o Guia Eleitoral, por ser um programa de propaganda política gratuito, anula a interferência do poder econômico nas eleições. Sobre se a existência do Guia Eleitoral seria uma prova do regime de democracia por que passa o Brasil, todos deram resposta afirmativa. Uma amostra do que falaram os vereadores:

Sobre o critério de seleção dos candidatos:

• "Na escolha do horário, os candidatos de renome sempre ficam com o horário nobre. Mas isso a gente concorda. Porque quando o candidato é bom de discurso, isso vem beneficiar todo o partido."

Sobre o tempo de duração do programa:

• "É insuficiente, haja vista que um dízimo dos candidatos não tem oportunidade."

• "Acho que deveria ser maior. Pois 30 minutos não dá chance ao candidato, para ele fazer uma análise política e administrativa do

Brasil. Dá muito mal para falar dele próprio."

O Guia Eleitoral anula a interferência do poder econômico nas eleições?

• "Não creio que haja ligação do Guia Eleitoral com o poder econômico, nas eleições."

• "Pelo menos no que diz respeito à publicidade."

• "Cientificamente, o poder econômico não existe. Creio que, positivamente, não existe."

O Guia Eleitoral é demonstrativo do processo democrático de uma eleição?

• "Acho que sim. Pois dá condições a todos os candidatos, ricos ou pobres, de contactar com o povo."

• "Pelo contrário. O Guia Eleitoral é o ponto positivo que têm os candidatos de levar, ao vivo a sua mensagem de plataforma ao eleitorado, para que ele o julgue."

Considera o Guia Eleitoral um programa de bom nível? Dê algumas sugestões que, possivelmente, poderiam melhorá-lo.

• "Ao Guia Eleitoral não se pode atacar, ele só merece louvo-

res. Porque dá oportunidade a todos. O candidato deve ter uma orientação antes de levar a mensagem ao público. Deve elaborar o assunto que dê mensagens válidas, para não ir contra o público."

• "No Guia Eleitoral, as mensagens enviadas deveriam ser mais objetivas, mais concretas. A hora atual é muito agressiva, e a sobrevivência do povo também. Essa sobrevivência deveria ser colocada em primeiro plano. A saúde, a alimentação, também. Tudo que seja necessário à sobrevivência humana."

• "O programa em si não comporta críticas à sua estrutura, visto ser estruturado com um objetivo específico."

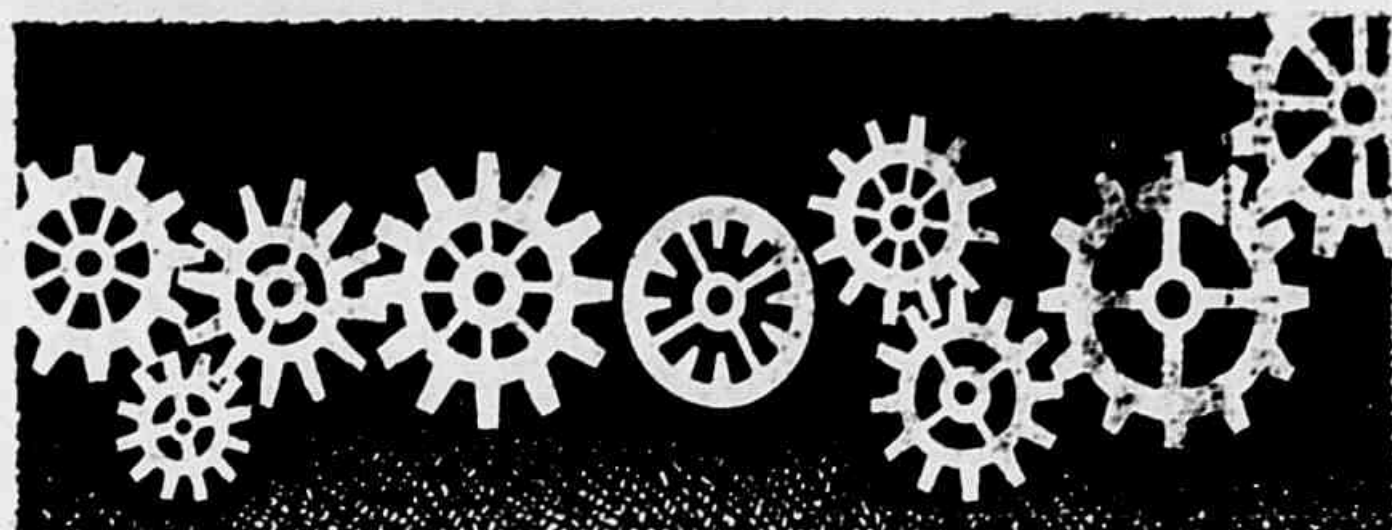
O Guia Eleitoral, ou programa semelhante, deveria ser levado ao ar, também, durante períodos não eleitorais?

• "Sim. Um país democrático não comporta um alheamento, no que pertence a conscientização do povo, para um fim específico, a saber, para uma eleição. Ainda mais: o período eleitoral é tão curto, que torna-se insuficiente para conscientizar mais de 100 milhões de brasileiros."

ONCLUSÃO - Para realizar a pesquisa com os vereadores do Recife, os 15 alunos de jornalismo da Universidade Católica de Pernambuco se dividiram em dois grupos e, ao final, uma das turmas apresentou ao professor a seguinte conclusão: "Na opinião do nosso grupo, os vereadores se expressaram muito bem, deram respostas adequadas ao nosso nível cultural! No nosso entender, eles estão por dentro, sobre o programa Guia Eleitoral, inclusive nos deram sugestões e críticas a respeito do mesmo. Tendo consciência de que o povo brasileiro ache indispensável o programa Guia Eleitoral." (Marcos Cirano)

ARGENTINA

O bom filho à casa torna



As medidas impostas pelo novo regime militar têm as características de uma tentativa de criar um milagre econômico argentino, com base no fim da autonomia universitária, no fechamento dos sindicatos e numa orientação destinada a favorecer essencialmente o capital estrangeiro ameaçado por algumas leis e decretos de governos anteriores.

Em sua segunda semana de existência, a junta militar que a 24 de março depôs Maria Estela e pôs termo - ao que parece, definitivamente - a três décadas de predomínio peronista, toma um elenco de decisões visando a reconfigurar a economia e a sociedade argentinas, alterando em profundidade os obstáculos impostos ao capital externo e fazendo-as retornar aos caminhos que conduzem à integração plena ao capitalismo internacional.

Essas medidas não são unicamente do cunho econômico - mesmo porque o econômico é sempre expresso pelas relações e mecanismos de poder existentes dentro da sociedade - mas, também, de feições direta e inequivocamente políticas. Aqui se inserem

A Argentina, pioneira na reforma do ensino superior na América Latina, não mais terá suas universidades regidas pelos princípios até então vigentes, ou seja, contratação de professores através de concursos e provas de títulos, liberdade de representação estudantil etc. Todas as unidades passarão para o controle direto do Ministério da Educação, proibindo-se a atividade política. Os sindicatos, por sua vez, bastiões do justicialismo e agrupados (com algumas dissidências essenciais) em torno da CGT e das 62 Organizações, foram desmantelados, líderes e, conforme consta no plano econômico apresentado ao conhecimento da nação, abolindo-se "temporariamente" as negociações de acordos salariais, regulamentando-se o direito de greve, suprimindo-se o Foro Sindical etc. Dentro da perspectiva de "internacionalização" da economia *leitmotiv* de toda a política a ser daqui em diante posta em ação - essas duas medidas, inseridas no combate maciço à ação dos grupos montoneros e do ERP e nas medidas de restauração e saneamento, destinam-se a estimular o retorno do investimento estrangeiro, permitindo-se que as empresas multinacionais e os grandes organismos internacionais de crédito

vejam com otimismo os recursos do país e tenham assegurada a supressão de quaisquer impedimentos à sua ação.

O fim do Pacto - Desfeito o Pacto Social, a afirmação de seu projeto hegemônico eliminando, ao menos por um bom lapso de tempo, questionamentos mais profundos ao mesmo. Nesse sentido, analisemos as condições com as quais se defronta (de acordo com suas próprias declarações) a junta chefiada pelo general Jorge Rafael Videla e, em contrapartida, quais os "novos" parâmetros a serem estritamente obedecidos.

Assevera o ministro Hoz que 80% da moeda em circulação não possuem a necessária cobertura interna. Os sucessivos planos econômico-financeiros formulados pelos diversos ministros de Maria Estela teriam produzido uma inflação de 566% (em março de 1975); esse índice, mantida a espiral, poderia chegar à fantástica taxa de 4.760% no início do próximo ano. A ineficiência dos diversos setores da economia e a correspondente e progressiva queda de produtividade (alimentada pelas frequentes paralisações trabalhistas) teria ensejado a redução de 1,4% (para o exercício de 1975) no produto nacional bruto, índice que poderia se elevar até 6% em dezembro próximo.

Diante desses dados, sem dúvida sombrios, propôs-se a junta a restaurar a economia através:

1. Da redução dos gastos governamentais, apoiada (a) no rema-

nejamento e redimensionamento do corpo de funcionários públicos (da ordem de 1 760 mil para uma população de 25 milhões, ou seja, 8,8 por cento); (b) na reestruturação do sistema fiscal e da política orçamentária via redução dos gastos fiscais e aumento da receita, ampliação dos investimentos considerados produtivos e redução paulatina das subvenções federais até então concedidas às províncias para cobertura de seus

A decomposição do peronismo já estava marcada na volta do caudilho, somada ao agravamento da crise econômica no país

crescentes déficits orçamentários; (c) na devolução, à iniciativa privada, das empresas deficitárias ou insolventes, que passaram à área federal em decorrência de medidas tomadas pelos governos justicialistas;

2. De estímulos à agropecuária de exportação, destacadamente ao aumento da produção (e elevação da produtividade) de carnes e cereais (fundamentalmente trigo), itens tradicionais na pauta de exportação e fontes substanciais de recursos para a economia. A consecução desse objetivo terá como fulcro (a) uma política de expansão da fronteira agropecuária; (b) a manutenção da atual política de fixação de preços mínimos (favorecendo e ampliando as possibilidades de realização externa) e (c) a comercialização do setor por parte do empreendimento privado;

3. Da avaliação realista da moeda argentina, tendo por objetivo a passagem gradual das operações

cambiais para a área do mercado livre;

4. Do combate à inflação, centrado na redução do consumo (via contenção salarial), na vigilância sobre os preços e na imperiosa necessidade do aumento da produção e da expansão dos índices de produtividade. Aplicam-se aqui (novamente) as velhas teorias keynesianas, penalizando-se exclusivamente o consumo das classes de menores rendas e atribuindo-se às que detêm os rendimentos mais elevados (via realização de lucros) o papel de formação da poupança agregada, gerador das possibilidades de investimento que, por serem insuficientes, deverão ser ampliadas pela captação de recursos externos. Conforme já mencionamos anteriormente, a destruição (de fato e de direito) das regras do Pacto Social (espécie de camisa de força imposta por Perón às contradições internas e mornamente toleradas pelas grandes empresas) transfere para a esfera governamental a responsabilidade total pela fixação dos novos índices salariais. Pretende o ministro da Fazenda que não ocorrerá queda real no poder aquisitivo das grandes massas da população (a contenção dos salários será, ao menos idealmente, superada pelo aumento da produtividade), de vez que existe todo o interesse em manter e expandir o diversificado mercado interno argentino;

5. Da reconfiguração da participação do capital externo - e aqui reside o núcleo da questão. A legislação peronista, ampliada por Héctor Cámpora e María Estela, se esteve longe de impedir o investimento externo, originou, contudo, alguns obstáculos a serem agora removidos. O exemplo mais cristalino reside nas disposições da Lei nº 20.557 - promulgada durante o fugaz governo de Cámpora - e que exigia a participação mínima de 81% de capital nacional no país. Essa lei deverá ser de pronto alterada, reduzindo-se o índice para

51 por cento. A alteração é de fundamental importância para as multinacionais de vez que ensejou a virtual nacionalização de alguns gigantes do porte da Siemens e Standar Electrica (International Telegraph and Telephone - ITT), a Italo-Argentina de Eletricidade (que alimenta a região de Buenos Aires) e diversos bancos.

Além de remover essas incômodas nacionalizações, as novas me-

A história da Argentina mostra a presença constante dos investimentos estrangeiros, que agora serão ampliados

didadas objetivam (e certamente o conseguirão) se beneficiar dos créditos externos - entre os quais os do Fundo Monetário Internacional (FMI), há pouco virtualmente negados ao governo de María Estela -, abrindo as portas para os amplos recursos passíveis de serem canalizados, via financiamentos diretos, não apenas para o setor industrial mas, agora também (e de forma mais incisiva), para a exploração dos recursos minerais e do petróleo. Em seus 2 778 412 km², a Argentina possui jazidas de chumbo (concentradas na província de Jujuy, onde também ocorrem depósitos, menos substanciais, de prata e zinco), cobre (região Catamarca), estanho (Jujuy) e tungstênio (San Luis). O solo do país não se caracteriza, contudo, pela riqueza mineral, com a ausência de depósitos consideráveis de ferro (Jujuy e Rio Negro) e carvão (Santa Cruz). Essa carência torna mais crítica a abertura do subsolo à extração via capitais externos. O país também

não é auto-suficiente em petróleo, obtido especialmente na Patagônia, no Chaco e nas regiões subandinas.

Presença constante - A história econômica argentina, concluído o período colonial, registra a presença constante do investimento estrangeiro, sobretudo o inglês, a ponto de poder afirmar-se, por volta do início da Segunda Guerra, que a república não passava de uma gigantesca estância que "fornecia as carnes, o trigo, a manteiga, o algodão e as frutas necessitadas pela Inglaterra." (1) A grande concentração da propriedade fundiária tornou a Argentina, ao iniciar-se o século XX, um conjunto de "vastas propriedades, controladas por uma oligarquia que necessitava, embora desprezasse, o imigrante. A carabina resolveu

Em aproximadamente cinquenta anos uma combinação de padrões coloniais de apropriação e exploração da terra, demanda externa e divisão internacional do trabalho incorporou a Argentina à economia mundial e a transformou em uma das mais opulentas, integradas e "modernizantes" economias latino-americanas." (2)

Essa mesma constelação de fatores beneficiaria o país, especialmente após 1945, por alguns anos fornecendo os recursos necessários à implantação do projeto industrial sob a égide peronista e sua contraditória política de cunho aparentemente nacionalista. Esta, se por um lado nacionalizou as ferrovias e grande parte dos serviços públicos dominados por empresas norte-americanas, levou à frente a implantação da siderurgia e da indústria pesada, jamais investiu contra as sólidas estruturas herdadas do período colonial, orientando o Estado (via populismo) a serviço da expansão capitalista - agindo, em realidade, como o capitalista "coletivo" em setores onde a iniciativa privada não se interessa em investir e correr riscos. Suas marcadas contradições ensejaram a deposição do caudilho em 1955. (3) O retorno, no início da presente década, já trazia em seu bojo as sementes da lenta decomposição que apenas tornaram mais visíveis e dramáticos os contornos do ocaso justicialista.

De qualquer forma nada parece - consultada a História - indicar que a pura e simples "internacionalização" da economia, nos termos agora propostos e postos em marcha, vá resolver os problemas da sociedade argentina como um todo, embora certamente intente recriar as condições necessárias e suficientes para o pleno florescimento do empreendimento capitalista. (José Fernandes Dias)

José Fernandes Dias também é autor da matéria "Pacto Andino, um bloco que começa a rachar", publicada no último número de Opinião, que, por um lapso, não saiu assinada.

(1) Reconquista (1939). Citado por Stanley J. Stein e Barbara H. Stein, The Colonial Heritage of Latin America (a ser próximamente lançado pela Paz e Terra), pág. 145.

(2) Stanley J. Stein e Barbara H. Stein, op. cit., pág. 146.

(3) Consulte-se, a propósito, o informativo ensaio de Peter Waldmann, "As Quatro Fases do Governo Peronista", in Ideologias - Populismo, Eldorado, 1973, págs. 105/122.

ESTADOS

Os capixabas à beira da falência

Na sua visita ao Espírito Santo, anunciada para fins de abril, o general Ernesto Geisel ficará conhecendo, de perto, alguns problemas que, certamente, refletirão nos resultados de sua análise política sobre a região Sudeste. O presidente vai encontrar, seis meses antes das eleições municipais, um Estado à beira da insolvência financeira, vivendo um clima oficial de "emergência econômica", com dívidas a pagar até o ano 2.000 e, um déficit, constatado no orçamento de 1975, da ordem de Cr\$ 355,5 milhões.

As dívidas com bancos nacionais e estrangeiros representam cerca de Cr\$ 335 milhões/ano, até o final do século, considerando-se os preços vigentes no ano passado. O orçamento de Cr\$ 1 bilhão, que é 25 vezes inferior ao do Estado do Rio, tornou-se inviável quando a arrecadação de impostos e taxas não conseguiu nem mesmo suprir as necessidades da folha de pagamento dos 64 mil funcionários públicos, cujos salários, somados, atingem a Cr\$ 47 milhões mensais.

Ernesto Geisel deverá também ser informado sobre um fato de certa forma incômodo, e até mesmo comprometedor, para o centro gravitacional do poder nessa região. É que acabam de ser consolidadas as divergências administrativas entre os governos do Espírito Santo e do Estado do Rio. Para os observadores, esse é um dado politicamente negativo para a Arena, no momento, pois poderá afetar a movimentação do partido, nos dois Estados, durante a campanha para as eleições de novembro.

No lado capixaba, o quadro de perspectivas já não é muito favorável ao partido governista, sobretudo porque a situação administrativa do Estado é das piores. Uma análise recentemente concluída, demonstra que o Espírito Santo perdeu sua autonomia econômica no contexto federativo, após o primeiro ano do governo Elcio Álvares. Hoje, a sua sobrevivência está assegurada, quase que exclusivamente, na Reserva Especial a Fundo Perdido, mantida pela União.

A receita pública caiu de Cr\$ 1,6 bilhão, em 1974, para Cr\$ 937 milhões, no ano passado, sendo acusada uma diferença de Cr\$ 126 milhões na previsão feita no orçamento do último exercício. A situação, no entanto, tende a piorar porque, pelo menos até 1986, não existirá possibilidade de os cofres públicos virem a sentir o aroma dos tributos das empresas instaladas em território capixaba. Elas gozam de benefícios fiscais concedidos sobre quase 80% dos impostos devidos.

Através de consecutivos pronunciamentos de seus assessores, o governo local tem responsabilizado o Estado do Rio pela tendência de agravamento da situação, com a prática de um "boicote" econômico ao Porto de Vitória. A ação restritiva, segundo os setores mais inconformados da Secretaria da Fazenda, começa na imposição de obstáculos às operações feitas pelos importadores cariocas, através do porto capixaba, "a fim de concentrá-los na órbita da Cia. Docas do Rio de Janeiro".

Essa questão, de natureza basicamente política - com São Paulo foi feito um acordo especial - está levando a economia do Espírito Santo à perda de volumosos incentivos fiscais. No momento, as implicações do processo ganharam uma extensão perigosa: a arrecadação do Imposto sobre Circulação de Mercadorias sofreu uma queda de Cr\$ 160 milhões, em 1974, para Cr\$ 87 milhões, no primeiro ano do novo governo.

É possível que o próprio governador Elcio Álvares solicite a intervenção de Brasília, na esperan-

O Estado tem dívidas até o ano 2000, desemprego em torno de 9%, a mais elevada taxa de mortalidade infantil depois do Nordeste, e muita corrupção.



Para não paralisar suas atividades, o governo penhorou junto ao Banco do Brasil toda a receita referente ao ano passado. Sua dívida bancária é de 350 milhões.

ça de sair favorecido na disputa pela captação de incentivos e de projetos industriais estratégicos, como no caso do Estaleiro de Reparo Navais da Renave para o qual existem duas opções de localização: a Ilha do Vianna, no Rio, e a Ponta de Tubarão, em Vitória. Sem esse intermediário político, as condições não seriam favoráveis a um acordo administrativo entre os dois Estados.

As chances de conciliação tornam-se cada vez mais distantes com os sucessivos ataques, em diversos setores, à administração do almirante Faria Lima. No mes passado, após a série de protestos ao "boicote" econômico do Estado do Rio, a Secretaria de Segurança Pública do Espírito Santo decidiu acusar, oficialmente, a polícia carioca de estar impondo dificuldades às suas ações de captura. O DOPS-ES revelou à imprensa que "os policiais do Rio praticamente acobertaram" a fuga de um ex-delegado da polícia capixaba, Ruválter França Fragoso, lotado na Delegacia de Furtos de Veículos, que está com prisão preventiva decretada por suspeita de envolvimento com quadrilhas de "puxadores" de automóveis. Na área de segurança, o fato obteve ampla repercussão, principalmente porque avalia-se em 30 mil o número de carros roubados atualmente em circulação por Vitória, 40% dos quais foram furtados no Rio de Janeiro (Ver Opinião, nº 94).

A falência - Armando Rabelo, Secretário da Fazenda, decretou "estado de emergência" no Espírito Santo, após estudar a execução orçamentária do ano passado. Para não paralisar todas as suas atividades burocráticas, o governo teve que realizar uma operação de penhora da receita referente a 1975, com o Banco do Brasil cuja liquidação acabou sendo transferida para este ano. Essa e outras injeções de recursos federais, saídos da Reserva a Fundo Perdido, garantiram o funcionamento do atual governo, no seu primeiro ano.

No total, os empréstimos diretos chegaram a Cr\$ 250 milhões. O orçamento de 1975 já foi aprovado com déficit de Cr\$ 325,4 milhões, sendo Cr\$ 157,2 milhões de "autorização para empréstimos", contida na mensagem. O resto surgiu da diferença entre a previsão e a realidade na arrecadação dos impostos e taxas. O déficit final foi de Cr\$ 355,5 milhões, reduzidos "contabilmente" nas contas oficiais para Cr\$ 105 milhões, depois dos empréstimos concedidos pela União, que deverão ser liquidados ainda neste exercício.

O Produto Interno Bruto capixaba tem sido mantido sob queda acentuada, nos últimos anos. Se no período de 1950/1959 seu crescimento médio anual foi de 8,3%, de 1960/1969 essa taxa caiu para 6,1%, e, nos últimos 5 anos se tem situado em 4,5% ao ano.

Na composição do PIB, as atividades agrícolas e de serviço respondem por 93 por cento. A agricultura teve seu crescimento estabilizado à taxa média de 3,5% ao ano, desde que o governo decidiu entregar quase toda área mecanizável do Estado ao reflorestamento com eucalipto, que já atinge a 350 mil hectares. O desmatamento não controlado provocou a degradação de 10% dos solos que restaram às culturas e ao pasto, e as florestas homogêneas que estão sendo implantadas, além de agravarem a situação ecológica, reverteram a instituição do latifúndio, forçando a uma elevação do nível de migrações, sobretudo na região Norte. Ainda assim, a agropecuária participa com 37% na formação da renda territorial capixaba.

Na área das atividades de serviços, responsáveis por 56,3% da renda interna, a política governamental tem sido a de acionar o crescimento das operações do Porto de Vitória. Forneceu-se como estímulo - sob a forma de empréstimo -, uma porcentagem do ICM devido pelo importador, com a obrigatoriedade desses recursos serem aplicados em projetos industriais no Estado, com longos prazos de carência e paga-

mento. Mas essa política, regida por um Fundo de Desenvolvimento das Atividades Portuárias (Fundap), acabou por resultar em aspectos negativos.

As indústrias de maior porte instaladas no Estado nada contribuem para a receita pública. O ICM - Fundap não pode ser utilizado em custeio das despesas da administração, pois é reinvestido pelas empresas, geralmente ligadas às multinacionais. Dele só são retirados os 20% pertencentes aos municípios. Em termos objetivos, a pretensão da formação de um mercado interno foi afetada, com reflexos no custo de vida local e consequente perda de poder aquisitivo da população, pois, em última análise, o consumidor é quem arca com as isenções fiscais e estímulos concedidos aos que operam no porto.

O senador Eurico Resende (Arena-ES) acusa a atual política tributária federal de provocar a acentuação do desnível econômico entre os Estados, sobretudo na região Sudeste. Comenta o senador: "Importando mais do que exportando, o Espírito Santo passou a ter o ICM incidindo apenas sobre o valor agregado, ou seja, a diferença maior sobre o preço de compra. Para agravar a situação, surgiu, em 1970, a decisão federal reduzindo, anualmente, a alíquota do tributo em meio por cento."

O secretário da Fazenda, Armando Rabelo, também critica os "excessos" tributários: "A concessão de benefícios fiscais deveria ter ficado limitada ao estabelecido na Lei 2313/67, que autorizava a concessão do abatimento de apenas 50% do imposto devido. A elevação dessa bonificação, que prevalecerá até 1986, resultou em que as indústrias de porte nada contribuem à receita do poder público."

Ao conceder volumosos benefícios às empresas, o governo carece de uma rígida política de controle das operações feitas pelos grupos privados com o dinheiro público.

O administrador dos incentivos dados aos projetos industriais localizados no Estado, é o Banco de Desenvolvimento do Espírito Santo (Bandes), cuja média de operações anuais equivale a Cr\$ 300 milhões.

A margem de operações "mal sucedidas" do banco atinge a 30%, desde a sua fundação, em 1968. Hoje, com um capital de Cr\$ 123 milhões, ele pode realizar financiamentos de até Cr\$ 1,1 bilhão. Os seus "insucessos" acumularam, em 1974, cerca de Cr\$ 683 milhões em participações societárias e saldos de financiamentos. Para os técnicos, há dois aspectos nesse problema: a despreparação do empresariado capixaba nos empreendimentos de longa maturação e, também, a necessidade urgente de uma revisão nos critérios de seleção dos projetos candidatos aos estímulos fiscais.

O nível de participações societárias do Bandes cresceu a uma violenta taxa de 275%, em apenas 24 meses. De Cr\$ 16,8 milhões, em 1973, chegou a atingir Cr\$ 62,8 milhões, em 1974, somente de participações consolidadas. Os grupos privados não conseguem pagar os financiamentos que recebem, existindo casos de reescalonamento das dívidas, ou de refinanciamentos, desde o primeiro ano de vencimento. No período de 1973/1974, o crescimento de operações financiadas pelo banco foi de 73,6%, ou seja, de Cr\$ 298 milhões (1973), subiu para Cr\$ 564 milhões (1974).

Os golpes - Mas, qualquer ação restritiva às operações de grupos privados com incentivos do ICM pode acabar atingindo importantes segmentos da estrutura política regional. É o caso, por exemplo, da Itabira Agroindustrial, fabricante do Cimento Ouro Branco, que pertence ao grupo João Santos, de Pernambuco. Essa empresa reinvestiu no seu patrimônio cerca de Cr\$ 50 bilhões, desde a sua fundação, alegando - quando interpelada pela fiscalização estadual - que se tratavam de benefícios fiscais absorvidos conforme a lei. A Secretaria de Fazenda considerou ilegal a operação, mas não conseguiu punir a empresa, estando o processo paralisado na Justiça.

No princípio do atual governo, quando o secretário Armando Rabelo ensaiou uma decisão para o caso, pendente desde 1969, houve quem temesse uma cisão no diretório da Arena, pois a corrente liderada pelo industrial João Santos certamente se manifestaria. Além desse há dois outros detalhes importantes, que foram também considerados naquele momento: o grupo possui um jornal em Vitória, e existem laços profundos entre o industrial e o atual governador. Até há pouco, João Santos era o patrão do advogado Elcio Álvares, e chegou a contribuir no financiamento de sua candidatura à Câmara Federal, de onde saiu escolhido para o poder no Estado.

Muitos técnicos acham que falta ao Estado uma ação eficiente no seu relacionamento com grupos privados empresariais e, mesmo, com as suas próprias empresas. A inexistência de um controle efetivo sobre as operações com incentivos e sobre as empresas públicas, ou de economia mista, tem feito acumular-se os chamados "escândalos". Um exemplo recente, na área das empresas estatais, é o da Companhia de Melhoramentos e Desenvolvimento Urbano (Comdusa). Na região mais valorizada de Vitória, essa

empresa aterrou quase 30 milhões de metros quadrados, vendendo os terrenos a um grupo seletivo de empresários, ao preço de Cr\$ 35,00 o metro, quando o preço-base na área era de Cr\$ 100,00 o metro quadrado.

As irregularidades não ocorreram apenas nessa operação. As obras da Comdusa foram feitas sem as formalidades legais a que estão sujeitas as empresas estatais. Simples propostas de serviços receberam do então presidente da empresa, José Carlos Pereira Netto, uma observação ao pé da página: "Lavre-se o presente contrato." E, apesar de ser uma empresa altamente deficitária, a Comdusa apresentou, até 1974, lucros em seu balanço anual. Explica-se o fato porque o presidente e alguns diretores recebiam "comissões" sobre os lucros obtidos no exercício e, só ele retirou cerca de Cr\$ 100 mil. O engenheiro José Carlos realizou passes de mágica até mesmo para sair da Comdusa: o presidente demitiu o funcionário José Carlos Pereira Netto, sem "justa causa" e, este requereu à presidência da empresa a "indenização trabalhista" prevista na lei. Recebeu Cr\$ 200 mil, no ano passado.

O governador Elcio Álvares, ao assumir o poder, encontrou problemas dessa natureza, mas preferiu chamá-los de "insuficiente ação organizacional" da área burocrática. Para solucionar essas "deficiências" da máquina administrativa, ele contratou um dispendioso estudo, intitulado "modernização burocrática", que considera a peça básica de seu governo. Após meses de trabalho, o professor José Silva Carvalho, autor do projeto da reforma, apresentou à imprensa um resumo da receita procurada pelo governador. Disse ele: "É preciso fazer da eficiência um comportamento comum, coletivo. Para viabilização do projeto, é necessário que todos os funcionários públicos tenham em mente, e em prática, esta fórmula - ou seja, 50% de capacidade técnica, 30% de boa vontade e, 20% de bom senso."

A dependência - financeiramente asfixiado - prevê-se, para este ano, um déficit superior a Cr\$ 400 milhões -, o governo do Espírito Santo passou a depender totalmente dos recursos federais para sua manutenção. Política-

mente, a situação beneficia as teses sobre a centralização do poder, e a dos altos custos sociais do modelo, adotadas pela Oposição para a campanha deste ano. O partido oposicionista já obteve um crescimento significativo nas urnas, em 1974, quando conquistou uma cadeira no Senado e outras três na Câmara Federal, sendo que um de seus candidatos, Argilano Dario, foi reeleito deputado federal com um recorde histórico: 44.767 votos.

Um recente documento demonstra o grau de perda da autonomia econômica e, a ampla margem de dependência político-administrativa a que o Espírito Santo ficou submetido pelo governo federal. Em fins de fevereiro, o governador Elcio Álvares encaminhou relatório à presidência da República solicitando uma maior intervenção do poder central na economia capixaba. Como resultado imediato, o ministro Reis Velloso, do Planejamento, determinou o deslocamento de Cr\$ 1 milhão, durante 60 meses, da Reserva a Fundo Perdido, para atender ao governo local.

O documento pedia autorização especial para aplicar recursos do Fundo de Participação dos Estados e Territórios nas despesas de custeio da administração. Solicitava, também, que o Presidente expedisse uma ordem ao Banco do Brasil para que este autorizasse cancelamento da cobrança do saldo dos Cr\$ 60 milhões que o banco havia adiantado ao governo estadual, por conta da Reserva a Fundo Perdido, mantida pela União.

O governador requereu ainda o estabelecimento de uma "mecânica financeira com os entes estatais da União", de modo a permitir que o Espírito Santo possa contar com empréstimos de Cr\$ 40,5 milhões. A justificativa apresentada para este pedido foi a de que os recursos seriam "destinados à liquidação de compromissos decorrentes de déficits orçamentários anteriores, e de encargos com amortização e juros da dívida consolidada anterior, vencível neste exercício".

Essa dependência tende a se acentuar, porque pelo menos até 1990 - segundo os técnicos - o Estado vai ter sua economia baseada nas atividades de serviço e de

agropecuária. E estes dois setores encontram-se em crise, com o governo estadual esperando atitudes do poder central no sentido de minimizar os efeitos do "boicote" às atividades portuárias e, de ampliar o crédito aos pecuaristas e agricultores atingidos pela longa estiagem e pelas pragas.

O café, responsável por 5,3% das exportações, está sendo atacado, na região Sul, pela doença conhecida como *Phoma*, cujo poder de propagação foi auxiliado pelo

Cerca de 360 mil crianças, segundo o próprio governo, deixarão de receber qualquer tipo de assistência este ano. Em 1975, o número de escolas fechadas passou de 500. Metade da população tem verminose. Mas o governador Elcio Álvares, um dos defensores da pena de morte, achou a salvação: o "otimismo multiplicador".

desequilíbrio ecológico, e, nas montanhas próximas do litoral já alcança rapidez maior do que a ferrugem. O Município de Domingos Martins já perdeu 72% de sua produção, este ano.

Nos pastos, a queda da produtividade nos dois primeiros meses, foi estimada em 20%, por causa da estiagem e do inseto "cigarrinha". A capacidade das pastagens, após a presença do inseto, passou de cinco cabeças por hectare, para 0,9 cabeças por hectare. No ano passado, com um rebanho de 2,6 milhões de cabeças de gado, a produção estadual foi de 169 milhões de litros de leite. Em 1971, com um rebanho de apenas 1,5 milhão de cabeças, a produção foi de 140 milhões de litros.

Pecuaristas e agricultores, alarmados com a previsão de redução natural das pastagens, a partir de maio, quando o clima se torna frio, estão solicitando ao governo um reescalonamento de suas dívidas e ampliação do crédito. A Secretaria da Agricultura, não dispondo de recursos, pretende solicitar a Brasília um crédito de Cr\$ 349.788 mil, dos quais 63% serão financiados pelo governo federal. Do Banco Central, ela pretende conseguir Cr\$ 223.600 mil para outras operações.

Os custos - Os custos sociais da crise enfrentada pelo Espírito Santo são elevados. Há uma taxa de desemprego em torno de 9,0 por cento. Entre a população de 1,8 milhão de habitantes, a força de trabalho disponível possui 47% de seus membros vivendo com uma renda inferior a Cr\$ 300,00; ou seja, são 362.879 pessoas ganhando menos que o salário-mínimo.

A renda *per capita* do Estado, quando comparada à nacional, demonstra estar sofrendo uma violenta queda desde 1950. Naquele ano, a renda capixaba representava 75% da renda do país e, quando chegou a 1970 só alcançava 58 por cento. Sobre os últimos 5 anos, não existem dados oficiais, mas é evidente a queda no poder de compra da economia estadual.

Há uma população de 368.988 crianças que, segundo o governo, praticamente não receberá nenhuma assistência nutricional, sanitária, de amparo social ou abrigo em lares, durante este ano. Cerca de 510 escolas foram fechadas e, existem 5.151 prédios inseguros abrigando 410.554 estudantes. A Secretaria de Educação não possui verba para reformá-los. Há casos em que se registra perigo iminente de desabamento e, quando chegam os engenheiros do governo o prédio já desabou, como aconteceu recentemente na cidade de Jundiá, no município de Pinheiros. São 4.692 escolas que possuem apenas um professor, ganhando Cr\$ 650,00 mensalmente. O acesso ao 2º grau torna-se mais difícil a cada ano: existem 373.849 estudantes na escola de 1º grau e, apenas 36.705 nos colégios de 2º grau. Na zona rural, segundo dados oficiais, apenas 460 estudantes frequentam o antigo colegial. A secretaria possui 16 mil funcionários (o Estado possui 64 mil, no

total), mas lecionando existem apenas 4 mil professores.

Segundo relatório do Ministério da Saúde, o Espírito Santo possui a mais elevada taxa de mortalidade infantil do país, depois do Nordeste: 83,37 por grupo de 1.000 nascidos vivos. Cerca de 50% da população tem verminoses. Na Capital, há uma elevada ocorrência de sífilis, com registro de 280 novos casos mensais. O relatório alerta, também, para "a ampla incidência de malária e esquistossomose mansônica, elevadas taxas de bócio endêmico e de lepra, e importantes focos de brucelose".

"Hoje, é mais do que justificável e correto esse otimismo multiplicador do Sr. Elcio Álvares", comenta Esdras Leonor, secretário particular do governador, em sua coluna de propaganda política, editada em um dos jornais de Vitória. O porta-voz do governo argumenta que, no futuro, serão levados para o Estado investimentos de 5,5 bilhões de dólares, com projetos específicos de siderurgia, paraquímica, agroindústrias e portuárias. Desses investimentos, programados há quase 8 anos, apenas dois, celulose e siderurgia, foram confirmados para entrar em operação até o final desta década.

Endividado, insolvente e, cada vez mais dependente do poder central para resolver seus menores problemas, - como por exemplo, o pagamento do funcionalismo -, o Espírito Santo conta, hoje, apenas com o chamado "otimismo multiplicador" de seu governador. Este, um homem que - segundo diz o seu secretário particular -, "possui a confiança do sistema pelo seu passado de parlamentar atuante e fiel aos postulados revolucionários".

Quando deputado federal, Elcio Álvares (Arena) foi um intransigente governista, chegando a assumir posições radicais nessa linha. Ele é responsável, também, pelas mais drásticas medidas já levadas à Câmara Federal, em toda sua história. Entre as saídas que apresentou, no Legislativo, para o impasse institucional do país, existe uma que, lhe abriu, posteriormente, o caminho ao Governo do Estado. Foi a defesa do projeto que instituía a pena de morte no Brasil, para a qual usou toda a sua argúcia de advogado e o seu lirico tom otimista de político acostumado à flexibilidade. (J. Casado)

BALANÇO

Light em cena

O governo está estudando todas as alternativas para absorção da Light do Brasil, empresa do grupo Brascan, desde a compra do controle acionário até mesmo à sua encampação. A notícia não está causando muita surpresa entre os meios empresariais, já que desde o ano passado o então presidente da Eletrobrás, Mário Bhering, anunciou que a empresa estava com sua capacidade de produção esgotada não expandido suas linhas de distribuição.

Há tempos a Light adotara uma política de redução de seus investimentos no setor, mantendo seus índices de produção estáveis, o que está causando sérios prejuízos aos parques industriais do Rio e de São Paulo.

A própria Light já chegou a oferecer ao governo a venda de suas concessões, mas o negócio não chegou a ser fechado porque os técnicos descobriram uma manobra da concessionária: ela supervalorizara todas

suas instalações nos seus balanços e relatórios, tentando obter um melhor preço.

Ficou constatado também que as usinas da Light são obsoletas, antieconômicas e apresentam problemas até de peças de reposição, além de todas não terem capacidade de ampliação ou mananciais para serem explorados.

A Light é a única empresa particular a operar no país no setor energético, considerado vital para a segurança nacional. No projeto de sua absorção, as instalações e linhas do Grande Rio serão incorporadas pela CERJ, que se transformaria numa das maiores empresas do setor, e a área da Grande São Paulo, pela CESP.

Sangue poluído

O secretário de Saúde do Rio Grande do Sul, Jair Soares, anunciou que, de maio de 1972 até a semana passada, as autoridades sanitárias de Porto Alegre apreenderam mais de 100 mil litros de sangue contaminado por sífilis ou anemia.

O peso errado

O Instituto Nacional de Pesos e Medidas está atuando algumas das empresas que industrializam o leite consumido em Porto Alegre, depois de comprovar as denúncias de que os sacos plásticos de um litro continham sempre cerca de 10% de leite a menos do que o declarado.

Leite desviado

Apesar de as chuvas de Verão ainda se prolongarem pelo outono, o que mantém os pastos verdes e próprios para a alimentação do gado, e o volume de leite enviado pelos produtores para as grandes cidades ter aumentado - segundo a Sunab, em janeiro e fevereiro, respectivamente, foram enviados 54,4 e 50,6 milhões de litros, enquanto que, no ano passado, nos mesmos meses, 46 e 48,2 milhões de litros - nos bairros periféricos da capital paulista está faltando leite tipo "C" para a venda direta ao consumidor.

Mesmo com a intensa campanha publicitária para que fosse reconhecido o trabalho que as cooperativas de beneficiamento e usinas têm para levar o leite ao consumidor, quando foram gastas somas fabulosas em espaços em todos os canais de televisão e jornais diários do país, existe a hipótese de que as usinas estariam desviando parte do leite destinado ao consumo para a fabricação de queijos e iogurtes, produtos que dão maiores parcelas de lucro ao fabricante.

Falar de plantas

Especialistas em fisiologia das plantas estarão reunidos em Campinas, SP, de 5 a 10 de julho, no I Simpósio Internacional sobre Bioconversão da Energia Solar, para discutir o aproveitamento da energia resultantes do processo da fotossíntese das plantas como combustível para movimentar máquinas e motores, a viabilidade da produção de alimentos por processos não convencionais, como o cultivo de algas

em larga escala e a transformação de celulose em alimentos proteicos, e a utilização do álcool em motores de explosão, como substituto da gasolina.

Seguro enganoso

O advogado Alcides Sabbi, do Rio Grande do Sul, entrou na Justiça local com uma ação contra a companhia Aliança Gaúcha de Seguros, que vem funcionando há 4 anos sem publicar balanços e sem reservas legais de fundos, por acumular 237 contratos não cumpridos e por dever mais de Cr\$ 25 mil a diversas pessoas, cor-

respondentes a 5 mil indenizações que não pagou.

Sabbi ingressou também com ação contra o Instituto de Resseguros do Brasil, como entidade responsável pelo não pagamento de 40% do que é devido pela Aliança de Seguros e seus segurados, e contra a Superintendência de Seguros Privados, órgão oficial de fiscalização da atividade das companhias particulares de seguros, por ter permitido à empresa operar sem publicar balanço e sem as reservas legais, além de tolerar algumas operações irregulares que se tornaram prática corrente da companhia.

Leia e assine Opinião

ESTADOS UNIDOS

Depois de contarem no famoso *All the President's Men*, todos os procedimentos ilegais que Richard Nixon e seus assessores usaram em Watergate, Bob Woodward e Carl Bernstein, agora, narram em *The Final Days*, o crepúsculo daquele governo quando o sonho americano ganhou os seus mais sérios arranhões

O ocaso de Nixon

Haynes Johnson
The Washington Post



Não nos livramos de Nixon e do Watergate não cedo. Quase quatro anos depois do arrombamento, dois anos depois da renúncia, entramos agora numa fase de Watergate revisitado e Nixon revisto.

Algumas perturbadoras revelações vêm sendo feitas, através de dois veículos diferentes: o cinema e a palavra impressa.

No Kennedy Center, ocorreu no último fim de semana a premiere mundial de *All the President's Men*, o filme do quarteto Woodward-Bernstein-Redford - Hoffman que desenrola todo o fio de Watergate. O filme tem um poderoso impacto político. Desde sua primeira cena - que mostra em imagens documentárias coloridas Richard Nixon triunfalmente chegando ao Capitólio após sua primeira viagem à União Soviética e sendo festivamente aclamado por todo o Congresso lá reunido -, a fita evoca vigorosamente todo o clima de Washington durante Watergate. Milhões de americanos verão o filme neste ano de eleições presidenciais.

E na segunda-feira passada, em todas as bancas da América, a revista *Newsweek* quebrava uma tradição e apresentava a primeira de duas extensas transcrições de trechos do novo livro da dupla Woodward-Bernstein sobre a queda de Nixon, *The Final Days*. O livro contém revelações íntimas em virtualmente cada uma de suas páginas. Está destinado a suscitar não só um intenso interesse, mas muita controvérsia.

No mundo das notícias, muitos repórteres estarão trabalhando para extrair manchetes "quentes" do torvelinho de novas informações. As possibilidades são muitas: Primeiro, o próprio Nixon, descontrolado, alternadamente enfurecido e taciturno, ora Lear, ora Macbeth, bebendo em excesso, falando de suicídio e inspirando receios quanto ao seu equilíbrio mental à família e aos seus colaboradores mais chegados. Sua mulher, Pat, solitária, ignorada, vivendo há anos uma vida à parte, recorrendo também à bebida e incapaz de encontrar alívio algum. Seu mais famoso colaborador - Henry Kissinger -, registrando e transcrevendo secretamente todas as suas chamadas telefônicas (inclusive com o presidente) e a certa altura transportando os arquivos mais comprometedores para a propriedade de Nelson Rockefeller em Nova Iorque, onde estariam mais seguros. Seus demais assistentes, reagindo de acordo e respondendo na mesma moeda a cada novo golpe, expressando simpatia, ou pena, ou enismo, ou traição ou uma preocupação egoísta com suas próprias carreiras. Seu principal lugar-tenente - H.R. Haldeman -, procurando-o 32 vezes após deixar a Casa Branca e tentando, no final, arrancar-lhe um perdão público com a mal disfarçada ameaça de mandar Nixon para a cadeia. Seu outro assistente principal - John Ehrlichman -, visitando Julie Nixon em seu apartamento na noite final - também para pedir o perdão - e dizendo:

"Pouparia muitas dificuldades ao presidente."

Há mais: tentativas de chantagem até agora desconhecidas, os advogados de Nixon instando-o a renunciar desde novembro de 1973 e Nixon pedindo a um deles que forjasse provas a seu favor, momentos de franqueza com congressistas e senadores (Big Jim Eastland, do Mississippi - um dos Homens do presidente - dizendo a Nixon: "Não me importa se o senhor é culpado ou inocente; votei no senhor"; Barry Goldwater subitamente dando-se conta, no final, de que nunca tivera sequer uma boa conversa com Nixon, de que nem mesmo gostava dele, e concluindo que Nixon perdera a cabeça já há algum tempo e que talvez tivesse tido conhecimento antecipado do arrombamento de Watergate), Nixon insatisfeito por ter de escolher Ford como seu novo vice-presidente, sentindo-se constrangido à escolha e devolvendo a caneta que usou para assinar a nomeação com uma mensagem irritada: "Vai aí a maldita caneta com que assinei a nomeação de Jerry Ford."

Outros incidentes são desvendados. Contados separadamente, são embaraçosos, sórdidos, chocantes, mesquinhos, tristes ou comoventes. Mas a força desse drama não está em episódios isolados; o conjunto é mais expressivo que qualquer de suas partes. Essa narrativa da queda de Nixon consegue o que muitos romancistas não alcançaram: dá conta de uma Washington real e trata de pessoas reais, muitas das quais ainda detêm grande poder. Estas qualidades são, simultaneamente, a razão de sua força e de seu caráter controverso.

Woodward e Bernstein não se limitam a relatar cenas até aqui desconhecidas. Trazem o leitor à intimidade dos personagens e acompanham a progressão dos acontecimentos num estilo tenso e bem estruturado. Empregam ainda técnicas romanescas e, à maneira de um Joseph Conrad, parecem muitas vezes oniscientes ao descrever os mais secretos pensamentos e emoções dos personagens do drama.

De forma que ficamos sabendo não apenas o que está acontecendo, mas ainda - como nos romances -, freqüentemente o que as pessoas estão pensando: Haig, Kissinger, Buzhardt, St. Clair, Sirica, Jaworski, David Eisenhower e outros personagens secundários. Em muitos casos, os autores ingenuamente reagem e se manifestam sobre o que vão descobrindo. Não faltarão críticos a falar de "jornalismo-psicológico".

Woodward e Bernstein entrevistaram 394 pessoas e passaram mais de um ano preparando seu livro. Falando da técnica empregada, explicam, no prefácio: "Algumas pessoas passaram dezenas de horas conosco e espontaneamente adiantaram informações; uma delas foi entrevistada 17 vezes. Muitas nos forneceram anotações da época, apontamentos, correspondências, agendas, calendários e diários. Outras concederam entrevistas apenas para fornecer a sua versão dos fatos ou para respon-

der a informações que obtivêramos de outras fontes. Uns poucos - inclusive o presidente Nixon - recusaram-se a uma entrevista."

Apesar de terem os autores garantido o anonimato a todos os entrevistados, a leitura do livro torna clara a identidade de muitas de suas fontes.

Embora o retrato de Nixon e de sua família encerre as revelações mais íntimas do livro, talvez o retrato individual mais arrasador seja o que é feito de Henry Kissinger.

"Uma rígida muralha de silêncio era mantida pelos que cercavam Kissinger", informam, "da mesma forma que o staff de um congressista protegeria, em Capitol Hill, o seu patrão alcoólatra. Proteger Kissinger não significava defender a sua vida privada da curiosidade pública. Significava, isto sim, manter em segredo as opiniões pessoais de Kissinger sobre Nixon, escondendo-as do público, da imprensa e da equipe do próprio presidente. Ainda que abrangida pela admiração por certas características da personalidade de Nixon, a atitude básica de Kissinger em relação ao presidente era de aversão e desprezo."

Segundo Woodward e Bernstein, os principais assistentes de Kissinger não achavam "justificados todos os sentimentos negativos do secretário em relação ao presidente. Acreditavam que as suas freqüentes referências a Nixon como irracional, inseguro e maniaco podiam, às vezes, aplicar-se perfeitamente com a mesma facilidade tanto a Kissinger quanto ao presidente. Mas

Kissinger, pelo menos, não era fraco. Até aquilo que tinha de pior, Kissinger era menos perigoso.

Mostram Kissinger - no início do governo de Nixon - desapontado e irritado por ter sido separado do presidente por Haldeman e Ehrlichman, que chama de "idiotas" e "nazistas". Os dois, por seu lado, ridicularizam Kissinger abertamente, insinuando, à guisa de piada, que ele

(O livro fala ainda de Alexander Haig como proferindo este tipo de comentários pessoais: "Às vezes Haig referia-se ao presidente como um homem essencialmente fraco e sem fibra. Dizia gracejando que Nixon e Bebe Rebozo mantinham uma relação homossexual e imitava o que ele mesmo chamava de o *desmunheamento* do presidente.")

Kissinger, segundo afirmam, chamava Nixon de

dizia que tinha um "cérebro de segunda" e fazia ainda outras considerações nada lisonjeiras. Os auxiliares de Kissinger estavam habituados a essas idiossincrasias do seu chefe, segundo os dois repórteres. "Os assistentes de Kissinger conheciam o seu hábito de fazer comentários mordazes e depreciativos sobre quase todo mundo. Todos eles já tinham sido eles mesmos chamados de "cérebro de segunda" ou coisa pior.

O que certamente causará ainda mais controvérsias sobre Kissinger são as revelações sobre o seu sistema de gravações.

"Quase desde o início, Kissinger providenciou secretamente o registro e transcrição de todos os seus telefonemas, inclusive aqueles em que falava com o Presidente. As conversas informaram seus assistentes o bastante sobre o presidente para deixá-los alarmados.

Nixon diyagava, fazia considerações e sugestões inconsistentes sobre as pessoas e sobre política, às vezes comia as palavras como se tivesse bebido demais. Sua ignorância a respeito de assuntos importantes indicava preguiça e despreparo para decisões que requeriam uma avaliação em profundidade. Suas observações maldosas sobre a inteligência inferior dos negros denunciavam um profundo preconceito."

"Assim como sua opinião pessoal sobre Nixon, a existência do sistema clandestino de registro de Kissinger era cuidadosamente mantida em segredo. O hábito tivera início de uma forma mais ou menos primitiva em 1969: uma secretária ouvia todos os telefonemas de Kissinger e os taquigrafava. Um comutador especial permitia às secretárias da outra sala do gabinete de Kissinger neutralizar o fone de suas extensões. No início de 1970, o sistema tornou-se mais sofisticado e Kissinger começou a gravar em fita seus telefonemas. Um Dictabelt da IBM, alojado no aparador por trás da mesa de sua secretária e ligado ao seu telefone, era automaticamente posto a funcionar ao se levantar o fone. Com o tempo, vários aparelhos Dictabelt foram ligados ao sistema telefônico, assegurando que haveria sempre gravadores de reserva se um deles falhasse ou chegasse ao fim da fita."

Kissinger, segundo o relato, levava a sério esse sistema, especialmente quando entravam em questão suas conversas com Nixon. Oito novos fones foram acrescentados à linha direta de Kissinger com Nixon para facilitar a gravação e a transcrição. Com o tempo, Kissinger tornou-se tão preocupado com a segurança de suas transcrições e de seus documentos particulares que transportou alguns dos mais delicados para a propriedade de Nelson Rockefeller em Pocantico Hills.

"Ele confidenciou a alguns assessores que tinha medo de que Haldeman e Ehrlichman pudessem tentar roubá-los", afirmam Woodward e Bernstein.

Mais tarde, esses arquivos voltaram à Casa Branca. Um assessor jurídico lembrara a Kissinger que era ilegal guardar documentos secretos fora de edifícios do governo.

Kissinger acabou por travar relações mais diretas com Nixon, mas aparentemente nunca perdeu sua falta de confiança e seu sentimento de embaraço em relação ao Presidente. É, pelo menos, o que concluem os autores do livro.

Nixon é um caso ainda mais complexo. O seu retrato, no livro, provavelmente não deixará satisfeitos seus detratores nem seus defensores. Apesar do inquietante relato da sua crescente perda do senso da realidade, suas insônias, sua atitude defensiva e sua acentuada inclinação para a mentira, os autores abordam com simpatia o declínio de Nixon. Não há, nem de longe, um clima de espreita e de mexericos. Na verdade, o caráter circunspeto e moderado dos diversos incidentes envolvendo Nixon concorrem para um sentimento de tragédia. Por exemplo: Dias antes do Natal de 1973 - o último período de férias que Nixon passaria na Casa Branca -, o presidente convida um pequeno grupo de amigos de confiança e colaboradores políticos para um jantar com a família. No decorrer do jantar, Nixon tenta convencê-los de que o pior já passou, e começa a trocar as palavras. Espressa mal seus pensamentos. Os convidados ficam constrangidos. No dia seguinte, Barry Goldwater conversa com Bryce Harlow, outro convidado da noite anterior: "O presidente ficou maluco?", pergunta Goldwater. "Não", responde Harlow. "Estava bêbado."

De outra vez, Woodward e Bernstein descrevem uma cena em que Nixon, "bêbado, transmitiu ao dr. Kissinger a política militar para o Vietnã preconizada por seu amigo Bebe Rebozo." Kissinger conta a conversa para seus assessores. Durante algum tempo, informam, Alexander Haig passa a referir-se ao presidente como "nosso amigo, o bêbado".

À medida em que as provas vão-se acumulando e o cerco vai-se fechando cada vez mais a seu redor, a família de Nixon vai ficando sempre mais preocupada. Especialmente perturbados teriam ficado seus genros:

"Meses a fio, David (Eisenhower) temeu 'que mr. Nixon pirasse', como ele mesmo dizia. David achava que o presidente poderia tentar suicidar-se. E parecia certo de que Nixon não sairia vivo da Casa Branca."

Dias antes da renúncia é que o senador Robert Griffin, de Michigan - líder republicano e velho correligionário de Nixon - recebeu um telefonema de Ed Cox, marido de Tricia Nixon:

"Cox parecia agitado. Preocupava-se com a saúde mental do presidente. O presidente não dormia, e bebia muito. O homem não agüentaria por muito tempo, dizia Cox. O presidente vinha agindo irracionalmente."

Griffin - conta o livro - o interrompe. Tenta tranquilizá-lo. Diz que havia estado com Nixon recentemente e que o presidente comportara-se com inteiro domínio de sua razão.

"O problema é justamente este", respondeu Cox. "O presidente tem altos e baixos. Ele chegava de um comício meio fora de si, embora lá tudo tivesse corrido bem com ele". E, elevando a voz: "O presidente vagava pelos corredores ontem à noite, falando com retratos de ex-presidentes - fazendo discursos e conversando com os quadros pendurados na parede."

Cox previne Griffin, segundo o livro, de que "o presidente pode matar-se".

A questão do suicídio, ou da vontade de morrer, aflora insistentemente. Uma das cenas mais tristes é quando Nixon viaja ao Oriente Médio em junho de 1974, semanas antes do fim. Ele acabara de ouvir as gravações fatais de 23

de junho - a "prova definitiva" que seus defensores mais obstinados não se cansam de cobrar de seus críticos - e fora informado por seu médico que estava com febre, perigosa e talvez fatal. Não devia submeter-se a uma rotina de horários fisicamente desgastante. Pois Nixon não apenas não o atende, como ainda parece chamar riscos maiores. Ignorando os rogos de seus agentes de segurança para que fossem tomadas precauções especiais contra eventuais assassinos, levanta-se temerariamente, sem nenhuma proteção, e acena para vastas multidões por um longo trajeto, no Egito. E ainda mistura-se a enormes aglomerações, como um desvairado.

"É impossível proteger um presidente que quer se matar", teria dito Dick Keiser, agente do Serviço Secreto.

Alexander Haig não se preocupava menos. Haig, que surge

privações, como se estivesse mais ou menos pedindo um. Era o mesmo tom que ele empregava quando falava do fato de seus pais não terem tido dinheiro.

Depois disso, diz o livro que Haig chamou os médicos do presidente, ordenou que nenhuma pílula fosse dada a Nixon e que lhe fossem retirados os soníferos e tranquilizantes que vinha tomando. Haig comparou o comportamento de Nixon ao do capitão Queeg.

Há ainda outros traços muito interessantes da personalidade de Nixon.

Quando começou a ganhar muito dinheiro com sua banca de advocacia em Nova Iorque, Nixon passou a se interessar por vinhos caros. Chegando à Casa Branca, o outrora pobre menino de Whittier encomendou uma provisão do seu favorito - Chateau Margaux, safra 1966 - para o iate presidencial. Sequia. Trinta dólares é quanto



As reações dos envolvidos

A publicação do livro *The Final Days*, de Bob Woodward e Carl Bernstein, repórteres do *The Washington Post*, vem provocando protestos e desmentidos das personalidades citadas na obra.

O secretário de Estado, Henry Kissinger, declarou que a versão do seu encontro com Nixon na noite anterior à renúncia do ex-presidente, apresentada no livro, era distorcida e incorreta, "demonstrando uma imoral ausência de piedade". Robert Fumseth, porta-voz do Departamento de Estado, confirmou o encontro de Kissinger com os dois jornalistas, mas negou que o secretário de Estado tenha servido de fonte de informações para os autores. A Pri-

meira-Dama do país, Betty Ford, afirmou que se sentia constrangida ao ver Richard Nixon ser retratado da forma que o livro apresenta, e disse que determinadas partes do livro "poderiam ter sido omitidas". David Eisenhower, genro do ex-presidente, desmentiu uma afirmação contida em *The Final Days* segundo a qual parentes e amigos de Nixon temiam que ele se matasse. Eisenhower declarou que os rumores nesse sentido eram "lógicos", mas acrescentou que "nunca houve nenhuma conversa sobre suicídio e nunca a família se mostrou preocupada com essa possibilidade". "Muitas pessoas na Casa Branca (durante Watergate) manifestavam uma grande tendência à dramatização" - concluiu.

como a personalidade mais enigmática do livro, de principal assessor de Kissinger que era, tornou-se, no fim, chefe do staff de Nixon. O livro mostra-o igualmente receoso de um eventual suicídio do presidente.

"Nos últimos meses, tinham surgido algumas referências a morte e a suicídio. Inicialmente, eram veladas e expressas da maneira caracteristicamente impaciente de Nixon; provavelmente, o presidente pensava alto. Naquela semana, Nixon finalmente abordou o assunto diretamente. Os dois estavam, sozinhos."

"Vocês do Exército", começou o presidente, que parecia achar sempre que Haig era militar, "vocês têm lá o seu jeito de tratar problemas como este. Alguém simplesmente deixa um revólver na gaveta." Haig ouvia.

"Eu não tenho um revólver", disse o presidente tristemente, como se se tratasse de mais uma carência, numa longa história de

seu baixo nível. Ele sabia, segundo o livro, que Kissinger acreditava que Nixon fosse anti-semita, mas Burns não acreditava. No entanto, mostrou-se perturbado: "Havia no homem, é inegável, horribles indícios de preconceito" concluía Burns, e não o surpreendia que aparentemente houvesse observações anti-semitas nas fitas. Burns acreditava que o presidente não amava realmente a humanidade. "Então, por que haveria de amar os judeus mais que os japoneses, ou os italianos, ou os católicos?" Ele sabia que Nixon costumava sempre fazer referências pejorativas a setores inteiros da espécie humana."

Em outros trechos, Nixon aparece possesso de ódio, muitas vezes gritando ordens e despejando suas frustrações sobre seus aflitos assessores, negando as acusações contra ele, contestando laboriosamente a possibilidade de quaisquer consequências negativas e ocupando-se pessoalmente do grosso do trabalho de edição das transcrições, antes de divulgá-las. Seus advogados inquietavam-se com as implicações éticas dos cortes que Nixon passava horas a fazer em passagens longas, literais e sempre relevantes do dossiê Watergate. E acabaram por descobrir outro de seus traços, segundo o livro: o talento de Nixon para a fraude.

Um incidente: Acabara de ser descoberta a famosa lacuna de dez minutos e meio na fita de uma das primeiras e mais incriminadoras conversas entre Nixon e Haldeman. Fred Buzhardt, um dos principais assessores jurídicos de Nixon, delicadamente interrogou o presidente sobre o que poderia ter acontecido. De saída, a atitude do presidente já impressionava o advogado: "Ele viu que o presidente estava extremamente preocupado com o trecho desaparecido, mas Nixon parecia algo evasivo, alguma coisa em sua reação inquietava. Segundo Buzhardt, ele parecia estar tentando sugerir várias explicações, experimentando uma ou outra desculpa, como quem diz: 'Será que uma dessas versões não serviria?'"

"Buzhardt gabava-se de ser capaz de dizer quando o presidente estava mentindo. Geralmente, não era difícil. Nixon talvez fosse o mentiroso mais transparente que conhecesse. Quando mentia, quase sempre o presidente insistia em suas palavras, freqüentemente repetindo-as três vezes, como se tentasse convencer-se a si mesmo. Mas desta vez Buzhardt não tinha certeza. Uma hora pensava que Nixon era o responsável pelo desaparecimento, outra hora suspeitava de Rose Mary Woods."

O livro fornece uma resposta plausível para uma das perguntas mais freqüentes sobre Watergate: por que Nixon não destruiu as gravações? Foi justamente o que recomendou, a certa altura, Pat Buchanan, um dos redatores dos discursos presidenciais: que se fizesse uma fogueira. Nixon aceita a idéia. Mas seus assessores unanimemente discordam. Era tarde demais. As fitas tinham sido requisitadas judicialmente. Já eram oficialmente consideradas corpo de delito para um eventual processo criminal; destruí-las significaria obstruir a ação da Justiça, crime por si mesmo passível de enquadramento legal. Pior ainda, equivaleria a admitir claramente a própria culpa. Depois que Haig e Buzhardt apresentam-lhe estes argumentos, Nixon aparentemente passa a rejeitar a sugestão de destruir as fitas. Assegura-lhes que

nada que elas contêm pode prejudicá-lo. No máximo - diz ele - algumas declarações que, fora do contexto, ficariam amíguas. E só.

Mas Nixon ainda vai sondar junto a outro advogado - seu ex-sócio Leonard Garment - a possibilidade da mesma idéia. É imediatamente informado de que é tarde demais. Desiste, então, definitivamente.

Mas o livro fornece pelo menos uma indicação de como as fitas foram adulteradas. A certa altura, vem esta citação de Pat Buchanan: "Rose sabe que apagou uma boa parte da fita. Ela o protegia. Eu nunca lhe perguntei, nem ela nunca me disse o que aconteceu. Mas é fácil imaginar. Depois que Rose vinha de apagar a primeira parte, o nosso homem dizia: 'Meu Deus do céu, Rose, deixaram o gravador ligado.'"

E prossegue o livro: "Nesse momento da sua narrativa, Buchanan imitou Nixon fechando os olhos e apertando o botão que apagou o resto dos 18 minutos e meio. A versão de Buchanan é que Nixon entregou a fita a Woods porque ela saberia o que fazer com ela... Quando chegou ao ponto em que o presidente fechava os olhos, Buchanan riu às gargalhadas."

Mas não há, evidentemente, a menor graça no clima kafkiano de medo e desconfiança que imperava na Casa Branca de Nixon. "Até mesmo no abrigo seguro da Casa Branca, eles tinham medo de deixar as fitas sozinhas, por minutos que fossem, e numa sala trancada", observam os autores a certa altura, descrevendo as reações dos advogados que ouviam sozinhos as gravações.

Um dos exemplos mais reveladores da luta desesperada de Nixon para salvar-se, ainda que fosse preciso prejudicar todo mundo ao seu redor, está no episódio que envolve John Dean. Nixon tenta por todos os meios desacreditá-lo. "Tenho a voz de Dean numa gravação", diz ele a Henry Petersen, encarregado da investigação inicial do Departamento de Justiça sobre Watergate. Referia-se à declaração pública, feita por Dean, de que uma conversa que mantivera com o presidente, na Casa Branca, a 15 de abril, incriminava inapelavelmente o presidente na tentativa de encobrimento.

O sistema de gravações de Nixon ainda era mantido em segredo quando ele deu essa informação. Peterson fala da fita com a voz de Dean a Archibald Cox, para convencer o primeiro promotor especial da inocência de Nixon. Cox imediatamente solicita a gravação de 15 de abril à Casa Branca. Nixon contesta: não havia nenhuma "fita". Peterson o compreendia mal e dera uma informação errada. Tratava-se de uma gravação em Dictabelt, e não uma fita. Quando o sistema de gravações em fita é revelado e vêm as informações, a fita de 15 de abril em as vozes de Dean e Nixon havia desaparecido. A conversa, inadvertidamente, não fora gravada, informa a Casa Branca.

Cox solicita, então, a gravação em Dictabelt. Nixon recusa: prerrogativa do executivo. Na Casa Branca, os advogados começam a procurar a gravação em Dictabelt. Não conseguem achá-la. Quando se diz ao presidente como ficaria mal se tanto a fita de 15 de abril quanto seu próprio registro em Dictabelt daquele dia não aparecessem, a resposta de Nixon a um dos advogados da Casa Branca é desalentadora: "Por que não fazemos uma nova gravação em Dictabelt?"

A esta altura, a idéia inaceitável da culpa de Nixon começa a apossar-se de alguns de seus assessores mais próximos. Eles também, contra a própria vontade, estão sendo envolvidos na conspiração.

Ninguém - na Casa Branca, ou até mesmo em toda Washington - estava absolutamente imune ao desgaste do drama de Watergate, à medida que dava mil voltas, avançava e acabava por engolfar o presidente e todos que o cercavam. De certa forma, todos eram vítimas, e talvez ninguém mais que Patricia Nixon. Nos meses finais, intensificava-se cada vez mais a solidão da sra. Nixon, observavam os autores. Seus compromissos públicos tornaram-se menos frequentes e mais rápidos, e ela passava cada vez mais seus dias em seu quarto amarelo pálido do segundo andar da Casa Branca. E quase sempre, nos últimos dias, seu almoço voltava do quarto com a comida intocada. O livro esboça o seguinte quadro: "Quando ela e o presidente jantavam juntos, havia sempre uma grande pressa em trazer a comida da cozinha para a mesa. Muitas vezes, mal o casal Nixon sentava-se à mesa e os mordomos apressavam-se em servi-los.

"Por que tanta pressa?" perguntara um dos copeiros.

Um minuto é muito tempo quando se fica em silêncio. A distância que mantinham um do outro já deixava de ser um segredo, nos bastidores da Casa Branca. Jack Brennan, tenente-coronel da Marinha e assessor militar do presidente, gracejava que suas obrigações incluíam instruir o presidente sobre como beijar sua mulher."

"A sra. Nixon sempre detestara ser mulher de político. Desde que Nixon viera para Washington como congressista, ela ansiava por voltar definitivamente para a Califórnia com o marido e as filhas e levar a vida de uma família americana comum."

"O marido e ela não se haviam mais aproximado desde o início da década de 60, confidenciou a Primeira Dama a um de seus médicos da Casa Branca. Ela quisera divorciar-se após a derrota de Nixon na campanha para o governo

da Califórnia, em 1962, ela tentou, sem resultado, obter dele a promessa de que não se candidaria mais. Desde então, sua reação esquiava aos avanços de Nixon pareciam tê-lo esfriado. Mas os dois agüentaram firme."

"Watergate - e especialmente as gravações - aumentaram a distância, apesar de controlar muito bem suas emoções, Pat Nixon tinha ficado visivelmente transtornada com as transcrições. "Que besteira, ter guardado essas fitas", disse ela a alguns amigos e vários assessores de confiança. E, dizendo isto, sorria ou mesmo ria nervosamente. Gravações eram como cartas de amor, comentava. Deviam ter sido queimadas ou destruídas.

"Os médicos da Casa Branca preocupavam-se com a primeira dama. Ela voltara de uma viagem à América do Sul, em abril de 1973, muito agitada e com uma deficiência de peso maior que de hábito, isolava-se cada vez mais, e bebia muito. Por várias vezes, membros do staff doméstico surpreenderam-na na despensa do segundo andar - onde se guardavam as bebidas - em plena tarde, e ela desajeitadamente tentara esconder seu copo de *bourbon on the rocks*."

Sobre o próprio Richard Nixon, a mais deturpada figura de nossa galeria presidencial, milhões de palavras já foram escritas. E certamente ainda aparecerão inúmeras análises a seu respeito no futuro. Mas neste último relato que temos em mão, existe uma virtual e intrigante chave para a verdadeira personalidade de Nixon: Após ter sido surpreendentemente revelada a existência de seu sistema de gravações secretas, Nixon transmitiu a Fred Buzhardt algumas de suas idéias mais pessoais e íntimas, sob a forma de gravações em Dictabelt. Diariamente, ele registrava suas reflexões no aparelho. Buzhardt ouviu as gravações e logo percebeu que Nixon não tencionara fazê-las conhecidas de ninguém mais. Ele nem sequer deixara alguém de sua total confiança como Rose Mary Woods transcrevê-las. O que não ficou muito claro é porque as entregou a Buzhardt. Nixon supunha que elas poderiam aquietar as suspei-

tas de seu advogado. Citando o livro: "Ouvindo aquelas gravações - às vezes em cassetes -; Buzhardt teve a impressão de ouvir um Nixon completamente despojado de suas defesas. Era difícil que um homem na sua posição mantivesse um diário tão franco," - disse Buzhardt a Haig. Geralmente os diários de homens públicos são feitos para driblar a História. Nisso, o material ditado por Nixon contrastava completamente. Buzhardt comentou que os seus momentos de maior comoção em todo o drama de Watergate tinham aflorado enquanto ouvia o presidente revelar suas próprias emoções. As fitas proporcionavam uma viagem sombria, quase dostoievskiana, aos medos, obsessões, aversões, fraquezas e paixões de Nixon.

"Buzhardt, que passara anos consultando diversos médicos sobre a doença mental de sua mãe, sentiu que as gravações eram uma verdadeira terapia para Nixon. O advogado não quis revelar detalhe algum, nem mesmo a Haig. Disse apenas que Nixon dissimulava, na fita, seus verdadeiros sentimentos, falando, estranhamente, de coisas do dia-adiá: o tempo, as flores do jardim da Casa Branca, passarinhos."

Não surpreende muito, portanto, ouvir Nixon, ao final, discutir a possibilidade de ser preso com um ar de resignação. Se quisessem metê-lo na cadeia, que o fizessem. E falava de Ghandi e de outros prisioneiros políticos, eles haviam escrito suas memórias numa cela de cadeia. "O melhor que políticos já escreveram foi escrito na cadeia."

Não foi, afinal, o seu caso, evidentemente. Agora mesmo - somos informados - ele está trabalhando em suas memórias na segurança e no conforto da sua própria Ilha de Elba, em San Clemente da Califórnia. San Clemente. Do latim para o espanhol, e agora para o inglês, clemente: misericordioso, indulgente, compassivo, brando. Hoje, Richard Nixon já obteve seu perdão, talvez até sua própria paz de espírito, mas a lembrança de seus atos ainda não se apagou, ela ainda paira sobre nossas vidas e invade nossos sonhos.

O escândalo na tela

Parecia infilmável, mas o ator Robert Redford comprou assim mesmo os direitos autorais do livro *All the President's Men*, de Carl Bernstein e Bob Woodward, por 450 mil dólares. Igual quantia acabou consumida na impecável réplica da redação do jornal *Washington Post*, construída nos estúdios da Warner, com zelo incomum: nela até os papéis nas latas de lixo eram autênticos detritos da véspera trazidos em sacos plásticos de *Washington* até Hollywood. Para injetar a dose correta de ficção na rígida musculatura documental do livro, Redford contratou o romancista William Goldman, autor do *Script de Butch Cassidy and the Sundance Kid*. Ao ler o primeiro tratamento, estofado além do desejável com piadas do folclore jornalístico, o ator reclamou: "Isto não é para ser uma versão atualizada de *A Primeira Página*." Ao ler o segundo, o diretor Alan Pakula (*Kluge, The Parallax View*) objetou: "Desse jeito vão apelidar o filme de *Butch Cassidy and the Sundance Kid Derrubam o Governo*." É muita coisa foi alterada.

Em sua versão mais próxima o possível do que esperavam Redford

e Pakula, *All the President's Men* estreou no último dia 7 em 200 cinemas dos EUA e não são raros os prognósticos de que breve estará disputando os recordes de bilheteria de *O Poderoso Chefão* e *Tubarão*. Custo final da aventura: 8,5 milhões de dólares. Os planos iniciais previam apenas 5 milhões e menos 35 dias de filmagens.

Apesar de ter sido capa do *Time*, seu crítico não se excedeu em entusiasmo. Ao que tudo indica, o filme vale sobretudo pela curiosidade em



Hoffman & Redford

torno do escândalo Watergate. Ou como um jogo de identificação excitante especialmente para os que dele participaram direta e indiretamente: se Bob Woodward, Dustin Hoffman e um Carl Bernstein perfeito; e o mesmo pode ser dito das caracterizações de Jason Robards (no papel do editor-chefe Ben Bradlee), Martin Balsam (Howard Simons) e Jack Warden (Harry Rosenfeld).

Sessenta por cento do texto original foram aproveitados para o que já estão definindo como "um contido documentário dramatizado" - tão contido que a expressão "furo jornalístico" jamais é pronunciada em cena, embora se insinue, ao contrário do que sucede no livro, que o *Washington Post* foi o único jornal a dar atenção a Watergate. De qualquer modo, tanto Bernstein como Woodward se mostraram satisfeitos com o tratamento dado ao trabalho da dupla pela equipe de Pakula. "Eles fizeram uma bela reportagem" - comentou Bernstein. Ao que um político republicano, dado a crises de ceticismo, complementou: "Esse filme pode decidir as próximas eleições a favor dos democratas."

UNIÃO SOVIÉTICA

O ataque dos filhos pródigos

K. S. Karol

Le Nouvel Observateur

Leonid Brejnev fez sua opção: decidiu restabelecer a disciplina em seu país e no campo socialista em nome da velha ortodoxia sobre o "internacionalismo proletário", que pressupõe a subordinação de todos os PCs à União Soviética e uma fidelidade incondicional a seus dogmas. Todas as democracias populares foram instadas a incluir em sua Constituição um artigo sobre a amizade com a União Soviética - artigo que não existia nem mesmo no tempo de Stalin -, e os dirigentes desses países não hesitam em afirmar, seguindo nisso o exemplo do búlgaro Todor Jivkov, que "todo cidadão deve estimar a União Soviética tanto quanto sua própria pátria". Sob o pretexto de celebrar o septuagésimo aniversário de nascimento de Andrei Jdanov, os soviéticos subitamente ressuscitaram suas velhas teorias sobre a "cultura proletária" e sobre os precursores russos desta.

Finalmente, duas semanas atrás, como para dissipar as derradeiras dúvidas sobre as intenções de Moscou, o marechal Gretchko lembrou que o bloco do Leste continua ameaçado e que o exército soviético é a mais segura garantia da segurança dos países "socialistas". No mesmo dia, falando na Academia das Ciências, o "ideólogo" Mikhail Suslov - que recebeu na ocasião a medalha Karl Marx - insistiu no mesmo ponto, condenando todos aqueles que se distanciam da União Soviética, demonstrando assim serem "revisionistas, maoístas, oportunistas e detraidores do verdadeiro comunismo". E, na semana passada, apareceu nas livrarias de Moscou um opúsculo de 56 páginas intitulado *O Revisionismo a Serviço do Anti-Sovietismo*, que ataca, com uma violência sem precedentes, o PC italiano e, mais particularmente, o responsável por seu departamento ideológico, Luciano Gruppi.

Sem rodeios - De um momento para outro, as divergências que opunham, nos últimos meses, os PCs "autonomistas" da Europa Ocidental e os "ortodoxos" soviéticos parecem agravar-se, transformando-se uma dramática medição de forças. Não é a primeira vez que a União Soviética dá uma virada "ideológica" por razões de Estado e coloca os comunistas do estrangeiro diante de um fato consumado. Mas, desta vez, os homens do Kremlin foram devida e publicamente advertidos pelos partidos ocidentais de que estes não aceitariam uma mudança de linha e se recusariam, a qualquer preço, a um alinhamento na nova doutrina soviética.

Após o quê, Berlinguer, Carrilo e Marchais (para só mencionar os dirigentes dos três maiores PCs da Europa Ocidental) não dispõem mais da margem de manobras que lhes permita aceitar um compromisso com Brejnev: sob pena de se desmoralizarem, eles estão obrigados a responder sem rodeios aos

dirigentes soviéticos, arriscando inclusive um rompimento "histórico" com a União Soviética.

Os três já responderam firmemente que não aceitarão o "jdanovismo" e que se mantêm fiéis ao que se disse dessa doutrina pseudo-proletária no XX Congresso do PCUS, em 1956. Da mesma forma, os dirigentes do PC italiano aprovaram solenemente a conduta dos oito militantes do seu partido despedidos da Rádio Praga e expulsos da Tcheco-Eslováquia por se terem recusado a responder aos questionários policiais que se pretendia impor-lhes sobre seus contatos com cidadãos daquele país ou do exterior. E podemos encontrar a cada dia, em *L'Unità* ou em *L'Humanité*, pequenos artigos (certamente dirigidos aos moscovitas) nos quais o PCI e o PCF insistem no fato de que defenderão vigorosamente sua própria linha.

Um roteiro conhecido - É verdade que, apesar de tudo, Brejnev ainda detém a iniciativa. Mas que pretende ele, exatamente? Analisando os balanços dos planos quinquenais que terminaram em 1975, na União Soviética e nas democracias populares, constatamos um fenômeno paradoxal: a União Soviética, ainda que permanecendo indiscutivelmente o centro político do bloco socialista, é, ainda hoje, mais fraca (economicamente) que os países de sua periferia; seus salários e seu nível médio de vida são mais baixos que os de seus vizinhos. É evidente que aqueles que pretendem distanciar-se de Moscou tornam-se, assim, uma enorme ameaça para Brejnev - tanto mais que a *détente* e o crescimento do comércio com o Ocidente os encorajam a insistir nesse caminho. Brejnev não pode aceitar que o poderio militar da União Soviética seja o único elo a cimentar essa família "internacionalista", da qual muitos membros, hoje, parecem-lhe faltos de convicção. Ele precisa, portanto, de formular uma doutrina que a *reunifique*.

Infelizmente, este retorno à ortodoxia só pode ser imposto brutalmente. E corre o risco de causar ainda mais estragos que no passado e de aprofundar o fosso que separa a União Soviética de seus parceiros estrangeiros. A campanha de "informação" desencadeada no partido soviético e em seus correspondentes das democracias populares após o XXIV Congresso do PCUS tem por objetivo convencer os militantes que seus camaradas da Europa latina não são "verdadeiros comunistas". O que vale dizer que os dirigentes do Kremlin estão preparando deliberadamente um terreno propício a um rompimento com os *infieis*. Curiosamente, este roteiro assemelha-se, em muitos pontos, àquela que, no início dos anos 60, e durante quatro anos, precedeu o rompimento entre a União Soviética e a China comunista.

LIBANO

As palavras de Joumblatt

Frederic Duchamps
Le Nouvel Observateur

Pergunta - O senhor, que é progressista, lidera um exército essencialmente composto de drúsios quase feudais. Não existiria aí uma contradição, ou pelo menos uma ambigüidade?

Kamal Joumblatt - Que posso fazer, se são principalmente drúsios que se juntam a mim e se, nas outras regiões da montanha, os maronitas não conhecem sequer os seus próprios interesses? O Monte Líbano é o ponto-chave do país; é lá que está em jogo o seu destino. Através da história, a montanha tem sido a Prússia do Líbano, o catalisador de sua unidade. É lá que eu tenho de agir para salvar o Líbano.

P - Mas os partidos cristãos não teriam, por seu lado, a mesma preocupação?

KJ - Estranha maneira de salvar o Líbano, a desses isolacionistas que apóiam, sem se dar conta, do que estão fazendo um projeto de federação com a Síria e um projeto de restrição das liberdades públicas! Que restará, então, do Líbano? O único reflexo deles é o medo, enquanto que seria necessário buscar o apoio do exército para resolver o problema da segurança. Chegará um momento em que será necessário voltar finalmente à legalidade. Existe aqui, nesta montanha, um núcleo do Exército - 800 soldados e seus oficiais -, enviado pelo Alto-Comando do Exército de amanhã. Eu concordo com essa iniciativa dos militares.

P - O senhor se opõe a uma federação sob o comando da Síria. Mas a Síria foi durante muito tempo sua aliada...

KJ - Quatro meses atrás vimos surgir o espectro de uma "Grande Síria", que teria a forma de uma confederação entre a Síria atual, a Jordânia, o Líbano e os palestinos. Desde então, nossas relações com Damasco foram determinadas por esta questão e pela questão - que a ela se liga - das liberdades. Para nós, qualquer federação ou confederação deve realizar-se na liberdade, ou seja, não há hipótese de o povo libanês aceitar decisões vindas de fora. Os libaneses deverão decidir através de um referendo, e, em todo caso, qualquer confederação deverá garantir as liberdades democráticas e configurar-se no quadro de um Estado realmente não religioso. Não queremos ver o Líbano sufocado por forças externas. O conflito que ensanguenta atualmente o país terá de terminar um dia, e queremos, então, viver livres. Acha-mos que a intervenção síria

deveria ter terminado no dia em que se encontrou um *modus vivendi*, ou seja, a 22 de janeiro último. Os sírios não tinham nada que se intrometer em nossos problemas internos e na formação de nosso governo, nem apoiar o atual presidente contra a vontade do povo e do Parlamento.

P - O senhor transmitiu esta posição claramente aos sírios?

KJ - Mais claramente ainda do que lhe estou transmitindo agora e opusemos uma firme resistência à sua intervenção.

P - Sobre o problema da intervenção síria no Líbano, sobre a independência nacional, assim como a respeito da reforma do Exército, o senhor se manifesta numa linguagem que seria endossada pelo mais radical dos nacionalistas cristãos libaneses, especialmente seu velho inimigo Pierre Gemayel.

KJ - Se ele fosse um pouco mais inteligente, talvez tivesse compreendido qual é realmente o seu interesse, hoje. Mas os cristãos - ou, antes, os cristãos que se abrigam no isolacionismo - têm o complexo da necessidade de proteção. Buscaram inicialmente a proteção da França, depois a dos Estados Unidos, e agora procuram a da Síria, depois de terem percebido que o Ocidente não se interessava por seus problemas, ao passo que Damasco procurava explorá-los. Só pedimos a esses cristãos que concordem conosco sobre a necessidade de laicização do Estado. Fizemos várias aberturas para a posição deles, mesmo os mais extremistas: os Guardiães do Cedro e o padre Kassis. Eles nos responderam que gostariam de nos atender, mas que não ousavam fazê-lo.

P - O senhor não teria criado um falso problema ao equacionar a crise libanesa em torno da demissão do presidente Frangié?

KJ - Talvez. Mas a permanência de Frangié tornava-se muito perigosa na medida em que ele estava disposto a servir a todos que o protegessem, podendo - a partir de acordos internacionais - levar irremediavelmente o país a um falso caminho.

P - Que acordos internacionais seriam esses, já que o senhor mesmo reconhece que o Ocidente não está interessado nos problemas dos cristãos libaneses? Um acordo com Israel seria inconcebível. Só restaria um acordo com a Síria...

KJ - É uma conclusão que efetivamente se impõe. Os Estados



Contra o espectro da grande Síria, a favor de um Líbano livre e independente: alguns objetivos do líder muçulmano de seu país, Kamal Joumblatt

pretensamente progressistas não têm interesse em deixar desenvolver-se um Estado árabe leigo e democrático. Seria uma alavanca muito poderosa contra seus próprios regimes. Ao assinar um documento que reafirma e desenvolve o confessionalismo no Líbano, o regime sírio revelou suas verdadeiras intenções. Nenhum país árabe - exceto talvez o Egito, a Tunísia e o Kuwait - pode admitir, hoje, a existência, no Líbano, de um socialismo democrático, porque isto vai de encontro às suas próprias tendências. Agrade-me constatar que o Egito começa a acreditar na liberdade e a fazer um esforço na direção da democracia.

P - Mas não é este mesmo Egito que o senhor acusa de traição por ter firmado os acordos do Sinai?

KJ - Os egípcios, pelo menos, foram francos.

P - Voltando ao Líbano, qual a saída que o senhor vê para a crise?

KJ - A saída de Frangié, a laicização do Estado e uma representação proporcional que venha pôr fim ao atual sistema de poder, do qual, aliás, é falso dizer que é maronita, pois na verdade ele é bicéfalo: maronita-sonita. Tudo isto deve ser deixado para trás. Mas a Síria, que admite teoricamente a necessidade de desistir de Frangié, continua na prática a desejá-lo no poder, pois ela não poderia encontrar um servidor mais dócil. A Síria está, atualmente, completamente emaranhada no problema libanês; e quando alguém cai nesse atoleiro tem muita dificuldade em sair. O fato de ter sido obrigada a introduzir 2 500 soldados no Líbano demonstra bem o seu fracasso diplomático.

ALEMANHA OCIDENTAL

Uma ameaça a Helmut Schmidt

Gerard Sandoz
Le Nouvel Observateur

Quando Helmut Schmidt levanta a voz em Bruxelas, em Rambouillet ou mesmo em Washington, os chefes escutam-no com atenção. A sua Alemanha é o baluarte do Ocidente: o melhor exercício europeu, a moeda mais sólida e a gestão econômica mais rigorosa - mais de 1 milhão de desempregados, é verdade, mas somente 5% de inflação, e um excedente comercial próximo dos 20 bilhões de francos. Um quadro impressionante. Vista do exterior, a posição do chanceler alemão parece inexpugnável. E, no entanto, muitos pensam, na República Federal, que, antes do fim do ano, Schmidt terá abandonado seu posto. Chega-se a citar o nome de seu sucessor: Helmut Kohl, o insignificante candidato do CDU (democratas-cristãos) para a chancelaria. Nas últimas semanas, um leve sopro de pânico atravessou a Barraca (sede da social-democracia de Bonn).

Mas por que misteriosa aritmética os sucessos do chanceler Schmidt o estariam condenando ao fracasso eleitoral? Pois trata-se de eleições. Elas terão lugar em outubro próximo. As estimativas prevêm um recuo da social-democracia e, no seu rastro, um rompimento da coalizão com o partido liberal. Os partidários de Walter Scheel (hoje presidente da República) e de Genscher (ministro das Relações Exteriores) retornam às fileiras da direita, ao lado de seus antigos aliados democratas-cristãos do tempo de Adenauer e de Ludwig Erhard. Isto seria o fim do grande sonho de uma Alemanha social-democrata, durante muito tempo acautelado pelos estrategistas do partido - de Schumacher a Wehner -, e em seguida pacientemente traduzido em realidade por Brandt e Schmidt. Seria também uma radical modificação da paisagem política da Europa ocidental: uma Alemanha poderosa inclinando-se à direita no momento em que seus principais parceiros, a França e a Itália, orientam-se para a esquerda.

Mas não estaríamos tirando conclusões apressadas? Aparentemente, não. Os signos do recuo social-democrata na Alemanha Federal vão-se acumulando: fracassos nas eleições parciais, manobras cada vez mais transparentes dos liberais para preparar o "desengajamento" de seu partido e sua emigração para as pastagens da democracia-cristã. É assim que a revoadada de vários deputados acarretou recentemente uma mudança de governo na Land da Saxônia Inferior em proveito da di-

reta, raso tanto mais doloroso para os partidários de Brandt e de Schmidt quando essa Land era, há 25 anos, um bastião da social-democracia. E não se tratou de um mero acidente. No início de março, o presidente Walter Scheel recebeu várias personalidades do CDU. Tema de uma longa discussão que mantiveram: a eventualidade de uma coalizão de direita. Quando o semanário *Der Spiegel* trouxe a público o segredo, Walter Scheel desmentiu sem veemência, apesar de um memorável protesto do chanceler Schmidt. Mas os indícios se multiplicam. Genscher, ministro das Relações Exteriores e presidente do Partido Liberal, repete para quem quiser ouvir que está "aberto" a todos os contatos.

Uma retirada em ordem - Não se trata de uma debandada, mas de uma retirada em ordem: o Partido Liberal é o partido das finanças e do patronato. Ele mesmo não o esconde, e todo mundo sabe que o ministro liberal das Finanças, Friderichs, é o representante da grande indústria no governo. Ora, o patronato, que até o momento "tolerava" Schmidt, mudou de opinião. Embora o chanceler social-democrata não se mostrasse avaro de concessões. Mas as garantias que deu aos magnatas da indústria não foram suficientes para torná-los seus aliados. Em contrapartida, fizeram a social-democracia perder uma parte das camadas operárias, seu eleitorado tradicional.

Que garantias são estas? O "congelamento" dos salários e a queda do nível de vida de certas camadas de assalariados; uma política econômica e monetária de rigorosa ortodoxia, isto é, favorável ao mundo dos negócios. E, principalmente, o abandono do projeto de uma verdadeira co-gestão paritária nas grandes empresas. Todo esse "realismo" não bastou para temperar o velho ódio que o patronato devota à social-democracia.

A Alemanha já vive, desde agora, momentos eleitorais. As pesquisas de opinião são pessimistas em relação ao SPD. A social-democracia ainda conserva dois trunfos: primeiro, a personalidade do chanceler, seu prestígio na cena internacional e a fragilidade de seu adversário, Helmut Kohl, que ainda não conseguiu melhorar sua imagem de inexpressivo político da província; depois, a personalidade de Willy Brandt, presidente da social-democracia, que continua a ser seu principal trunfo junto às massas operárias e aos sindicatos.

Fernanda Montenegro
em

"A mais sólida mansão"

de
Tradução
Música
Cenários e figurinos
Direção
C com

Eugene O'Neill
Barbara Hershey
Jack Nicholson
Marvin Haskins
Fernando Torres

Yara Amaral-Zanoni Ferrite-Fernando Torres
Antonio Ganzarolli e Carlos Gregório

TEATRO GLÓRIA

Reservas 245 5527

De Terça a Domingo às 21 horas. Sábado às 19.30 e 22.30 horas

Vespéral - Domingo às 18 horas

A EDITORA PAZ E TERRA

Orgulha-se de lançar o primeiro livro em português de

EDUARDO GALEANO VAQAMUNDO

Jornalista aos 14 anos, escritor aos 24, Galeano é hoje um nome consagrado. Além de seis edições em diversos países de língua espanhola, VAQAMUNDO foi publicado na Alemanha e Estados Unidos.

A venda nas livrarias ou pelo reembolso postal.

Rua Abade Ramos, 78 Jardim Botânico - Rio de Janeiro

NOTAS INTERNACIONAIS

Cinco focos explosivos

A descoberta na Tunísia de uma rede de serviços especiais libios que tentavam assassinar o primeiro-ministro Hedi Nouira, acrescenta um novo dado aos numerosos conflitos que dividem atualmente o mundo árabe. Eis os principais:

1) *No Líbano*: o Egito e o Iraque fornecem armas aos palestinos do Fath e da "frente de recusa" para opor-se a uma solução patrocinada pela Síria. Donde o reinício dos combates.

2) *No Egito*: dois membros do Conselho da Revolução da Líbia, hostis a Kadhafi, foram recebidos como amigos no Cairo. Em resposta, a Líbia expulsou dezenas de milhares de egípcios. Sadat tenta derrubar Kadhafi.

3) *Na Líbia*: Kadhafi tenta derrubar Bourguiba, apoiando o ex-ministro tunisio das Relações Exteriores - Mohammed Masmoudi, que passou para a oposição - e organizando atentados. Aliado de Kadhafi, Masmoudi foi, por essa razão, detido por Sadat no Cairo, onde ficou preso quatro dias.

4) *Na Argélia*: Boumediene - que, como Kadhafi, tenta derrubar Bourguiba - recebe em sua capital todos os opositores tunisios, especialmente Ahmed ben Salah, o ex-ministro da Economia, renegado e condenado por Bourguiba.

5) *No Marrocos*: Hassan II tenta derrubar Boumediene, apoiando as diversas oposições argelinas, enquanto um dos principais opositores marroquinos, Mohammed Basri, recebe apoio e ajuda concreta dos argelinos, que ainda não engoliram a vitória marroquina no Saara.

Qual a saída da Bolívia?

Na primeira metade de março passado, o secretário-geral do Ministério das Relações Exteriores da Bolívia, Marcelo Ostría, iniciou uma viagem por algumas capitais latino-americanas com vistas a expor a evolução dos entendimentos entre o seu governo e o do Chile para a concessão de uma saída marítima à Bolívia.

No Brasil, Ostría manteve um encontro - que o Itamarati tratou de manter em um discreto sigilo posteriormente quebrado por alguns órgãos de imprensa - com o chanceler Azeredo da Silveira, ressaltando que os esforços conjuntos empreendidos pelos governos boliviano e chileno esbarraram no desinteresse do Peru, que não teria respondido às consultas a ele dirigidas pelo presidente da Junta Militar chilena, general Augusto Pinochet. Ora, de acordo com o tratado firmado em 1929, entre o Chile e o Peru, o governo de Santiago não pode ceder nenhum pedaço do território conquistado ao Peru na guerra do Pacífico, em 1879, à Bolívia, sem consultar previamente o governo de Lima.

Neste sentido, para Ostría, o Peru se estaria tornando o único responsável pela manutenção da Bolívia na difícil situação mediterraneidade. Isto porque, ao que parece, tudo estaria acertado entre os governos de Santiago e de La Paz, que teriam iniciado um processo de reaproximação desde a queda do presidente Salvador Allende. Assim, Banzer e Pinochet se reuniram pela primeira vez em 17 de março de 1974, em Brasília, pondo fim a uma ruptura que se

entendia desde 1962, quando a Bolívia e o Chile romperam relações diplomáticas. Em fevereiro de 1975, os presidentes dos dois países se encontraram na localidade fronteiriça de Charaña, onde assinaram uma declaração conjunta, restabelecendo as relações diplomáticas entre Santiago e La Paz. De acordo com uma cláusula secreta incluída na declaração conjunta, Pinochet se comprometia a entregar à Bolívia, para usufruto, uma faixa de 40 quilômetros de costa, ao Sul de Iquique. Esta faixa litorânea estaria unida ao território boliviano somente por uma estrada de rodagem e por uma ferrovia, garantindo ao Chile a continuidade de seu território.

Ocorre, porém, que as terras oferecidas à Bolívia por Pinochet pertenciam ao Peru antes da guerra do Pacífico. O governo de Lima nunca renunciou a recuperar o território perdido, que lhe pertence de direito, e não vê motivos para que um entendimento entre o Chile e a Bolívia se faça às suas custas, uma vez que existe a possibilidade de uma solução que não inclua a cessão de terras peruanas ocupadas pelo Chile à Bolívia.

Mesmo assim, o Peru manifestou interesse em ajudar a solucionar a questão da mediterraneidade da Bolívia, considerando como justa a aspiração de La Paz.

No entanto, parece que o tema da mediterraneidade da Bolívia tem servido de pretexto para uma aproximação militar entre o Chile e o governo de La Paz, que se uniram contra o único "obstáculo" à solução do caso, o governo antiimperialista peruano. Assim, sob um título pouco significativo, "Mais sobre a visita de um general chileno à Bolívia", o jornal boliviano *Presencia* publicava declarações do major reformado Arana Gandarias a respeito da visita que o comandante da guarnição militar de Santiago, general Sergio Arellano Spark, empreendera a La Paz, em 1974. De acordo com Gandarias, o general chileno teria formulado a seguinte oferta aos militares bolivianos: "O Chile atacará o Peru e tal ação bélica se realizará através do território boliviano. Em compensação, a Bolívia, unindo-se ao Chile, receberá um setor da costa ao norte de Arica."

Realmente, o que mais parece incomodar os regimes de La Paz e de Santiago é a existência de um governo militar antiimperialista em Lima. Não poderia ser outra a explicação para a reaproximação entre o Chile e a Bolívia, principalmente se se considerar que o principal artifice desta política tem sido Pinochet, que em dois livros de geopolítica escritos em 1965 e 1972 não só negava à Bolívia qualquer direito a obter uma saída para o mar, como ainda propunha a tese da "divisão deste país, posição aliás defendida por grupos ligados ao Departamento de Estado Norte-Americano, desde 1959.

Prisão na Grécia

Ambígua democracia grega acaba de dar mais uma prova da falta de critério que rege as suas relações com a imprensa, especialmente, e com os órgãos representativos da opinião pública, em geral.

Assim, o Tribunal de Atenas condenou a 16 meses de prisão Nicolaos Psaroudakis, jornalista e editor do semanário cristão *Christianiki* acusado de "insultos à autoridade".

Psaroudakis tinha publicado

em julho do ano passado um editorial no qual criticava violentamente a Corte de cassação por ter eximido de toda responsabilidade criminal 104 antigos ministros e secretários-gerais de ministérios dos governos militares instalados a partir de 1967. Além disso, a Corte de cassação era ainda acusada de ter avaliado o resultado do referendo constitucional organizado pela ditadura em julho de 1973.

A imprensa considerou a pena imposta a Psaroudakis extremamente severa, uma vez que a lei grega não permite a comutação de penas de prisão superiores a um ano.

As idéias do "big" Nelson

De passagem por Paris na semana passada, Nelson Rockefeller - vice-presidente norte-americano - sugeriu que os países-membros da Aliança Atlântica proclamassem a sua "interdependência". E justificou a sua idéia: "Em 1776, o povo americano proclamou a sua declaração de independência. Em 1976, os Estados Unidos, a França e o resto da Aliança Atlântica poderiam proclamar



Rockefeller

uma declaração de interdependência, pois, nunca os nossos destinos estiveram mais estreitamente entrelaçados."

Quem unificou os destinos dos países da OTAN foram os desafios com que se defrontam hoje as "nações livres". Uma tal linguagem não é nova, como também não o é a expressão "interdependência", amplamente utilizada na década de 60 pelos defensores latino-americanos da teoria das fronteiras ideológicas.

No caso da Europa Ocidental de hoje, as declarações de Rockefeller fazem eco às ameaças do general norte-americano Alexander Haig, de Gerald Ford e de Henry Kissinger quanto à participação comunista nos governos desta região, principalmente na França e na Itália.

Compreende-se que, após a derrota norte-americana e ocidental no Sudeste asiático e na África Austral, a Europa tenha-se tornado o centro das solicitações de Washington, para quem a sobrevivência do Bloco Atlântico supõe a manutenção de sua homogeneidade política e social.

Golpe na Tailândia

O primeiro-ministro da Tailândia, Kukrit Pramoj, foi deposto por um golpe de direita no dia 4 de abril passado, poucas horas antes de ver anunciada oficialmente a derrota do seu partido nas eleições para a Assembléia Legislativa.

De acordo com as primeiras informações, o premier foi destituído por uma coalizão de setores militares ligados à extrema direita, grupos políticos conservadores e funcionários das bases norte-americanas no país.

Aliás, na origem do golpe encontra-se a decisão governamental - adotada a 20 de março - de exigir que as tropas norte-americanas abandonassem a Tailândia, uma vez que Washington se havia recusado a colocar todos os seus serviços sob jurisdição de Bangcoc.

A decisão de Pramoj acentuou as contradições entre a direita e a esquerda no seio do movimento estudantil, criando-se um clima de tensão que serviu de pretexto ao prolongamento por mais um ano da vigência da lei marcial em 28 províncias do Norte, do Nordeste e do Sul do país.

Com a radicalização das posições, os militares - que abandonaram o Poder em 1973, pressionados pela agitação popular - colocaram-se do lado dos interesses norte-americanos, garantindo a presença das forças de Washington em território tailandês.

Diante desta atitude militar, o governo de Pramoj - uma heterogênea composição multipartidária agrupando 16 formações políticas - viu-se na incapacidade de reagir, uma vez que nada havia sido feito para reduzir o poder dos militares, da direita civil e dos grupos paramilitares de inspiração neofascistas, cuja influência no seio do aparelho de Estado só fizera aumentar no último ano.

As negociações entre Washington e Bangcoc esbarravam, essencialmente, na questão do futuro da base de Ramasun, alguns quilômetros ao Sul da Capital, uma instalação ultra-secreta que depende diretamente da CIA, e cujos segredos não poderiam ser compartilhados com as autoridades tailandesas.

Ao que tudo indica, o golpe de 4 de abril deve ajudar a dissipar o clima de hostilidade moderada que marcou a relação entre os governos tailandês e norte-americano nos últimos meses, acentuando-se a cooperação entre os dois países, especialmente no campo militar e da segurança interna. Nova e redobrada atenção deverá ser dada à repressão a um movimento comunista cada vez mais forte no Norte do país e que já foi capaz de resistir a 15 anos de presença militar norte-americana na Tailândia.

Os combates do Saara

De acordo com declarações de Mohammed Lamine, primeiro-ministro da República Árabe Saharaoui Democrática, os combates militares entre forças da Frente Polisário e do exército de ocupação marroquino prosseguem com grande intensidade em boa parte do território do Saara Ocidental. As tropas marroquinas foram obrigadas a abandonar a estratégica posição de Amgala em fevereiro último e, em todas as posições que ocupam, as forças armadas reais devem ser reabastecidas seja pelo ar, seja pelo mar.

Lamine informou ainda que as ações dos polisários impediram que a importante mina de fosfato - principal riqueza da região - voltasse a operar. Por outro lado, o premier saharauí confirmou que as tropas da Frente atacam regularmente posições militares no interior do território marroquino.

Em comunicado divulgado na

semana passada, a Frente Polisário declarava que "todos aqueles - indivíduos ou sociedades - que se associam aos invasores marroquinos na pilhagem de nossas riquezas naturais, são considerados como inimigos de nosso povo... com todas as conseqüências que isto comporta".

Smith só sai à força

O fracasso das "negociações constitucionais" entre Ian Smith e o líder do ANC (African National Council) do "interior", Joshua Nkomo, anunciado no dia 20 de março passado, coloca a alternativa da luta armada pela libertação do Zimbábue (Rodésia), não mais como uma possibilidade hipotética, mas como um fato concreto.

Ao anunciar o fim das reuniões com Smith Nkomo afirmou: "Não podemos prosseguir com as negociações porque nos convencemos da impossibilidade de se obter uma solução negociada." Com isto, abrem-se novas perspectivas para a reunificação das forças nacionalistas do Zimbábue em torno do projeto de luta armada imediata.

Aliás, um tal projeto conta desde já com a adesão da grande maioria dos presidentes e chefes de Estado africanos, que verificaram - na prática - a impossibilidade de negociar com um governo minoritário, cuja única razão de ser é a violência política e a exploração econômica exercidas sobre a maioria negra que vive concentrada nas *native reserves*, autênticos campos de concentração cujo *know-how* foi herdado dos antigos colonialistas britânicos.

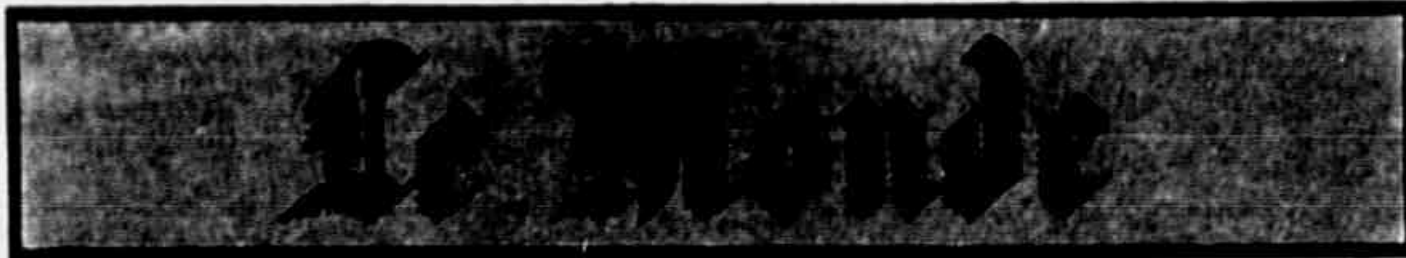
Na qualidade de presidente da Organização para a Unidade Africana (OUA), Idi Amin Dada defendeu a solução militar para a crise da África Austral, lembrando que "a OUA não apoiará nenhuma gestão para superar, pelas negociações, o conflito rodésiano".

Massacres na Eritreia

A Frente de Libertação da Eritreia noticiou o massacre de 140 aldeões pelo Exército.

A Frente de Libertação da Eritreia considerando que "a situação não cessa de piorar" nesta região, declarou, em um comunicado publicado a 20 de março em Paris:

"Desde fevereiro de 1975, as forças de ocupação etíopes, incapazes de enfrentar nossos combatentes, massacraram a população sem armas, nas ruas, nas casas, nas igrejas e nas mesquitas. Genocídio é o único termo conveniente para descrever os crimes perpetrados pelo exército de ocupação. Depois dos massacres cometidos durante o ano passado em Um Haijar, 250 mortos, em Chceeb, Woki, Zaguer, mil mortos, no mês de fevereiro último os soldados etíopes sitiaram a aldeia de Um Berami, a 15 quilômetros ao Norte de Massauá e massacraram 140 pessoas que acabavam de voltar para suas casas, após a celebração do aniversário de morte do xeique Alamin, santo venerado pelos fiéis muçulmanos. Entre as vítimas, encontrava-se o xeique Mohammed Ali, descendente do santo, ex-parlamentar eritreu, e sua família, bem como os notáveis da aldeia. Lançamos um apelo à opinião pública democrática europeia, principalmente francesa, a fim de que ela condene energeticamente estes massacres repetidos e exija o reconhecimento do direito legítimo do povo eritreu à autodeterminação e à independência."



9 de abril de 1976

5, rués des Italiens - Paris 9c. tel 7-907-129

OS REFUGIADOS TIBETANOS DE UMA ALDEIA DO NEPAL

Deuses, ratos e homens no mesmo palmo de terra

Jean-Christophe Victor

A fronteira tibetana está a apenas seis horas a pé. Feitas de pedras secas e com telhados em ripas, as casas cinzentas da aldeia nepalesa de Birdim parecem deitadas na paisagem. Mal podemos distingui-las das enormes rochas que rolaram o Lantang-Himal abaixo no início dos tempos. Mas uma ou outra vereda, as culturas em terrapleno e as bandeiras brancas tremulando, em mastros de bambu, sobre cada uma das casas revelam a presença do homem. Cercadas de pinheiros e moitas, as casas sucedem-se na encosta, ligadas umas às outras por outeiros.

A 2300 metros de altitude, "Birdim está isolada de tudo", como diz um de seus habitantes. A aldeia está acima do limite superior da cultura de arroz e abaixo das pastagens de altitude e da zona onde cresce a batata. E distanciam-se também do caminho utilizado pelos turistas e caçadores americanos, europeus ou japoneses. É uma das últimas aldeias antes do rio que separa o Nepal da província chinesa do Tibete. Atravessa-o uma sólida ponte de madeira.

Mas, essa proximidade traz mais inconvenientes do que vantagens a Birdim. Só quatro ou cinco vezes por ano - quando as chuvas da monção interceptam o caminho, mais direto, que acompanha o rio - a aldeia vê a passagem dos negociantes nepaleses carregados de mercadorias que vão comerciar no Tibete. Em contrapartida, como as outras localidades próximas da fronteira, ela vem necessariamente acolhendo, há 15 anos, a sua quota de refugiados.

Mais ou menos integrados aos Tamang - a etnia majoritária nessa parte do país -, os 40 tibetanos que vivem hoje em Birdim representam um quarto da população da aldeia. Esta assimilação é apenas aparente. Trata-se, antes, de uma co-habitação, para a qual foi preciso superar muitos obstáculos. Assim como os lamas, os proprietários de terras e os pobres constituíram entre si, no interior da aldeia, espécies de comunidades, com seus grupos de casas unidas umas às outras e seus caminhos privilegiados de uma porta a outra, assim também os tibetanos, por seu lado, criaram a sua aldeia dentro da aldeia. Eles vão em busca de seu futuro comum nas comunidades tibetanas estabelecidas neste lado da fronteira. Pois o Dalai-Lama não lhes

ordenou que, uma vez fora de seu país, só se casassem com compatriotas?

Com raras exceções, este preceito é obedecido. Um tibetano, que se tornou sapateiro para sobreviver, instalou-se em Birdim há quatro anos, deixando do outro lado da fronteira não apenas as terras que cultivava, mas ainda suas mulheres, no caso, duas irmãs. Elas foram recentemente autorizadas a fazer-lhe uma visita de três dias no Nepal. Ele veio recebê-las na fronteira e trouxe-as a Birdim. Ao cabo de três dias, só a mais moça voltou ao Tibete. A mais velha - a favorita - ficou.

A presença de certo número de tibetanos em Birdim excita a cobiça dos Khampas, instalados num acampamento do vale do Langtang, a um dia a pé da aldeia. Guerreiros, eles deixaram as províncias orientais do Tibete, onde viviam, após a revolta de Lhasa contra os chineses e a fuga do Dalai-Lama, em 1959. Seu modo de vida quase militar, seu temperamento belicoso fizeram com que fossem mantidos sempre afastados por seus compatriotas igualmente refugiados no Nepal.

Várias aldeias pré-fabricadas foram construídas no Nepal pela UNESCO para abrigar os tibetanos emigrados. Uma escola, grande e limpa, acolhe todos os refugiados da região de Langtang. Os de Birdim gastam apenas duas horas de caminhada para ir ou

voltar dessa escola nos domingos. Aprendem o nepali, um pouco de inglês, matemática, os preceitos do budismo tibetano e também alguns princípios sumários de legislação nepalesa.

Setenta famílias tibetanas encontram alojamento no acampamento construído pela UNESCO no Langtang. As sólidas casinhas de pedra são cobertas de chapas de ferro fundido onduladas, cujo cinza-prateado destoa na paisagem. Seus habitantes confessam "não serem felizes". Acham, contudo, que tiveram sorte em encontrar acomodação aqui. No primeiro ano em que aqui estiveram, transportaram colina abaixo milhares de toneladas de areia, mediante um escasso salário diário. Construíram, sob a direção de engenheiros nepaleses, uma nova ponte suspensa sobre o Trisuli.

Aos que ainda não conseguiram uma vaga nas aldeias da UNESCO, o fato de encontrar um vago primo Tamang em Birdim pode ter dado a ilusão de que não perderam tudo ao deixar o Tibete. Mas Birdim era e continua sendo uma aldeia pobre. Sendo assim, como compartilhar a penúria?

Os mais ricos e os mais previdentes partiram do Tibete levando consigo algumas vacas e alguns yaks. O que não deixou de ter consequências para o equilíbrio ecológico de Birdim. O gado multiplicou-se. Os pastores, portanto, queimaram a vegetação das altitudes

para aumentar a superfície de pastagem. Certas regiões, em consequência, parecem devastadas por uma guerra. Dos grandes pinheiros das colinas, só restam os altos esqueletos verticais.

Os tibetanos extraem um leite riquíssimo de seu rebanho. A manteiga que fabricam é um produto onipresente em sua vida quotidiana, mas não basta, evidentemente, para garantir sua subsistência. Onde encontrar terra? Cada polegada não muito escarpada das encostas já foi aproveitada em terrapleno. Alguns são tão curtos e estreitos que os bois que puxam o arado mal podem fazer a volta. Os recém-chegados - assim como os autóctones mais pobres - encontraram, longe da aldeia, inclinações menos bruscas, desmataram-nas e limpam-nas, tirando da terra os pedregulhos maiores. Mas para chegar a esses terrenos recentemente abertos à cultura é necessário caminhar entre vinte minutos e uma hora e meia. Aqui, como em todo o Nepal, onde praticamente não existem estradas que comportem o tráfego de veículos, a riqueza não se mede unicamente pela extensão das terras possuídas. Ela é avaliada também pela distância destas em relação à aldeia. Quando o trigo, a cevada e o milho crescem muito longe, o melhor da futura colheita corre sempre o risco de ser devorado pelos javalis, pelos ratos ou pelos ursos. Donde, o que se diz em Birdim: "Um terço da colheita vai para

os deuses, um terço para os ratos e um terço para os homens." Respondendo uns aos outros através dos campos, os camponeses lançam seus gritos na noite para afastar os grandes predadores.

Samdup nasceu no Tibete há vinte e seis anos. Instalado em Birdim há alguns anos, ele não possui gado nem terra. A meia hora a pé da aldeia, arrumou para si, entre duas rochas, um terrapleno do tamanho de um lenço grande. Mas vive principalmente do que lhe dão os proprietários de terras para os quais trabalha como diarista, ceifando e cultivando seus campos, guardando mais ou menos longe da aldeia, cortando lenha para eles antes da monção. Por cada dia de trabalho, os diaristas - tibetanos ou Tamang - recebem quatro medidas de cereais. Samdup consome duas. Mas só trabalha uma pequena parte do ano. As magras reservas de trigo que lhe restam após a última colheita, em abril, não subsistem até a colheita de milho, em julho.

Levando sua fina jaqueta de lã crua, munido de um ou dois quilos de tsampa - uma farinha de cevada assada que se mistura com água e pimenta moída para fazer uma espécie de bola de pão cru -, Samdup parte em expedição por quinze dias. A 4 mil metros de altitude, ele explora as encostas para descobrir uma raiz preciosa, da família das valerianáceas, que os indianos utilizam na confecção de medicamentos anti-epiléticos. Enche com elas o seu doko - um cesto de bambu trançado que se carrega às costas como um sacco, sustentado por uma tira frontal - e volta a Birdim. Em seguida, tem de caminhar quatro dias para chegar ao primeiro grande burgo comercial do vale: Trisuli-Bazar, onde vende o conteúdo do seu doko a um atacadista. As raízes serão exportadas em seguida para a Índia, via Katmandu.

Com as rúpias nepalesas obtidas na venda das raízes, ele compra açúcar, velas, roupas de tecido comum e arroz. Trocará estes tesouros por cereais nas aldeias próximas à sua.

Para não percorrer sozinho o caminho de volta, Samdup segue as caravanas de comerciantes nepaleses que se dirigem ao Tibete para trocar suas mercadorias por lã e sal. Birdim aproxima-se após cinco dias de caminhada ao longo dessas encostas intermináveis, marcadas horizontalmente pelos homens e verticalmente pelas torrentes.

OS PROBLEMAS DA ÁFRICA DO SUL

Diálogo de surdos com um africander

A silhueta atlética de Cornelius Petrus Mulder, ministro sul-africano da Informação, é bastante conhecida na França. Com efeito, Mulder já fez várias visitas a esta Capital e o jantar oficial, onde, em abril de 1975, elogiou amplamente as relações franco-sul-africanas, permaneceu na memória de muitos adversários da "pátria do apartheid". Considerado como um dos chefes da linha "dura" do partido majoritário no Poder, em Pretória.

Connie Mulder tem a justificativa da reputação de ser um "batalhador". Confirmou, na quinta-feira, dia 26 de março, durante entrevista coletiva, em Paris, breve escala entre Adidjan, de onde chegava, e Telaviv, onde era esperado na sexta-feira, que não tinha disposição alguma para contornar as situações e que não tinha nenhum desejo de convencer, realmente, os interlocutores, manifestando esta consciência tranquila e que é própria dos africanos.

Sorriso um pouco crispado, ele se comporta menos como político hábil e mais como combatente, neste aspecto sendo bastante fiel à tradição dos antigos primeiro-ministros Strijdom e Verwoerd, que como ele e como o próprio Vorster, eram originários do Trans-

vaal, fortaleza dos eleitores do Partido Nacionalista.

O ministro sul-africano da Informação disse, a respeito do chefe Buthelezi, primeiro-ministro da Zululândia, que, recentemente, criticava a política do governo de Pretória:

- Ele se comporta de maneira irresponsável... nenhum líder em qualquer parte do mundoalaria dessa maneira em semelhante ocasião...

Interrogado sobre as relações entre a África do Sul e a Rodésia, respondeu:

- Não temos intenção de constranger o governo de Salisbury e fazer o que quer que seja... Não acreditamos na utilidade do boicote nem em métodos análogos...

Satisfeito com a evolução da "política de diálogo", levada a cabo por algumas capitais africanas, Mulder afirma: "É claro que as nações africanas, brancas e negras, modernas e responsáveis, preferem o diálogo e a distensão à violência..."

O ministro da Informação está contente com a política que se faz no interior de seu próprio país, sob a condução do governo a que pertence, e declara:

"É direito de cada país decidir sobre a conduta de sua política interna... Admitimos as críticas, mas não queremos

que nos ditem a nossa política..."

E o apartheid?

"É uma palavra que se emprega no estrangeiro, porém nós, sul-africanos, não a usamos. No que nos concerne, falamos em desenvolvimento separado..." - replica ele.

E exato, porém, a política dos bantustans? O ministro, de acusado passa a acusador, e evoca o caso do Transkei, que se tornará independente em outubro próximo, perguntando:

"Por que motivo o povo do Transkei seria objeto de uma forma de discriminação, que lhe vedaria o direito de chegar à independência?"

Contudo, tal soberania não será, na verdade, nominal?

Todo mundo é, hoje em dia, interdependente no domínio econômico..."

Mulder não vê contradição entre a política que se pratica em Pretória, elaborada e realizada por seus amigos, e aquela que eles próprios aconselham a Ian Smith, convidando-o a respeitar, na Rodésia, a lei da maioria, pois, diz ele, "as situações são diferentes. Pode partilhar-se o Poder, dentro do mesmo Estado, ou, então, dividir o Estado em vários territórios, cada um tendo seu Poder particular. Os sul-africanos escolheram a segunda solução..."

Aquele que lhe pergunta quantos prisioneiros políticos há na África do Sul, Mulder imperturbável, responde: "Nenhum".

E Breyten Breytenbach?

"Era possuidor de dois passaportes, o que ele mesmo admitiu..."

E Nelson Mandela, líder do Congresso Nacional Africano?

- Está sob os efeitos da lei antiterror. Poderia ele exprimir-se de outra maneira? "Sim, votando no lar bantu, de onde é oriundo..." Decididamente, Mulder é completamente franco. Raramente, diálogo de surdos foi tão caricatural.

POR CULPA DO COLONIALISMO

Zaire, país rico à beira do colapso

As largas avenidas margeadas de árvores que dão sombra acolhedora, o Rio Zaire no auge da cheia, neste fim de estação chuvosa, a ausência de mendigos, uma horrível torre com teto de cobre maciço, nada em Kinshasa faz supor a pobreza: "Entretanto" - confessa um jovem comissário do Estado (ministro) - "nunca tivemos tantas desgraças ao mesmo tempo..." "Entretanto, como diz um provérbio", - ele acrescenta - "os problemas são um sinal de vida..."

Houve, a princípio, a queda das cotações do cobre, que, em 1975, provocou uma perda nas receitas previstas de cerca de 500 milhões de dólares. O conflito angolano e a interrupção do tráfego na estrada de ferro de Benguela, que escovava 55% da exportação dos produtos minerais do país, vieram agravar a situação. Mais recentemente, o fechamento da fronteira entre Moçambique e a Rodésia, aumentou a dificuldade de exportação das múltiplas riquezas minerais do sul do país.

Por outro lado, as autoridades agora reconhecem que a "zairianização" de 1973 (controle do Estado e entrega a zairenses do pequeno comércio e das pequenas empresas agrícolas estrangeiras), e, depois, a "radicalização" de 1974 (nacionalização de 120 sociedades estrangeiras) por mais necessárias que tenham sido, não obtiveram os resultados esperados. "Houve, às vezes, uma gestão ruim" - dizem, em Kinshasa.

A queda da produção industrial e agrícola, o endividamento dramático do país e a pequena proporção de retorno de divisas, que haviam fugido, levaram o Zaire à beira da falência.

Um comitê de estabilização, criado em novembro de 1975, e que compreende, além do Presidente Mobutu Sese Seko, os quatro principais responsáveis pela economia do país (o chefe do gabinete do presidente, o governador do Banco Central e dois ministros), tomou, por isso, uma série de medidas.

A mais espetacular delas é uma "manipulação monetária", que corresponde a uma desvalorização da moeda da ordem de 42 por cento. O Zaire, que estava ligado ao dólar (um Zaire igual a dois dólares), se relacionará doravante, aos direitos especiais de saque (DES), do Fundo Monetário Internacional. Este DES, que resulta da apreciação média do valor de 13 moedas fortes, aproximadamente equivale a 1.20 dólares.

Esta desvalorização será seguida pelo controle dos preços. Por outro lado, as despesas orçamentárias serão comprimidas e as importações serão controladas.

Le Monde
Le Monde
Todes os dias
reservados

DOCUMENTO

Aguinaldo Silva, Flávio Moreira da Costa, Abel Silva, Myriam Campello, Caio Fernando de Abreu, Regina Célia Colônia e Sulema Mendes

Sete autores contra o beletismo e as panelinhas literárias

No ano passado, diversas editoras brasileiras perceberam, embora com certo atraso, que poderiam aumentar sua fatia no bolo do mercado de consumo. Para isso usaram de vários expedientes, incrementando o esforço de marketing, ao mesmo tempo em que, para compensar o risco bem calculado na edição de algumas obras inéditas, exerciam pressão sobre outros autores, já relativamente conhecidos, para que produzissem em função de seu ritmo empresarial. Aceitavam com o crescente interesse estudantil pela literatura. E contaram com o auxílio dos administradores do Cesgranrio. O resultado foi o surgimento da estranha e pernicioso figura do "escritor de vestibular", exemplo vivo de um "milagre brasileiro" na literatura. Ou, como tanto se propalou do boom literário brasileiro.

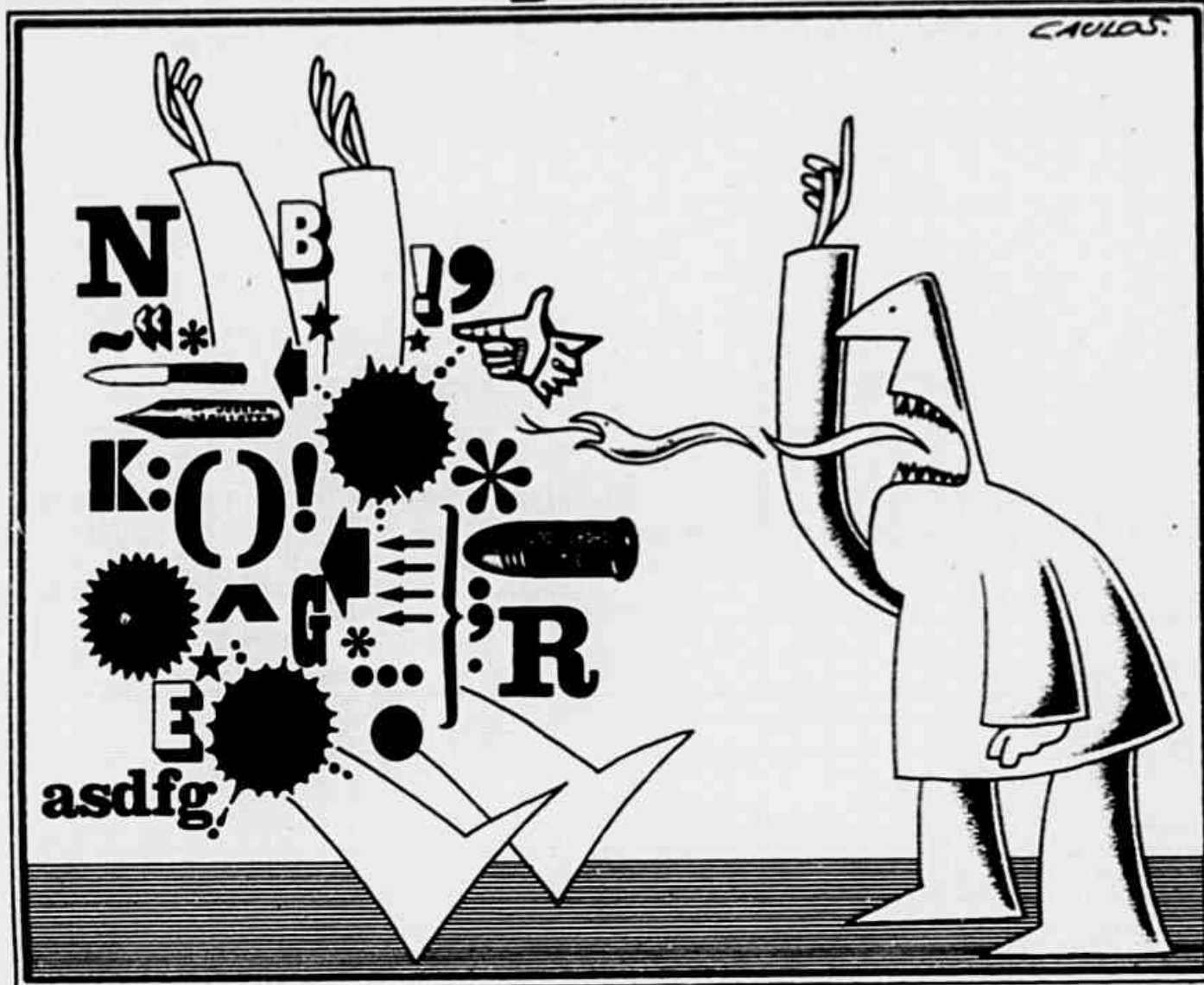
Mas toda essa badalação não pôde esconder o fato de que o boom, em muitos casos, nada mais fez que dar à luz obras realizadas há mais de cinco anos, além de elevar as tiragens médias da última década (de 2 a 3 mil exemplares) para 3 e 5 mil, fixando aí os limites da glória.

ção custa caro, livro custa caro. Ser publicado custa caro - e só os autores sabem exatamente em quantos sentidos. Eles - os autores - se reconhecem uma minoria, escrevendo para uma minoria de leitores, incapazes de romper os limites do círculo. Mas existem os que resistem, os que lutam contra todas as formas de divisão e tentam refazer, solitários, seu vínculo com a realidade e assim festejar a pequena vitória de manter sua própria dignidade.

Sete desses autores aceitaram debater para Opinião os problemas que afligem, no momento, a literatura e o ato de escrever no Brasil. São eles: Flávio Moreira da Costa (Os Desastronautas; As Armas e os Barões; e, a serem lançados este ano, Os Espectadores - contos; Corpo Fora, em parceria com Roberto Grey; e Os Subúrbios da Criação); Abel Silva (Açougue das Almas; editor com Capinam, da recém-lançada revista cultural Anima); Regina Célia Colônia (Canção para o Totem); Myriam Campello (A Cerimônia da Noite); Caio Fernando de Abreu (Inventário do Irremediável. Limite Branco, O Ovo Apunhalado); Sulema Mendes (Chagas, o Cabra); e Aguinaldo Silva (O Cristo Partido ao Meio, Canção de Sangue, Geografia do Ventre, A Primeira Carta aos Andróginos; República dos Assassinos será editado ainda este ano). (Marcos Peri).

Opinião - Qual é o papel social do escritor no Brasil e na América Latina de hoje em dia?

Caio Fernando de Abreu - O papel social do escritor no Brasil, na América Latina e no mundo inteiro será sempre, e sob quaisquer condições, lutar pela liberdade de expressão. O intelectual será sempre um contestador. Denunciar, sempre, é a sua função. Denunciar a violência, a corrupção, a repressão, a miséria. Ajudar na recuperação da dignidade humana.



Eles não são best-sellers nem costumam dar entrevistas sobre o boom literário que, acreditam alguns, assola o país. São apenas escritores, cientes de que existem polêmicas mais urgentes do que, por exemplo, a divisão entre populistas e vanguardistas.

Regina Célia Colônia - Parece-me que há sobretudo um momento histórico. Os romances de cavalaria, por exemplo, esses modelos admiráveis, surgiram como uma grande representação verbal e mítica da Idade Média, no momento em que ela estava a ponto de ser varrida pelo Renascimento. O grande romance russo do século XIX - Tolstoi, Dostoiévsky, Gogol - surge quando a Rússia imperial está nas últimas. E a admirável saga do *Deep South* que são os romances de Faulkner, apareceu quando a anacrônica sociedade sulista se esfacelava. A América Latina está trocando de passo neste momento, e os grandes ficcionistas dão os seus testemunhos. Quanto aos novos que são publicados neste momento, parece-me que todo o bom texto, todo o bom romance é fatalmente inconformista e tem, por conseguinte, uma função subversiva, ainda que involuntária. Estou me referindo à arte como cultura e não como objeto de luxo, que possa interferir o mais possível no processo cultural brasileiro. A tarefa do escritor eu a sinto como sendo a de superar o estático e pôr de lado o absoluto, a capacidade de ver o novo quando ainda em pleno desenvolvimento, e perceber-lhe a importância.

Myriam Campello - O papel do escritor na América Latina, no Brasil ou em Marte é o de analisar e apontar as falhas dos indivíduos, costumes e sistemas, tentando

sempre um alto nível de realização artística. Isto de dizer que um escritor tem de escrever como um porcalhão da boca do lixo é demagogia barata. Já não impressiona ninguém. O próprio Castro deu carta branca a Lezama Lima, o mais complexo e difícil escritor da América Latina, dizendo que era uma honra para Cuba ter um escritor do seu porte. Lezama Lima, para muitos o Proust das Antilhas, tem um estilo belo e difícil. inventa palavras, faz o diabo. O seu *Paradiso* é um monumento! E certas pessoas aqui no Brasil ainda acham que o escritor deve escrever com os pés, tem que nascer na favela, ser proletário ou lavrador para poder escrever. Pura idiotice. A gente nasce onde pode. Imprescindível é que todo mundo nascesse igual, com comida e escola.

Aguinaldo Silva - Eu acho que é preciso saber o que é bom para o povo. Não é demagogia, não, deixa eu explicar melhor. Vinho é muito bom... não seria ótimo que todos pudessem bebê-lo? Sartre disse isso uma vez, com outras palavras ("A função do escritor, no Terceiro Mundo, é ensinar o povo a ler"), e foi muito mal compreendido. Mas eu não vejo como poderia ser de outra forma. Acho que isso, esse papel do escritor não muda nunca, quaisquer que sejam as circunstâncias.

O - Mas será que não existe diferença entre uma época e outra?

AS - Bem, é verdade que em determinadas épocas nós temos

Lima Barreto, e em outras, Gramiro de Matos e Wally Sailormoon. Mas tudo isso faz parte da mesma lição.

Flávio Moreira da Costa - Hoje e sempre, na América Latina ou em qualquer lugar, nosso papel é o de escrever. Agüentar a barra e escrever, revelando, através de uma visão pessoal, aspectos e facetas da realidade em que a gente vive. Se não seria melhor escrever sociologia, ou jornalismo, ou fazer fotografia. O papel do verdadeiro revolucionário nunca foi fazer arte: foi fazer a revolução.

Sulema Mendes - Toda arte é insubmissa por sua própria natureza. Tende a reelaborar a realidade. Projeta-la através da visão do artista. E o escritor, pela condição do seu "instrumento", foi sempre o artífice das grandes transformações sociais. Brasil e América Latina não são exceções. Entretanto, sua consciência social é apenas parte de sua "consciência" artística, que tem que ser completamente desvinculada de qualquer engajamento. A arte precisa ser livre. Se é colocada a "serviço" de uma causa deixa de ser espontânea e passa a fabricar "produtos" ajustáveis ao que pretende apoiar, ou reformar. Com isso deixa de ser arte. A História está cheia de exemplos de tentativas desse gênero, como o período nazista, estéril em termos de manifestação artística. Não se pode criar dentro de moldes pré-estabelecidos. Muito

menos tendo a preocupação do permitido.

Abel Silva - O "papel do escritor"... bem, não existe um papel reservado ao escritor em todos os tempos e lugares. Cada um inventa o seu papel, de acordo com o temperamento e o destino. Eu, pessoalmente, penso que o papel do escritor, agora, é reaver os objetivos essenciais da criação.

Artaud, no auge de sua lúcida loucura, disse que a humanidade precisava mais de homens que de textos, e propunha que o escritor se escrevesse, que fosse ele próprio uma espécie de suporte de sua obra. Um escritor brasileiro novo, hoje, tem de escrever-se na cara, expor-se, ser uma possibilidade de permanência humana, de referência. É o desafio, inclusive, que anula o chamado homem de letras. Então, a atuação que imagino é essa do escritor não-atuante; isto é, atuante a um nível tal de profundidade que nenhum "pragmatismo responsável" da crítica ou dos partidos consegue enquadrá-lo em algum tipo raso de "utilidade"

O - Mas existem muitos escritores latino-americanos que têm participação política. O Cortázar, por exemplo...

SM - Nunca li Cortázar nem estou a par do que ocorre na Argentina...

Abel - Mas Cortázar pensa diferente. Ele vê o escritor como um caso estranho de dupla personalidade, político, no plano do homem-cidadão, e livre no plano da criação. Pressinto nessa divisão a aceitação de compartimentos (definições) do poder, de normas do poder. Essa separação, penso eu, é fruto do complexo de culpa da não-participação político-partidária. Ora, cada vez é mais difícil a um homem livre participar em termos partidários. E Cortázar, sendo argentino, e lá essa questão existe, é só ler *Crisis*.

O - A repercussão não altera um pouco esse estado de coisas?

FMC - No século passado os escritores tinham uma repercussão imediata muito mais eficiente. Assim, Tolstoi e Dostoiévski funcionavam quase que como profetas dos tempos que vinham se aproximando. Hoje, no Brasil, qual o escritor que tem mais influência ou mais popularidade que o Sílvio Santos? Não estou dizendo com isso que seja mais importante ser apresentador de televisão. Quero dizer que a função do escritor de hoje é muito mais difícil (porque menos perceptível), mas nem por isso menos importante. Ele precisa resistir. E um escritor só pode resistir fazendo o que sabe: escrevendo.

O - Como vocês vêem a tão comentada crise de cultura brasileira?

Antes tivemos *O Rei da Veta*, *Quarup*, *Terra em Transe*, os *shows* do Teatro Opinião. Mas se analisarmos bem, veremos que a crise já nascia quando ocorreram essas manifestações culturais. Não exatamente uma crise, mas a necessidade de sobrevivência que

faz com que os senhores da semiótica, da metalinguagem, finjam uma dignidade duvidosa e com que os jovens escritores persigam um jogo vazio, de palavras, como se este fosse da mais absoluta perfeição. Parece que houve um *chega-prá-lá*, um *salve-se quem puder* geral, por conta do qual muita idéia, muita vontade foi sacrificada. Numa situação dessas, em que a cultura se vê com problemas por todos os lados, e em que a dignidade, em consequência, se rompe por todas as costuras, como fazer para sobreviver? Eis a crise...

MC - Eu acho que a crise geral da cultura existe entre nós desde os primeiros degradados que aportaram a estas terras com o objetivo de espoliá-la, e não de fazê-la florescer. A partir daí coube-nos uma configuração cultural defeituosa, cheia de maus hábitos e falhas imensas que até hoje embarçam nossos passos.

FMC - É isso mesmo, crise geral da cultura sempre houve. É crise geral, simplesmente. Não da cultura, em específico, mas do mundo todo, do homem, que procura seu próprio destino, ao mesmo tempo que tenta, suicida, aniquilá-lo.

SM - Tratando-se de cultura genuinamente brasileira, e tendo como cultura apenas o conjunto de manifestações artísticas, o Brasil sempre foi um país culturalmente pobre. Não temos nenhum Prêmio Nobel de literatura, por exemplo, o que é sintomático: a literatura brasileira em geral ainda está numa fase artesanal. Fora movimentos esporádicos, como as Academias, do período colonial cuja influência foi restrita, por razões óbvias, e a Semana de Arte Moderna, que influenciou a primeira metade deste século, nada de positivo se tentou para debelar a crise crônica.

RCC - Há dois anos eu estava fazendo uma matéria para um jornal do Rio sobre um assunto que até hoje me parece impressionante. Em Santa Catarina há sambaquis estudados através de testes com o Carbono 14 e que mostram a presença, ali, de civilizações de até quatro mil anos. Anteriores, portanto, à própria civilização egípcia e à grega. Pois bem, durante a noite, caminhões pertencentes à indústria de cal e adubo calcário estacionam perto das aldeias arqueológicas e depredam esses tesouros da pré-história do homem americano. Seus carregamentos de conchas, ossadas e artefatos primitivos - de valor inestimável em mãos de estudiosos - são transformados em cal e adubo. De que lugar falaremos, como poderemos considerar o que é prioritário, enquanto não soubermos de que espécie de cal pintamos nossas casas?

O - Mas existem fatores imediatos que agravam esta crise, que condicionam hoje, de forma diferente, a expressão literária.

CFA - Impossível separar, hierarquizar: é um todo. As barreiras do escritor brasileiro em relação à literatura são as mesmas do homem brasileiro em relação à vida. Ao outro. A si mesmo.

FMC - Quando falei anteriormente que o escritor, escrevendo, está resistindo, me referia a todos esses probleminhas: sociedade de consumo, amnésia histórica, sistema educacional em pedaços, etc. Por que nós precisamos escrever apesar de tudo, contra isso tudo como se tentássemos construir uma ponte que tanto pode ir de nós ao outro, quanto de nós a lugar nenhum, pelo menos em termos imediatos. Dentro desse panorama todo, lembro Herbert Marcuse: "a criação é uma vitória do Eros contra o Tanatos. No meio do caos colorido e do lixo, cultural, ecológico e atômico, essa é a nos-

Flávio:
"Nós precisamos escrever apesar de tudo, como se tentássemos construir uma ponte que tanto pode ir de nós ao outro, quanto de nós a lugar nenhum. Lembro Herbert Marcuse: a criação é uma vitória do Eros contra Tanatos."

sa função mais difícil e menos compreendida:

AS - Num país loucamente voltado para o consumo, onde tem mais status quem pode comprar mais, ou quem pode vender mais - vamos citar Ana Maria Bahiana: "o disco de Rita Lee foi um dos melhores do ano desde 1975 porque vendeu muito - e onde se procura sepultar a qualquer preço o passado - recente ou não - como esperar que Sérgio Sant'Anna seja levado a sério pelas pessoas que lêem Harold Robbins e Arthur Hailey? Somos simplesmente um país de "analfabetos", pois as pessoas foram treinadas para ler apenas uma cultura importada, que nada tem a ver com elas." E isso, é claro, condiciona a literatura brasileira atual. O que fazer é a primeira pergunta feita pelos escritores. Talvez assumir um ponto de vista estrangeiro ao tentar apreender a nossa realidade? Não é à toa que citamos Sérgio Sant'Anna: as *Confissões de Ralfo* não seria um produto dessa confusão?

MC - A cultura de massa, audiovisual, com seu nivelamento por baixo, e o fenômeno pop, abalando fortemente os pontos de referência culturais sem apresentar uma resposta que valesse além do momento, deixaram o Brasil

num espantoso vácuo. Específico o Brasil porque o impacto das décadas de 50 e 60 num país com grande índice de analfabetismo, sem hábito de leitura e com uma cultura assaltada por mil problemas, foi mais sério que nos países culturalmente desenvolvidos. Estamos um pouco como o crioulo do samba, situação que os catões, impedindo que jorrem as fontes de crítica social, tornam crucialmente pior.

SM - Atualmente, os catões e os meios de comunicação de massa agravam a situação. Analfabetismo, falta de herança cultural, básica para a formação e aperfeiçoamento do artista, e falta de educação artística, propriamente, são outros fatores responsáveis pela crise de cultura no país. A sociedade de consumo não consome cultura que não seja de massa. Livro é experiência individual. No entanto, essa própria sociedade tem condições para inverter o processo, graças aos novos meios de comunicação. A televisão, por exemplo, na França, presta inegável contribuição à cultura. Dizer que a média da população brasileira não lê porque tem baixo poder aquisitivo é só metade da verdade. futebol não custa menos que livro, e os estádios vivem abarrotados. No processo educacional que temos todas as reformas do ensino ignoraram nossas raízes e tendências culturais para se basear num trágico excesso de automatismo, sem qualquer proveito, nem técnico nem humanístico.

Com relação aos autores, também, não é tanto a ausência de vinculações com os "mais velhos", mas a falta de influências positivas, em geral, que nos condiciona. Somos um povo inteiro sem formação cultural. Precisamos importar literatura capaz de influir nesta formação. Porém, boa literatura. O que se vê por aí são *best-sellers* estritamente comerciais, pornografia mais ou menos disfarçada e porcarias em alta quantidade.

RCC - É possível que seja minha experiência de vários anos como repórter de jornal, com o trânsito que esse trabalho nos facilita, que torne isso que vou dizer uma exceção. Mas não sinto que ao escritor novo esteja vedado, no atual panorama literário, o acesso aos "mais velhos", aos autores consagrados e sua experiência pessoal. Entretanto, apesar desse *chegar perto* não me aparecer como uma dificuldade - acredito que certos autores possam se mostrar *difíceis* -, acho que esse detalhe não tem muito a ver com o que eu,

Myriam:
"Eu acho que a crise geral da cultura existe entre nós desde os primeiros degradados que aportaram a estas terras com o objetivo de espoliá-la, e não de fazê-la florescer. A partir daí, coube-nos uma configuração cultural defeituosa."

ou qualquer um de nós, esteja escrevendo. Exagerando pela metáfora: não me parece que a simbiose com os pais seja uma boa maneira de descobrir o mundo. Pelo contrário.

Abel - A sociedade de consumo, se atrapalha? A sociedade de consumo é um tipo singular de momento social da classe média, em que as crianças são

Com raríssimas exceções, passarão pelo processo típico do consumo: de produto a bagaço, de bagaço a lixo. E eu respondo também sobre o analfabetismo. Uma sociedade de consumo é uma sociedade de analfabetos, *quer saibam ler ou não*, já que a informação é profundamente mistificadora e só uns poucos conseguem *aprender a ler* na verdade. O brasileiro médio sabe ler Cabral? Drummond? São esses analfabetos que sabem ler - o consumidor - que podem ter alguma importância para os escritores, pois os outros analfabetos... bem, esses mesmo que soubessem ler não iriam gastar dinheiro com livros a esta altura dos acontecimentos. *Quem lê no Brasil é a classe média. E ela não sabe ler*. Não é uma barra? A ruptura com o passado histórico está em outro nível. Acho que toda cultura burguesa vive da obsessão do rompimento.

A cultura que não rompe e, estranhamente, sempre se renova, é a popular. Alguém vê rompimento entre Paulinho da Viola e Cartola? Agora todo escritor jovem que se preza tem de estar provando que mata o romance a punhaladas diariamente, que enforca o conto todas as tardes, que sufoca o poema toda a manhã. Sociedade de consumo não é uma sucessão de novidades? Não é "me use e jogue pela janela"? Eu hein! A cultura não podia ficar incólume ao poder e às suas diretrizes. Assim como não temos mais passado... Finalmente, quanto à educação. Tudo está ligado, entende? Se a literatura fosse depender das Faculdades de Letras, dos professores de literatura... as *Faculdades de Letras são Escolas Normais disfarçadas*. Aliás, já não disfarçam mais. Osman Lins provou isso recentemente, mas não chega a ser difícil provar tal coisa. O universitário - e também o poder universitário, a crítica universitária - é ao mesmo tempo *desinformado e petulante*. Na verdade não tem influência alguma sobre a criação, que corre à sua margem. Enquanto a criação é cada vez menos institucional, a crítica universitária e a informação universitária são cada vez mais compartimentadas, institucionalizadas e, principalmente, colonizadas.

O - Mas, então, não existem vínculos?

FMC - Não existe geração espontânea. A relação entre o que se faz hoje e o que se fazia ontem é inevitável, mesmo quando o escritor - numa posição que eu chamaria de ingênua - acredita estar inventando tudo de novo. Ao mesmo tempo, esta posição - com consciência do passado histórico; literário - é a mais vital: nós devemos escrever visando sempre acrescentar alguma coisa de novo ou de pessoal. Caso contrário, tudo não passa de mera repetição. Mas acredito que o problema do escritor jovem está sendo mal colocado. O que é isso? Escritores na faixa de 20 a 30 anos? Os debates e entrevistas que têm se realizado a respeito da *literatura jovem* congregam escritores de, em média, 42 anos de idade. Embora eu seja no mínimo 10 anos mais moço que esses escritores, estou em fase de assumir a minha idade. Não tenho mais 20 anos, já passei dos 30. Embora quase tudo o que tenha escrito até hoje - entre publicados e mais quatro livros a publicar - aconteceu antes dos 30 anos. Essa badalação em torno de escritores jovens vai acabar resultando numa *Academia de Escritores Jovens do Brasil*. E isso não me interessa. A divisão que deve ser feita, pelo menos que eu faça, é entre a literatura contemporânea e a outra, já realizada, acadêmica. Independente de idade. E, nesse sentido, Dionélio Machado, de 80 anos, está do lado de Caio Fernando de Abreu, de 27. O resto é literatura e promoção.

CFA - O presente é sempre resultante do passado, uma consequência. Ninguém se desvencilha facilmente de suas origens, de suas raízes. Mas creio que um escritor deva ser fundamentalmente um homem de seu tempo. Seria ridículo, irreal e anacrônico escrever, em 1976, como Machado de Assis, por exemplo. Mas para compreender o presente devemos conhecer o passado, a História. Para nos libertarmos do passado é necessário *assumir* o presente. E encarar o futuro, se é que ele existe.

MC - Mesmo quando negamos iconoclasticamente aspectos indesejáveis do passado literário ou de qualquer outra espécie, não conseguimos destruí-lo. Impossível eliminar de forma cabal o que nos antecedeu, como não podemos ignorar os primeiros degraus de

Quintandinha, 1946
O Amor,
O Jogo,
Os Excessos

18 ANOS

Ovelha Negra
Uma despedida de solteiro

• Joel Barcellos
• Nelson Xavier
• Márcia Rodrigues
• Ana Maria Miranda
Participação Especial
• Maria Fernanda

Um filme de
Haroldo Marinho Barbosa

EXCLUSIVAMENTE no **STUDIO PAISSANDU** a partir de 8/04,
às 3.40-5.20-7.00
8.45-10.20-

uma escada mesmo rachados ou desagradáveis de pisar. Existe uma inequívoca vinculação residual entre o passado histórico e literário e o nosso presente. Somos todos - e isso vale tanto para a literatura jovem quanto para a literatura amadurecida ou realizada - frutos de superposições, de somas, de um processo que se vai modificando e acrescentando. Herdamos tanto os donatários coloniais quando da Independência, do esplendor e da opulência de Vieira e da Semana de Arte Moderna. Somos depositários da forma e da quebra da forma. E tudo o que se fizer em termos contemporâneos levará a marca desse passado triturado, mesmo que de modo inconsciente.

AS - É evidente que não se pode renegar o passado. Só uma forma de loucura especial faria com que o pessoal do Poema-Processo, por exemplo, chegasse àquele extremo de queimar livros de Drummond e Bandeira em praça pública. Além do fato de que tudo não passou de um grosseiro golpe de publicidade planejado por um irresponsável qualquer, aquele ato não teve a menor significação do ponto de vista cultural. É claro que os jovens escritores herdaram uma responsabilidade das gerações que os precederam. Se os herdeiros atuais não são dignos, por exemplo, de Lima Barreto, Graciliano Ramos e talvez não sejam dignos sequer de Cornélio Penna, isso ocorre, talvez, por força da loucura, da crise geral.

SM - Não acredito em literatura jovem ou velha. Existe literatura. E autores jovens ou não. Castro Alves morreu com 24 anos, no século passado. Sua poesia foi, e sempre será Poesia. De outro lado, é como se disse aí, somos influenciados por nossas raízes culturais. Nossas próprias preferências nos definem. Nessa medida estamos, sim, vinculados a um passado artístico, se considerarmos passado um acervo dinâmico em perpétuo movimento, somatório de todas as influências que sofremos e que contribuíram na constituição do que somos.

RCC - A informação estética implica sempre uma violação da norma, como já diziam os formalistas. Acho que não haveria diferenças muito palpáveis na literatura brasileira a partir dos últimos 12 anos, no seu vetor histórico. Os estereótipos, a redundância como manifestação da uniformidade entrópica continuam tão desinteressantes como sempre foram. O estudo e o exercício da literatura - se é que se leva a coisa a sério - devem reconhecer o processo literário como seu único herói. Com toda a lucidez crítica que isso acarreta.

Abel - Não sei se Norman Mailer foi o primeiro, não deve ter sido, a comparar a literatura com uma senhora de maus costumes, devoradora sutil, capaz de deixar o amante otário sair do quarto pulando e espalhando pra todo o mundo a sua vitória, enquanto ela se debruça entediada na janela e mostra o decote a um voyeur medroso, esquivo, tímido, mas que ela sabe (ela intui) dar um amante muito melhor, sem ejaculações precoces, sem o pique juvenil do primeiro livro. Ela está sabendo de onde pode sair mais que o primeiro e o segundo orgasminho frio, ela reconhece o inovador desejoso de mil posições eróticas e nenhuma satisfatória, o bruto que chega e diz "sou eu", "é minha", e depois chora chamando mamãe, ela sabe tudo com sua experiência de séculos. Mas sempre haverá quem se esqueça que ela sabe, ou quem finge que esquece das sutilezas e máfias dessa velha megera, dos tais será o reino do esquecimento. A maioria dos escritores brasileiros assinalados no momen-



Abel:
"Essa geração que se apresenta altissonante, pra mim, é uma espécie de entressafra, é como essa seleção de futebol que estão fazendo aí agora, tem um ou outro bom jogador, mas nenhum faz chover realmente. Essa nova literatura não é um passo à frente."

to, como os novos, idem a nova crítica, está pensando que vender em literatura é uma questão de marketing, de atuação sobre o mercado. Como quase todos são jornalistas, não lhes é difícil ocupar logo o espaço - a cama da senhora - e iniciarem ali os seus urgentes suores. Enquanto isso ninguém fala, ou poucos falam, de João Ubaldo, por exemplo, de José Agripino de Paula, de Florivaldo Matos, de Gramiro de Matos. Eles não atuam, apenas escrevem. E vivem. Agripino é um bicho bravo, esquivo, vive por aí, uma hora na Bahia, outra hora pra lá de Marraquechi. Nada mais diferente

de um literato, de um homem de letras... mas os seus trabalhos estão aí, como fios de uma teia clandestina... quem sabe desses fios não se dá o nó?

O - Quer dizer que os mais novos estão... em trânsito?

Abel - Esta geração que se apresenta altissonante, pra mim, é uma espécie de entressafra, é como esta seleção de futebol que estão fazendo aí agora, tem um ou outro bom jogador, mas nenhum faz chover, realmente. Esses novos escritores me dizem menos que os que labutam pela aí, nas quebradas: Rubem Fonseca, Clarice, Rawet, pra não falar em Cabral e no velho Drummond. Essa nova literatura não é um passo à frente, nem está à altura de seus colegas de geração latino-americana cujo rastro de sucesso eles estão loucos para acompanhar. Não tem nenhuma obra aí pintando com peso, com cara feia de obra mesmo. Tem uns livros... e livro sempre tem, né?

O - Consideramos que tem vários, mas cite um.

Abel - Os Últimos Dias de Paupéria, de Torquato Neto. A realidade brasileira desse período que vivemos, a literatura brasileira de um futuro próximo será marcada por livros como esse, manchados de sangue, carregados de poesia. Por livros distantes, mas não alheios das querelas literárias, das questões universitárias. São livros como granadas. Este é um livro póstumo, foi lançado por uma pequena editora, mas a cada nova publicação que surge no Brasil, lá está uma citação desse livro, lá está um trecho, um poema, lá está Torquato vivo. A diferença desse livro para tantos outros é que se relaciona com a vida, com o tempo, é um livro-luta-corporal, um livro típico da minha geração, mais ou menos como você diz, da geração-durante, porque há gerações antes, gerações pós e gerações durante. Claro que existem outros livros, mas este eu conheço bem. E é claro, também, que geração não é um conceito muito rico, mas nenhuma generalização é lá essas coisas. Uso esta por comodidade táctica... Torquato trazia todo o esfacelamento desse "durantismo" cruel. A nova literatura brasileira será assim, desconfiada dos prêmios e dos títulos, alheia à mesquinha luta pelo poder literário -



Aguinaldo:
"O romance que se faz atualmente no Brasil não segue as linhas gerais do que se poderia chamar de um "movimento", nem obedece a gêneros; nem seus autores me parecem tão unidos que se possa dizer deles que brigam pela mesma causa perdida. Faz parte da crise."

que está aí, afiando os dentes!

O - Parece que predomina, nesses termos, a personalização da obra, não há propriamente um movimento literário, em termos organizados, certo?

AS - Nem sequer sabemos se temos um romance atual. Como dividi-lo em escolas? Temos, sim, Tebas do meu Coração e Os Homens dos Pés Redondos, Nélida Piñon e Antônio Torres. No mesmo barco e ao mesmo tempo tão distantes. Temos a "Saga Judia" de Moacyr Scliar e os romances amazônicos de Paulo Jacob. Temos os mineiros e os pernambuca-

estes sim, afins de suas preocupações de casta, de brasões, de aristocracia. Em Pernambuco a coisa chega a ter um nome: é ar-morial. O romance que se faz atualmente no Brasil não segue as linhas gerais do que se poderia chamar de um movimento, nem obedece a gêneros; nem seus autores me parecem tão unidos que se possa dizer deles que brigam pela mesma causa perdida. Mas, isso, como já dissemos, faz parte da crise.

CFA - Eu não sei, não... Dizem que escrever um romance hoje em dia é procurar a melhor maneira de assassinar o romance. Não acredito nisso. O romance já foi assassinado por Joyce, faz muito tempo. E entre nós, por Oswald e Mário de Andrade. Não gosto dessa diferenciação conto-novela-romance. Existem textos de ficção. A rigidez só pode limitar. A liberdade total de criação é o caminho. Não só em literatura, mas em qualquer forma de arte e também na vida.

FMC - Um escritor que não se ouça, que não faça os outros ouvirem a sua própria voz, gostem ou não, concordem ou não, está mentindo a si mesmo. A idéia de movimento é quase sempre posterior a uma época. Hoje, temos uma idéia clara a respeito do movimento modernista, mas tinham eles essa idéia, na época? Graciliano Ramos, por exemplo, recusou várias vezes fazer parte do bloco; Mário de Andrade é muito diferente de Murilo Mendes, e assim por diante. Também creio que a idéia de gênero esteja sendo revista, senão modificada. Um autor que fica a vida inteira polindo o mesmo gênero me parece um autor menor. E a partir daí as repetições são inevitáveis. Vejam-se os cinco últimos livros de Dalton Trevisan. A evolução de um escritor, dentro, é claro, de um contexto complexo, corresponde à sua própria evolução pessoal. A literatura brasileira está cheia de autores de um só livro, que abandonaram a vida literária e ingressaram na vida social. É o caso da que eu chamo de geração da crônica, que só produziu 10% do que poderia ter produzido. Quer dizer: acreditaram numa glória imediata, sem perceberem que ela é também castradora.

O - E que lugar ocupa o Realismo Mágico na literatura brasileira?

CFA - O Realismo Mágico tem, na literatura brasileira, o mesmo lugar que em outros sistemas sociais semelhantes. Na medida em que não se permite ao artista ser claro, ele recorre à metáfora do presente. Mas também existe o pseudo-Realismo Mágico, sem vínculo algum com a realidade. Não é nada disso. Trata-se, repito, de assumir o nosso tempo. Aqui e agora.

SM - Como atualmente todas as tendências estão em efervescência, o Realismo Mágico está no caldeirão, como componente da mistura, mais ou menos diluído, de acordo com a inclinação de cada escritor.

FMC - Qualquer que seja a categoria de classificação, o importante é que o escritor tenha talento, e, sobretudo, que ele escreva de acordo com a sua consciência. Tanto faz, portanto, se escreve realismo mágico ou realismo tout court, ou textos experimentais. Um livro de vanguarda pode ser muito ruim, independentemente das suas intenções. Um autor acadêmico - caso do peruano Julio Ramón Ribeyro - pode ser excelente. Vale o resultado, não as intenções.

AS - Acho que a pergunta correta seria esta: há escritores que saibam fazer Realismo Mágico na literatura brasileira? A gente olha pra trás e vê isolado, sozinho, o Margarida La Rocque, da Dinah

Leia e
assinine
Opinião

Do Centro das Américas Emergiu um Grito Indígena



canção
para
o
totem

Preço: Cr\$ 35,00

Em todas as livrarias
Lançamento da Editora

CIVILIZAÇÃO



BRASILEIRA

Pedidos pelo reembolso postal à
Editora Civilização Brasileira
Rua Muniz Barreto, 91-93 - Botafogo - Rio

Silveira de Queiroz, com seu toque de genialidade. A gente esbarra, mais recentemente, com o clima onírico das histórias de José J. Veiga, ou com o absurdo de Murilo Rubião.

MC - Para mim, o Murilo Rubião é o mais autêntico dos nossos realistas mágicos.

AS - Mas a gente torce, principalmente, é por Hermilo Borba Filho, que, realista mágico, tenta dar dignidade e grandeza ao povo, em suas histórias, nem que seja à custa do maravilhoso.

RCC - Eu não estou particularmente interessada em realismo, mas estou muito interessada em realidades. O realismo é uma convenção elaborada no século XIX, e a grande literatura ocidental não é realista, nela o narrador é um mitógrafo.

Abel - E digo mais: Realismo Mágico é uma das definições institucionais mais burras que a crítica inventou - não estou me referindo a nenhum autor que tenha enquadramento nesse gênero -, os críticos conheciam o "realismo" e o "mágico"... daí que quando ficou claro para o escritor que se preza não existem essas fronteiras, os críticos resolveram da maneira mais simples: juntaram os dois termos.

Aguardem: o "urbano-regionalista", o "tecnicista-social", o "lírico-estruturalista". Nunca vi um escritor que aceitasse essas definições, que dissesse "eu sou realista-mágico"; aliás, vivem dizendo o contrário, que realista mágico é a mãe! As definições resolvem o problema de quem define e dificultam para quem é definido. Por exemplo: um colunista chamou o meu *Açogue das Almas* de "realismo urbano", mas eu pergunto: o que é urbano? Nelson Pereira dos Santos, com o *Amuleto de Ogum*, mostrou que urbano de brasileiro é Caxias. Mas sempre que se pensa em urbano se pensa em Nova York. Pra mim, urbano é Largo do Machado, Gambôa, Livramento - é a minha memória, os meus espaços.

O - Mas que tipo de evolução se pode esperar de tudo isso, afinal?

Abel - Não é ruim nem feio que esse pessoal do boom da nova literatura brasileira aja como está agindo. Como quase todos são homens de 40 anos ou mais, estão naquela da agora ou nunca. Eles são coesos, não há dúvida. Serão, se já não são, "escritores profissionais", terão títulos, mas pra mim, sinceramente, a maioria morrerá de susto. É só esperar mais uns cinco ou 10 anos, (pra que pressa? estão querendo um mercado de livros como existe um de discos?). Pode demorar ainda um pouco, mas acabará vindo esta grande onda grossa que apenas pressinto na inquietação de centenas de novos trabalhos que aparecem feito cogumelos. Os cogumelos são uma ironia da natureza: *frutos mágicos que nascem no esterco*.

SM - No momento se faz todo o tipo de experiência sem obedecer propriamente a nenhum movimento dirigido. Sem enquadramento num gênero literário. É uma renovação salutar, justamente por permitir o pleno desenvolvimento da potencialidade criadora de cada escritor. Não vai acontecer, não, está acontecendo.

RCC - Há vários lugares a partir dos quais se pode indagar o florescimento da literatura latino-americana, em geral, e a brasileira, em particular. Uma primeira constatação poderia ser a de que já houve muito mais "escritores de domingo", a partir de um certo momento se abriu a possibilidade de a literatura assumir uma forma bastante mais profissional. Por outro lado, a grande revolução do novo romance latino-americano é, a meu ver, formal. Os novos romancistas e contistas não criam

Sulema:
"O escritor devia ser solidário com seus pares para ser menos solitário. E ter mais força atuante. A panelinha torna isso impossível. Jogo de vaidades pessoais e servilismo, divide forças e cria áreas de atrito. Representa uma dupla marginalização. Para os de dentro e para os de fora."

apenas histórias, criam principalmente linguagens e técnicas. O momento histórico contribui para a aparição de uma novelística ambiciosa e audaz. Carpentier, Onetti, Fuentes souberam encontrar um estilo e um processo narrativo graças aos quais suas ficções - inspiradas em diferentes aspectos da realidade e da irrealdade latino-americanas - falam e comovem os leitores de diversos países, em diversas línguas.

O - E o jovem autor deve lutar, então, para ser editado?

Abel - É claro que o escritor deve lutar de todas as maneiras possíveis para ser editado. A gaveta dá câncer! Artaud dizia que o público era a primeira necessidade do teatro. A primeira necessidade do escritor é o leitor. Talvez a primeira e a última; talvez a única. Mas até a dificuldade de editar pode se transformar em pretexto para definições mistificadoras. Por exemplo: os autores que se definem *marginais* apenas porque editam em regime marginal, mimeografado, por exemplo. Ora, o processo não passa sentido ao texto por osmose. Processo de edição é processo de edição, texto é texto. Aceitar o conceito de marginalidade nesse nível é aceitar uma definição de *marketing* ao contrário.

MC - A pergunta é redundante. Se o autor jovem escreve um livro e pretende fazer carreira como profissional da literatura, que outra atitude pode tomar, em nosso país, senão lutar para ser editado? Esta, em 99% dos casos, é a única maneira de se publicar livros aqui.

FMC - Isso mesmo. No Brasil não basta ter talento, não basta ficar meses e anos escrevendo. Depois disso tudo, o escritor, jovem ou não, precisa lutar para ter seu livro publicado.

SM - E se não lutar jamais será editado! Mesmo lutando e, às vezes, pagando, é difícil!

RCC - Acho que quanto maior venha a ser o número de bons autores brasileiros publicados, mais se verá a necessidade de que esse número cresça. Porque o Brasil

sabe a si mesmo de um modo funambulesco, precário. Bons autores brasileiros têm mais facilidade de editar na França, Alemanha, Itália. Foi o caso do *Zero*, de Ignácio de Loyola, editado pela Feltrinelli, antes de o ter sido no Brasil. Na Europa, uma História da Literatura Brasileira vendeu 35 mil exemplares em poucos meses, enquanto por aqui nós traduzíamos o *Exorcista* e outros *best-sellers* que servem para a ingenuidade de exorcizar emoções maiores. Onde é que estão, nas livrarias do Sul, os livros dos escritores do Amazonas? E onde é que estão os livros sobre a cultura fabulosa dos nossos índios? Não estou falando dos maias ou dos astecas, mas dos xicrins, dos caiapós, dos uaiçás, da incrível arte plumária do Xingu - tanto a clássica quanto a barroca -, dos mitos e da sabedoria da sociedade carajá. Estou falando dos macuxis e dos vapichamas que, além de sua língua, se fazem ouvir num inglês primoroso. E no entanto, sendo índios brasileiros, vivendo em território brasileiro, não falam uma única palavra de Português. Me digam se não é preciso refletir, sobre isso:

AS - É preciso pressionar o editor, chateá-lo, iludi-lo, cantar diante dele como a própria sereia. Se ele, o editor - não por sua própria culpa mas por força das circunstâncias - não pode ser aliado do escritor brasileiro, que este trate de enfrentá-lo, de dobrá-lo, de afogá-lo em originais. Se ele trata o livro como se fosse banana, *yes, nós, escritores brasileiros, temos bananas para dar e vender*.

CFA - Lutar não só para ser editado, mas para ser também distribuído - o maior problema - divulgado e lido. Lutar sempre. Impor a nossa presença. Não permitir que nos vaporizem ou invisibilizem. Existimos e temos muito para contar, e acreditamos em nossas histórias, em nossas vivências. Se achamos que podemos dar ao outro algo de bom, então vamos lá. Fê cega e faça muito bem amolada. 1976 é ano de São Jorge. Afiar a lança para matar novamente o dragão.

O - Mas nós já discutimos os condicionantes, e já falamos a respeito do consumismo que grassa por aí. Lutar, certo, de peito aberto, sim, mas e os riscos que se corre?

FMC - Riscos? O que aconteceu comigo e com tantos outros: tive de esperar sete anos para meu romance *As Armas e os Barões* ser publicado. Quer dizer: precisamos dessas qualidades básicas e suplementares: teimosia e perseverança.

AS - Talvez exista o risco de ser editado antes da hora, mas as coisas devem ser colocadas sempre dessa forma - entre o sub-rock de Rita Lee e o sub-samba de Agepê, não há escolha, fica-se com o segundo! Entre a subpornografia de Cassandra Rios e a subpornografia de Harold Robbins, como não ficar com esse maravilhoso exemplo de resistência que é Cassandra?

SM - A gente luta e sofre um desgaste natural de todo mundo que briga. Isso prejudica, ao mesmo tempo, embora temporariamente, a possibilidade de criar. Mas se a gente não luta tem então de confiar na sorte, com a mesma chance de ganhar que um apostador da Loteria Esportiva.

CFA - O risco a que eu me exponho, publicando, é o mesmo que corro, estando vivo. Mas, *realmente vivo*, consciente e parti-

Caio:
"O risco a que eu me exponho, publicando, é o mesmo que corro, estando vivo. Mas realmente vivo, consciente e participante. Viver é expor-se ao perigo. Se não somos editados, não somos distribuídos, não somos lidos e nem sequer respeitados em nossa integridade, que mais temos a perder?"

cipante. Viver é expor-se ao perigo. Escrever também. Sempre tem um Hélio Pólvora nos acusando de plagiar um conto que nunca fomos editados, não somos distribuídos, não somos divulgados, não somos lidos e nem sequer respeitados na nossa integridade, que mais temos a perder?

O - E não é nesse contexto que se formam as panelinhas?

MC - As *panelinhas* e "divisões de áreas" existem e são nocivas, são fruto de uma visão estreita e provinciana. Um país do tamanho do Brasil, com hábitos e costumes diversos espalhados por seus muitos quilômetros, pode e deve abrigar todo o tipo de literatura, desde que seja boa dentro do seu gênero. Mas *regionalistas* que ainda brigam com *universalistas* como se fossem dois clubes de futebol adversários, isso é bobagem. Mesmo depois de *Grande Sertão*, tudo indica que a pendenga grassa firme em certos círculos. Há os que exercem a literatura a que chamam idioticamente de *bonitinha*; isto é, qualquer estilo trabalhado, elegante, difícil. Pobre Borges, se nascesse aqui, pobre Cortázar! Essa gente tem de entender que não pode e não deve haver uniformidade de estilo, que diversidade é riqueza, que uns autores são mais despojados, outros mais barrocos e que o que se deve procurar é qualidade dentro de cada estilo, em vez de seguir uma cartilha única.

SM - *Panelinhas* não deviam existir, mas existem. O escritor já é marginalizado pela sociedade que pouco ou nada entende ou aceita de sua contribuição. *Devia ser solidário com seus pares para ser menos solitário*, e ter maior força atuante. A *panela* torna isso impossível. Jogo de vaidades pessoais, narcisismo, servilismo, dividem forças e criam áreas de atrito. A *panela* representa uma dupla marginalização. Para os de dentro e para os de fora.

Abel - William Burroughs, falando de uma reunião de escrito-

res, disse: "Certamente será a última." Errou: houve ainda uma no Teatro Casa Grande, no ano passado. Todas as reuniões de escritores serão sempre a última. Sempre será uma frustração, um sonho de unidade impossível. Você ouve falar de escritores latino-americanos e pensa que se trata de um bloco unido, mas logo vem a notícia de que Vargas Llosa enfiou a mão na cara de Gabriel Garcia Marquez... Éta unidade mais braba! Fazer do escritor um grupo social definido é como colocar na mesma torre todas as antenas da cidade: ou não agüentarão o primeiro raio ou se captarão a mesma corrente. Antenas foram feitas para ficar espalhadas, ligadas, recebendo as cargas variadas, as mensagens diversas. A unidade de que falou a Sulema é justa, mas se faz num outro plano, num segundo momento, nesse em que participam juntos Poe, Sade, Graciliano, Drummond, todas essas diferentes antenas. As *panelinhas*, de resto, existem mais é para autopromoção.

CFA - Existe uma lealdade básica que não deveria ser atraída. As coisas só são fortes se forem grupais. Divisões internas, competições provincianas, *panelinhas*? Ridículo e inútil. Como diz Nei Duclós, poeta gaúcho, em *Outubro*: "Confio na solidão que nos une / e na vontade de quebrar tudo / que cresce aos poucos como um fruto."

AS - Quando alguém pede que falemos de literatura brasileira nossa preocupação imediata é inventar nomes. Assim, a gente chega ao final da entrevista com um tal acervo que a pergunta fica no ar: mas que crise bendita é esta, da qual afloram todos esses trabalhos? Bem, a verdade é que só tivemos um *Zero*, mas mesmo o trabalho de Gramiro Matos e de Wally Sailormoon, dos *undergrounds* é importante, na medida em que ele se permite à discussão.

Abel - Pra mim a questão é simples: escritor não é propriamente uma função, uma profissão, muito menos um *status*, títulos, essas besteiras. Ser escritor é uma maldição, um sofrimento que o verdadeiro escritor, nunca o literato - este extrai seus textos em rotineiros partos sem dor - mesmo o principiante, sente. Só permanece escritor o fatalizado pra isso. O que vai virar ou já é íntimo do susto das madrugadas, do pânico do meio-dia. Não há nada mais ridículo do que isso de deslumbramentos sobre o fato de ser escritor. Não é mais ou menos isso o que dizem Drummond, Cabral, e dizem Sade, Graciliano. Não é sempre o que dizem *esses que sabem*? Quem sou eu para desmentir? Literatura é uma lepra que o doente reconhece a cada explosão da pele, a cada novo inchaço, e vai, então, se acostumando ao peso do isolamento, do castigo, do silêncio, ao destino de ter um olho incendiado e insone. Não é fácil nem bom. Quem sabe - e pode - pula fora enquanto é tempo. Eu ainda tenho essa esperança.

SM - Quando quebram a janela do vizinho a gente pensa: "Que bom que não foi a minha." Quando morre uma criança de fome e a gente agradece a Deus: "Obrigado por não ter sido o meu filho." Milhares morrem e a gente nem sabe. Quando uma injustiça é cometida a gente desvia o rosto e acredita: "Nada tenho com isso." Por tudo isso o mundo é exatamente como nós o fizemos e nunca será melhor se não deixarmos de nos comportar como se a sociedade humana existisse apenas em função dos nossos interesses. Isso vale para os escritores do Brasil, principalmente para os que começam, não importa a idade que tenham. Eu estou entre eles. Para o que der e vier. Com eles. De corpo inteiro.

Leia e assine Opinião

CINEMA

Cinebrás 76: Uma orgia de boas intenções

Reconhecidamente, uma elite das grandes cidades brasileiras, como o Rio de Janeiro é que se interessa apaixonadamente - e a priori - pelo cinema brasileiro. Um filme, lançado comercialmente, é uma festa. Uma verdadeira orgia, compartilhada em clima de euforia cinéfila, é a mostra que a Cinemateca do MAM carioca oferece anualmente de parte importante da produção recente. A cada projeção, seguem-se debates, quase sempre com os próprios realizadores: afluência numerosíssima - pelo menos nos programas mais "prestigiosos" - e favoravelmente predisposta.

Este ano, o lote foi maior que das vezes anteriores - cerca de 18 filmes

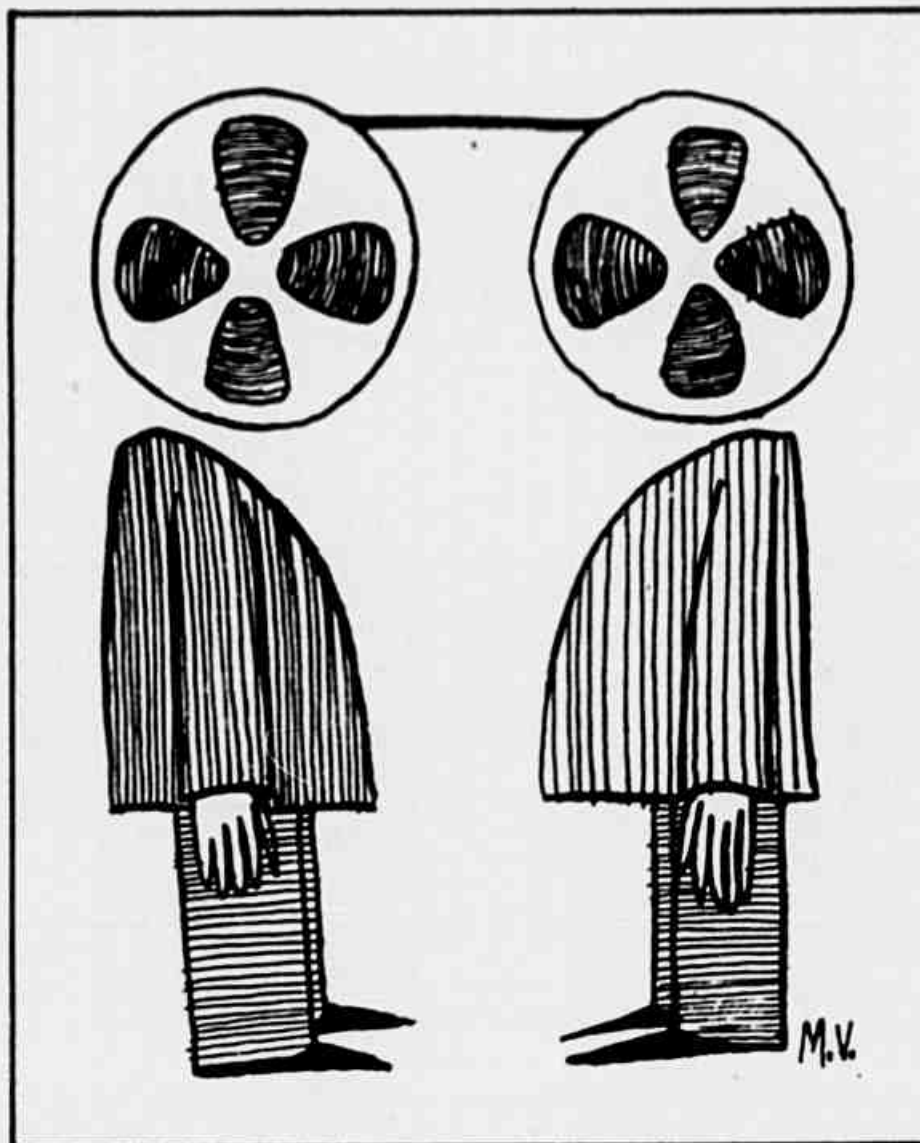
Embora já exibido comercialmente, *O Casamento*, de Jabor, foi incluído no fim da mostra. Discutiu-se o reacionarismo ou não reacionarismo de Nelson Rodrigues. Para uns, a catarse imediata, superficial, em cima das mazelas morais da classe média; uma catarse que, aliviando, exime do autoconhecimento e profundidade, ou pelo menos da inquietação. Para outros, na plateia, a riqueza de um universo agenciado artisticamente com extrema "carnalidade". Arnaldo Jabor enfatizou uma necessidade imperiosa do artista (do cineasta), hoje: a riqueza metafórica, o trabalho exaustivo sobre o significativo.

O que nos leva a um dos temas levantados com alguma insistência após as projeções: a "desintelectualização" do cinema brasileiro, que estaria patente em vários dos filmes, encarada por alguns como uma tendência generalizada, não só positiva como necessária. Problema espinhoso: já seria importante olhar de perto essa "desintelectualização" para ver do que se trata, realmente.

Escritor oficial - William Cobbett, realizador de *O Monstro de Santa Teresa*, assumiu uma posição ambígua: fez o elogio da linearidade e da clareza expositiva no contar uma história acessível a todos, reconhecendo ao mesmo tempo que escolheu um conto de Josué Montello - "escritor oficial" - para facilitar o trânsito do filme. Mais ou menos o caso de Oscar Santana, traumatizado com 12 anos de silêncio após o seu primeiro filme *O Caipora*. Quando este foi lançado, o cineasta testemunhou, num cinema do Rio, a repulsa instintiva de parte do público, que não queria "ver tanta miséria" (a história se passava no Nordeste), especialmente depois de um trailer de *O Mais Longo dos Dias*. Doze anos depois, o seu *O Pistoleiro* também se passa no Nordeste, mas a paisagem está irreconhecível. Oscar Santana conta muito claramente a sua história de um adolescente que se vê engolfado num círculo vicioso de violência após o assassinato do pai a mando de um coronel ladrão de terras. No debate, a explicação: o cineasta queria falar da guerra; como não existe guerra no Brasil, optou por uma abordagem do tema da violência sob ângulo "universal". Não era preciso explicar. O filme não mente nunca. Rui Resende, um dos pistoleiros, dizendo com os olhos perdidos no horizonte que não sabe de onde veio nem para onde vai, lembra muito James Stewart, o "loner" dos westerns de Antony Mann.

Brincadeira de amadores - Qual o preço da "desintelectualização" e da clareza? Eliseu Visconti Cavalheiro não parece preocupado com a (falsa?) dicotomia complexidade intelectual/limpeza expositiva. Seu filme, *O Lobisomem*, realizado alguns anos atrás e visto por vários amigos, é simplesmente uma brincadeira de amadores em

Durante três semanas, a Cinemateca do MAM do Rio proporcionou o encontro de quase duas dezenas de cineastas com um público disposto a debater com entusiasmo as novas tendências e os dilemas daqueles que aprenderam a ver a realidade com uma idéia na cabeça e uma câmara na mão.



torno da idéia luminar de fazer de Wilson Grey um vampiro de subúrbio. Sucedem-se os planos, os atores improvisam na frente da câmara.

Filme "intelectual" seria *Cristais de Sangue*, de Luna Alkalay, que retoma a temática glauberiana das relações de poder no Nordeste, especialmente através da in-

rodução do povo no corpo da narrativa e da figura de um personagem secundário, pistoleiro a soldo do "senhor" local que externa dúvidas e inquietações dignas de Antônio das Mortes. Luna Alkalay parece que não soube articular bem a sua visão eminentemente poética, mas talvez importe mais aqui uma questão que o fil-

me suscitou.

A partir do parentesco com *Deus e o Diabo na Terra do Sol*, principalmente, *O Dragão da Maldade*, Sérgio Santeiro, orientador de vários debates, falou de uma qualidade que seria suficiente, segundo ele, para fazer do cinema brasileiro "o mais importante do mundo": o seu caráter de obra co-

letiva, os filmes dos cineastas mais dispares respondendo-se uns aos outros, os personagens virtualmente transmigrando por vários títulos. Excessos subjetivos à parte, a tese tem seu interesse operacional. Talvez explicasse, por exemplo, do estilo "cinema baiano/anos 60" de *O Forte*, de Olney São Paulo; ou ajudasse a compreender o anacronismo de *Marcados para Viver*, de Maria do Rosário, espécie de crônica miserabilista de um certo folclore underground, um universo complacentemente descrito "de dentro".

Três comédias - Os momentos mais promissores de um contato generoso com o público, sem a dicotomização forçada filme popular/filme intelectual, foram talvez três filmes que têm em comum serem comédias.

O Rei da Noite, de Hector Babenco, é um excelente exercício de cinema-espetáculo, espécie de versão paulista da melhor comédia italiana; de Lattuada, por exemplo. Mas talvez não se esgote aí. Positivamente brasileiros, nos temas e no tom, são *Pecado na Sacristia*, de Miguel Borges, e *Perdida*, de Carlos Prates Correa. O primeiro é talvez o melhor filme de Miguel Borges, que transporta sua preferência pela farsa escrachada para o universo mitológico do Brasil central (o filme chamava-se, inicialmente, *A Mula sem Cabeça*). O parentesco com *Macunaíma* deverá ser lembrado.

Perdida é um caso singularíssimo, talvez pioneiramente bem sucedido na busca de uma linguagem brasileira de cinema, se é que existiria tal imponderável entidade. Descreve o miserável trajeto de uma mocinha do interior de Minas (filha de camponeses) da cozinha de uma casa de família ao prostíbulo, à fábrica e sabe-se lá mais aonde (o filme termina num ônibus). Não só é muito rica e caracterizada com imaginação a galeria de personagens (o motorista de estrada, o poeta/parasita do bordel, as operárias, a própria "perdida"), como ainda Carlos Prates aproxima-se deles de uma maneira que só pode ter um nome: um estilo de encenação próprio e originalíssimo - especialmente no tratamento gestual e verbal do trabalho dos atores -, que dá todo o peso à comédia e parece querer oferecer uma quintessência de certas formas brasileiras (mineiras?) de comportamento. Filme que promete dialogar com o seu público sem paternalismo "intelectual" nem o nivelamento por-baixo da "desintelectualização". (Clóvis Marques)

opinião no exterior

França
Librairie Portugaise et
Brasilienne 33, Rue Gay
Lussac - 75005 - Paris

Suíça
Kiosque du Boulevard
13, Bd. Georges Favon
1204 - Genève

Argentina
Calle Lavalle y Flórida
Buenos Aires

Uruguai
Libreria Palacio - Plaza
Independencia, Kiosko -
18 de Julho y Cuarem

PAZ E TERRA

PAULO FREIRE

AÇÃO CULTURAL PARA A LIBERDADE

E OUTROS ESCRITOS

Cr\$ 40,00

149 pp

Editada em dezenas de línguas, a obra de Paulo Freire é hoje consulta obrigatória para todos os que se dedicam à espinhosa tarefa de erradicar o analfabetismo (que, no seu modo de entender não é uma praga, mas a "expressão de uma realidade social injusta") e de tornar os alfabetizados cidadãos úteis, conscientes e lúcidos.

A Editora PAZ E TERRA se orgulha de entregar ao público mais um livro desse grande brasileiro.

Em todas as livrarias ou por reembolso postal.

Pedidos à EDITORA PAZ E TERRA

Rua Abade Ramos, 78

Jardim Botânico - Rio de Janeiro

Leia e
assinhe
Opinião

O retrato de Paula

Mais ou menos na metade da terceira das *Cenas de um Casamento* (aquela onde "cai a guilhotina e Johan comunica de forma brutal que está apaixonado por outra mulher e pretende uma separação"), Marianne pede para ver um retrato de Paula: "Quero saber como ela é."

Os dois já estão deitados na "cruel cama de casal, e apagaram a luz. Mas nem um nem outro podem dormir, profundamente embaraçados". Johan, depois de hesitar um pouco, vai até o paletó e retira dois retratos da carteira, "um tirado há dois anos, nas férias do Mar Negro, outro para o passaporte, há algumas semanas".

Até aquele instante muito já se falara de Paula nesta terceira cena, e agora, com os dois retratos na mão, Marianne faz novos comentários sobre a moça que Johan conheceu durante um congresso em Copenhague e que viajaria com ele a Paris na manhã seguinte.

"Uma bonita figura. Um peito lindíssimo. Um sorriso bonito. Pinta o cabelo? Parece que sim." De Paula sabemos ainda outras coisas através das respostas de Johan: "Tem 23 anos. Não foi muito feliz nos seus amores. Noiva duas vezes. Confusa com toda a espécie de homens. Horrivelmente ciumenta. De uma sinceridade desagradável."

Curiosidade do espectador - Todas estas referências despertam uma natural curiosidade em torno da figura de Paula, mas os dois retratos na mão de Marianne jamais são mostrados ao espectador. A câmara observa a cena de um mesmo ponto de vista, não se movimentando dentro do cenário nem mesmo para se aproximar do rosto de Johan ou de Marianne.

Mais do que um simples detalhe de encenação, esta recusa de satisfazer uma curiosidade do espectador, de atender a um natural desejo de querer saber como Paula é, tem uma importância especial. É antes de mais nada um exemplo de concisão numa época em que o cinema se tornou escravo de suas novas possibilidades técnicas: a lente zoom, o filme em cor, os filtros para alterar o contraste das imagens, as câmaras leves e automáticas, os novos materiais de iluminação.

Hoje, no cinema, a visão mais luxuosa é aquela que se confunde com o real. Parece mais verdadeira a câmara que se movimentava muito dentro da cena, a que pode estar em vários lugares ao mesmo tempo, a que tem uma visão mais dinâmica que a do olho humano. A impressão de realidade não resulta de uma eventual veracidade dos fatos narrados, mas da sofisticada maneira de olhar. Se a ação é rápida, câmara lenta, para não perder detalhes. Se os personagens estão muito afastados, um movimento de zoom para vê-los mais de perto. Se alguém desvia o olhar para um objeto pequeno dentro ou fora do cenário, uma nova imagem para trazer este detalhe a primeiro plano. O espectador tem a impressão de ver melhor, de ver toda a realidade com seus próprios olhos, e de ver materializado até o que se passa na cabeça de um personagem.

Dois exemplos - Em *Tensão no Aeroporto*, de Casper Wrede, por exemplo, enquanto o coronel Tahlvik pensa em detalhes observados durante o seqüestro de um avião, na tela se alternam planos do rosto do coronel e das imagens que ele vai revendo em sua memória. Quando um personagem qual-

quer tomar um binóculo para observar uma cena ao longe a câmara passa a ver através do binóculo o espectador tem sua curiosidade inteiramente satisfeita, ele possui então um poder especial para ver todas as coisas.

*Vou muito ao cinema, e estou convencido de que a maior parte dos filmes de hoje são super-fotografados. A perfeição técnica em termos de câmaras, lentes e material de luz parece ter sido reunida para encher a tela com montanhas de efeitos técnicos perfeitamente calculados. A afirmação e de Sven Nykvist, fotógrafo de todos os filmes de Bergman desde 1951 e também responsável pela fotografia de *Tensão no Aeroporto*. A presença de um mesmo fotógrafo por trás de duas imagens tão diferentes entre si ajuda a compreender melhor quais as solicitações que determinado estilo narrativo faz de sua fotografia.*

*Ensaivamos na segunda e na terça, na quarta começávamos a filmar. (Nykvist descreve o esquema de trabalho em *Cenas de um Casamento*). Usamos uma só câmara e fazíamos planos de 10 minutos; isto é, filmávamos de uma só vez todo o filme que existia dentro de um chassis. Durante estes 10 minutos fazíamos muitos movimentos de câmara e de zoom. Em alguns planos existem mais ou menos 20 diferentes movimentos de zoom mas no filme quase nenhum movimento permaneceu, tudo saiu na montagem, e a ação ficou mais tensa e rápida.*

No filme de Bergman todo o moderno equipamento foi usado para deixar o ator mais à vontade na cena, no filme de Casper Wrede, ao contrário, foi usado para aparecer na tela, com uma importância expressiva maior que a dos atores. O que age mesmo na tela nesta história de um seqüestro duplo, um avião e um embaixador, é a fotografia, é a sofisticação da imagem. O que importa é a ideia de uma fotografia tecnicamente perfeita, e dotada de mil recursos especiais, porque isto corresponde com exatidão ao comportamento dos personagens: os policiais, os pilotos, os seqüestradores e os seqüestrados são indivíduos tecnicamente perfeitos, muito pouco parecidos com gente de verdade.

Gente de verdade - Durante o trabalho - ainda uma vez é Nykvist que afirma - Bergman repetia que nós estávamos num filme sobre pessoas, sobre um casamento, e que por isto só nos interessavam os rostos. O resto deveria ficar de fora da imagem, nem deveria ser notado.

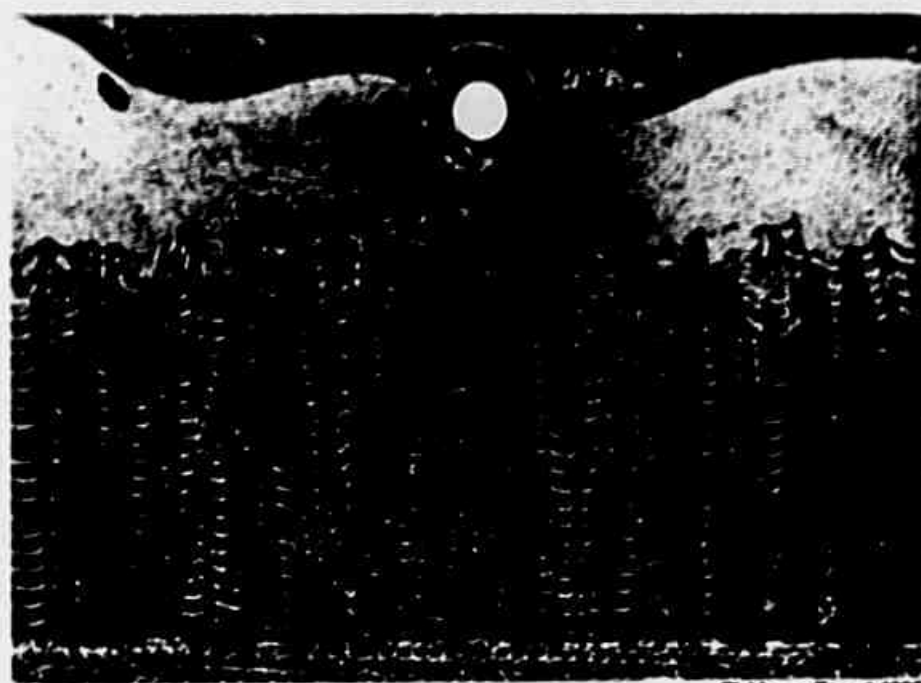
A fotografia, em *Cenas de um Casamento*, não se faz notar porque o diretor reduz intencionalmente o sofisticado equipamento cinematográfico de hoje aos limites do olho humano: ver as situações como gente de verdade. Ele leva a câmara a ficar presa a Johan e Marianne. Não desvia o olhar para qualquer detalhe menos importante do casal - como o retrato de Paula, ou uma descrição mais detalhada do ambiente do casal - porque se envolve emocionalmente na tensão desta história de amor entre "duas pessoas terrenas e imperfeitas, egoístas, limitadas, briguentas", que para ser inteiramente compreendida só poderia ser fotografada de um modo terreno, humano, imperfeito: luz irregular, muito grão na imagem tensa, imóvel, que não tira os olhos de Johan e Marianne. (José Carlos Avellar)

MOVIMENTO

A morte de um surrealista

A produção visual surrealista ocupa uma posição ambígua na história da arte moderna: ao mesmo tempo em que levou adiante as manobras explosivas do Dada e inventou outras tantas, sempre no sentido de um questionamento do estatuto da arte na sociedade contemporânea, esteve estranhamente ausente do processo de rompimento do espaço visual renascentista que caracterizou os fundamentos da arte moderna. Seguiu preso à perspectiva e quase indiferente às transformações formais exigidas pela modernidade. Max Ernst foi um exemplo muito claro dessa ambigüidade surrealista. Até a sua morte, aos 85 anos, ocorrida na semana passada em Paris, cumpriu um percurso paradoxalmente linear na seqüência da arte moderna. A sua enorme e variadíssima produção, as suas explorações técnicas e sua inventividade nos meios mais diversos (entre outras coisas, Ernst criou procedimentos como as *frottages*), tiveram sempre um mesmo sentido e pareciam afirmar repetidamente uma mesma verdade.

Qual a verdade de Max Ernst? Muito provavelmente uma verdade romântica. Pode muito bem ser que fosse um surrealista apenas na medida em que esse movimento essencialmente francês estava identificado com o notável romantismo alemão dos séculos XVIII e XIX. É possível ver o seu trabalho como o desenvolvimento do romantismo em algumas de suas linhas-chaves. Não é apenas a fantasmagoria, o lirismo soturno e o gosto pelo escatológico, ca-



Planchon Forest 1968

racterísticas da arte de Ernst, que aproximam do romantismo. É, mais do que tudo isso, a sua maneira de pensar o quadro como projeção psicológica, lugar de investimento da subjetividade. Mondrian via a pintura como criação de um modelo de espaço coletivo e universal, Ernst enxergava nela um exercício da subjetividade, o questionamento e a ampliação das potencialidades poéticas do homem.

Veja-se, por exemplo, a presença do inconsciente no seu trabalho. É fácil reconhecê-lo não como o inconsciente propriamente freudiano, mas como aquele de que falam os poetas românticos. Trata-se, afinal, de um inconsciente tipicamente romântico e germânico. Enquanto Salvador Dalí manipulava os lugares-comuns da imagética dita freudiana, Max Ernst estava mergulhado nas brumas da Floresta Negra e explorava a famosa legião de monstros germânicos. Com essas imagens sobretudo construía um discurso tenso, metafórico e pouco econômico, que se colocava numa posição exêntrica em relação à racionalidade cotidiana.

O nome de Max Ernst tornou-

se, é claro, para a crônica mundana de arte e para o mercado internacional, o nome de um "mestre". Mas, num curto nível, a sua contribuição para o processo da arte no século XX ainda não é fácil de precisar. Ernst estaria, quase certamente, fora de qualquer História da Arte Moderna racionalista ou positivista, que visse o rompimento do espaço renascentista, baseado na perspectiva, como a questão central e definidora da modernidade. É possível, entretanto, que o seu trabalho possa ser analisado de um modo muito produtivo e contemporâneo do ponto de vista do método. O seu interesse estaria então num radical desprezo pelo estilo, pela busca e elaboração de traços formais característicos, e na concentração em algo mais *mental* como o método. É nesse sentido, como exemplo de disposição e organização metodológica do material arte, que Max Ernst pode ser lido e aproveitado: Por esse caminho, esse trabalho que se apresenta como uma espécie de embate com monstros e fantasmas pode até tomar um subtítulo geral paradoxalmente cartesiano: um discurso sobre o método. (Ronaldo Brito)

A luta pelo curta

Todas as vezes em que os filmes brasileiros de longa-metragem são aquinhoados com uma fatia maior no mercado exibidor, os realizadores de curta-metragem sentem que o seu quinhão nesse mesmo mercado tão cedo não lhes virá à boca. A luta do longa-metragem, dizem, é mais importante. De fato, o longa-metragem é a peça de resistência da indústria cinematográfica brasileira, e se nem o prato principal tem merecido maiores honrarias, que tipo de tratamento pode esperar a sobremesa? Resposta: que apenas se cumpra a lei. E a lei é clara: cada cinema é obrigado a exibir filmes de curta-metragem de interesse cultural ou documental 52 dias por ano. (Para os de longa-metragem a obrigatoriedade é de 112 dias.)

Mas a lei não é cumprida, salvo quando interessa ao exibidor espichar a sessão a fim de, ultrapassado o teto de 2 horas e meia, poder cobrar mais de Cr\$ 12,00 o ingresso. (Recentemente, no Cine Veneza, no Rio, quando do lançamento de Os Três Dias do Condor, um documentário sobre Leila Diniz serviu a este tipo de jogada, ao lado de três trailers, um desenho-animado americano e um cinejornal.) Como não existe fiscalização, alguns exibidores se dão ao luxo de comprar determinados documentários - quase a preço de custo, pois não há margem para barganha entre os realizadores e os exibidores - com os quais "cumprem" a lei de forma

sui generis. Em primeiro lugar, não exibem os filmes. Mas debitam na sua conta a porcentagem a que, afinal, têm direito (sete ingressos por sessão), já que se tornaram legítimos proprietários dos filmes quando os compraram aos seus encurrulados diretores. Na maioria das vezes o investimento da burla chega a Cr\$ 20 mil por filme; o que significa, às vezes, um lucro de Cr\$ 80 mil, que é quanto, em média, um realizador poderia receber caso tivesse seu filme exibido, digamos, na cadeia nacional do sr. Lulz Severiano Ribeiro Jr.

Com a recente fusão da Embrasil com o Instituto Nacional do Cinema, novas esperanças para os realizadores de curta-metragem foram lançadas ao ar. No Artigo 13 da lei que trata da fusão está escrito que a exibição de curtas de caráter cultural ou documental é obrigatória, independentemente de outros complementos nacionais, como cinejornais e filmes de propaganda, na linha Jean Manzon. Os realizadores, no entanto, temem que, mais uma vez, esta lei "seja engavetada".

Enquanto espera medidas efetivas da Fundação Centrocine, a Associação Brasileira de Documentaristas elaborou uma série de sugestões ao filho da Embrasil com o INC. Entre as quais se destacam: a obrigatoriedade de exibição de cada curta por duas semanas num mesmo cinema (acompanhando o mesmo filme de longa-metragem estrangeiro) e "a inclusão do curta-metragem da semana no material publicitário do filme de longa-metragem estrangeiro em exibição".

O Regine's dos cineclubes

O cineasta Jean-Gabriel Albicoco trocou a França pelo Brasil exatamente quando todos esperavam que ele trocaria o cinema por outra profissão. Aqui tentou, meses a fio, realizar um musical - *Polichinelo* - que os menos otimistas acreditavam destinado a ser o *Orfeu Negro* dos anos 70.

Cansado de tanto esperar, apaixonou-se pela paisagem carioca e passou a ser visto constantemente nos restaurantes frequentados pela *intelligentsia dorée* da cidade, e até mesmo a frequentar a cultura do Zóximo, no *Jornal do Brasil*. Para conciliar seu amor pelo cinema com o seu fascínio pelo mundanismo tropical, criou, há três semanas, o que se pode chamar, sem exagero, de o "Regine's do filme". Ou seja: um cineclubes para grã-finos, não por acaso situado no Hotel Meridien.

O que diriam dessa acintosa elitização do cinema os cineastas rebeldes do cinema francês, que, embora refratários ao charme discreto da burguesia, estarão sendo a ela servidos em bandeja de prata? Que sentido faz trazer ao Brasil uma experiência instigante como *Céline et Julie Vont en Bateau*, de Jacques Rivette, e não vê-la consumida por uma platéia menos seleta por conta de seu saldo bancário?

SELEÇÃO

LIVROS

Monções, de Sergio Buarque de Holanda (*Alfa-Omega*, 163 págs., Cr\$ 40,00). Editado pela primeira vez em 1945, surge agora uma segunda edição deste livro que se ocupa das frotas de comércio — as monções setecentistas — que, ao se interiorizarem expandiram o país. O autor decidiu não atualizar o original, na medida em que suas novas descobertas serão em breve reunidas em outro trabalho.

América Colonial, organizada por Theo Araujo Santiago (*Pallas*, 180 págs., Cr\$ 60,00). Seis ensaios sobre a natureza das estruturas sociais da América Colonial que podem contribuir para o esclarecimento da questão e suscitar outras dúvidas ainda a serem pesquisadas. Entre os autores: Maurice Godelier, Ernesto Laclau, Ciro F.S. Cardoso e Hector M. Malta. Alguns assuntos: *Conceito da Formação Econômica e Social, Feudalismo e Capitalismo na América Latina, e Modos de Produção coloniais e escravistas*.

REVISTA

GAM — No número de abril deste *Jornal Mensal de Artes Visuais* destacam-se principalmente os ensaios, entre eles: *a Noção de Arte Popular: Crítica Antropológica*, de Luis Felipe Baeta Neves; *A Questão Urbana no Terceiro Mundo*, de Hartmut Thimel, e *A Marca e o Logotipo Brasileiros*, de Mario Margutti. Cr\$ 5,00.

Versus nº 3 — As entrevistas são o forte deste número: o depoimento de um padre jesuíta e as relações entre a Igreja e os índios; memórias de um soldado e um capitão mexicanos sobre o herói Emiliano Zapata; Antonio Callado falando de sua obra e do ofício de escritor. Uma novidade: uma história em quadinhos de Luis Gê. Cr\$ 10,00.

CINEMA

Cenas de um Casamento (*Scener ur ett Aktenskap*), de Ingmar Bergman. Originalmente, uma série de seis filmes de 50 minutos para a TV sueca, remontada pelo próprio diretor para apresentação em cinema. Conta a história de um conflito conjugal entre Liv Ullmann e Erland Josephson. Já exibido em quase todo o país. *Bruni Copacabana, Bruni-Tijuca e Lagoa Drive-In* (Rio).

Profissão: Repórter (*Professione: Riparti*), de Michelangelo Antonioni, Itália/EUA, 1974 com Jack Nicholson e Maria Schneider. Mais um brilhante exercício de Antonioni, voltando, como em *Zabriskie Point*, a construir seu filme sob o signo da aventura. A destacar, o impecável e significativo virtuosismo da penúltima seqüência, e a presença de Maria Schneider. *A partir do dia 12 no Vitória, São Luis, Caruso, Leblon, Carioca, Santa Alice* (Rio) *Capri* (Petrópolis).

Documentários de Antonio Carlos Fontoura — *Heitor dos Prazeres, Chorinho e Chorões, Vanda Pimentel, Arquitetura de Morar, Ouro Preto e Scliar e Ver/Ouvir*. Auditório da Escola Parque, dia 10, 20 e 22h. (Brasília).

MUSEU LASAR SEGALL SÃO PAULO

Mamma Roma, de Pier Paolo Pasolini, Itália, 1962, com Anna Magnani. Dia 9, 20 e 22h.

Gaviões e Passarinhos (Ucellacci e Ucellini), de Pier Paolo Pasolini, Itália, 1966, com Totó e Ninetto Davoli. Dia 10, 20 e 22h.

CINEMATECA DO MAM (RIO)

Hubal, de Bohdan Poreba, Polónia, 1972, com R. Filipki. Legendas em espanhol. *Cinemateca*, dia 9, 18h30.

Los Olvidados, de Luis Buñuel, México, 1950, com Alfonso Mejia. Versão original. *Cinemateca*, dia 9, 20h30.

Este Crime Chamado Justiça (*In Nome del Popolo Italiano*), de Dino Risì, Itália, 1972, com Vittorio Gassman e Ugo Tognazzi. Pré-estréia. *Cinema 1*, dia 9, 24h.

Minha Noite com Ela (*Ma Nuit Chez Maud*), de Eric Rohmer, França, 1971, com Jean-Louis Trintignant. *Cinema 1*, dia 9, 24h (Niterói).

Iluminação, de Krzysztof Zanussi, Polónia, 1973, com Stanislaw Latallo. Legendas em espanhol. *Cinemateca*, dia 10, 18h30.

A Ilusão Viaja de Bonde (*La Ilusion Viaja en Tranvia*), de Luis Buñuel, México, 1953, com Lilia Prado e Carlos Navarro. Versão original, inédito no Brasil. *Cinemateca*, dia 11, 18 e 20h.

Viridiana, de Luiz Buñuel, Espanha/México, 1961, com Silvia Pinal e Francisco Rabal. *Lido 2*, dia 12, a partir das 14h.

A Adolescente (*La Joven/The Young One*), de Luis Buñuel, México/EUA, 1960, com Zachary Scott. Versão em espanhol. *Cinemateca*, dia 12, 18h30 e 20h30.

A Bela da Tarde (*Belle de Jour*), de Luis Buñuel, França/Itália, 1967, com Catherine Deneuve. *Lido 2*, dia 13, a partir das 14h.

O Anjo Exterminador (*El Angel Exterminador*), de Luis Buñuel, México, 1962, com Silvia Pinal e Claudio Brook. *Cinemateca*, dia 13, 18h30 e 20h30.

Tristana (*Tristana*), de Luis Buñuel, Espanha, 1970, com Catherine Deneuve. *Lido 2*, dia 14, a partir das 14h.

O Estranho Caminho de São Tiago (*La Voie Lactée*), de Luis Buñuel, França, 1969, com Laurent Terzieff. *Cinemateca*, dia 14, 18h30 e 20h30.

O Discreto Charme da Burguesia (*Le Charme Discret de La Bourgeoisie*), de Luis Buñuel, França, 1972, com Fernando Rey. *Lido 2*, dia 15, a partir das 14h.

A Idade de Ouro (*L'Age D'Or*), França, 1930, e **Um Cão Andaluz** (*Un Chien Andalou*) França, 1929, ambos de Luis Buñuel. *Cinemateca*, dia 15, 18h30.

FILMES & DEBATES

Crime de Amor de Rex Endsligh, Brasil, 1964, com Beyla Genauer,

Carlos Alberto e Jgana Fomm. Após a projeção, debate coordenado por José Carlos Avellar. *Cinemateca*, dia 10, 20h30.

O Olho de Buñuel — Mesa redonda presidida pelo Dr. Fernando Cesarman: uma visão psicanalítica dos filmes de Buñuel. Participação de críticos e psiquiatras brasileiros. *Cinemateca*, dia 15, 21h.

TEATRO

Gota D'Água, de Paulo Pontes e Chico Buarque de Holanda. Direção: Gianni Ratto, com Bibi Ferreira e Oswaldo Loureiro. A *Medéia* de Eurípides adaptada ao Brasil de hoje. Considerada a melhor peça do momento no Rio, recebeu recomendação especial da Associação Carioca de Críticos Teatrais. *Teatro Teresa Raquel* (Rio).

Mockinpott, de Peter Weiss. Direção: José Luís Gomes; com Miguel Ramos e Gabriela Rabbelo. Promoção do Teatro de Arena de Porto Alegre, que revelou um grupo novo e inventivo fora do eixo Rio-São Paulo. Prêmio da Crítica Teatral Carioca de 1975. *Teatro Paiol* (São Paulo).

Alegro Desbum, de Oduvaldo Vianna Filho. Direção: José Renato. Com Nair Belo, Edgar Franco, Sebastião Campos e outros. Comédia de costumes encenada no Rio em 1973, sobre as atribuições de um rapaz de classe média num edifício repleto de problemas. *Teatro Maria Della Costa* (São Paulo).

O Último Carro, de João das Neves. Direção de João das Neves, com Ilva Niño, Ivan Candido e outros. Espetáculo de tendência populista, na linha de *Gota D'Água*, que conta as tragédias anônimas dos usuários dos trens suburbanos cariocas. *Teatro Opinião* (Rio).

Teatro de Cordel. Sete histórias de literatura de cordel adaptadas por Orlando Sena. Direção de Everton de Castro, com Tião Ribas d'Ávila, Péricles Falviano e outros. Transformação do cordel em peça de teatro que tem obtido grande receptividade de público e crítica. *Teatro Casa Grande* (Rio).

SHOW

Falso Brilhante — Considerado o melhor show de 1975 em São Paulo, nele Elis Regina conta a história de sua vida cantando desde ópera, samba e bolero até os recentes sucessos de João Bosco, Aldir Blanc e outros. *Teatro Bandeirantes* (São Paulo).

O Duo — O pianista Luizinho Eça e o saxofonista Vitor de Assis Brasil, no *Chico's Bar todas as noites a partir das 22h*.

As Contas de Vidro — Música brasileira progressiva com um novo grupo acústico. Todas as segundas feiras, no *Teatro Quintal* (R. Mal. Rondon 15), 21h. (Niterói).

Maria, Maria — Espetáculo de dança e música do grupo mineiro Corpo, sobre o rei de Fernando Brant, com direção de Oscar Arraiz. Músicas de Milton Nascimento/Fernando Brant interpretadas por Milton, Nana Caymmi, Fafá de Be-

lém e Beto Guedes. *Teatro João Caetano*, até o dia 11 (Rio).

MPB4 no Safari — Nova versão da República de Ugunza, com repertório basicamente o mesmo. *Circuito por Salvador, Aracaju, Maceió, Fortaleza, Natal e Recife*, até 16 de maio.

Walter Smetak — Primeiro concerto no Sul do compositor/pesquisador/artesão de instrumentos sulco-baiano. *Sala Corpo e Som (MAM)*, Até dia 18 de abril. (Rio).

JAZZ

Boate Opus 2004 — Sempre a partir das 21h: Quinteto de Nelson Ayres (segundas), Austin King Roberts Dixieland Band (terças), Zimbo Trio (quartas), Tradicional Jazz Band (quintas), São Paulo Jazz Band e Jazz Mix Four (sextas), Brazilian Jazz Stompers e Fernando Tancredi e sua pianola (sábado). Às quartas e sábados também a cantora Rosa Maria. (São Paulo).

Boate Mikonos — Conjunto formado por Laércio (piano), Meireles (sax), Marcio Montarroyos (pistom), Pascal (bateria) e Luíão (baixo). (Rio).

DISCOS

Alceu Valença Vivo/Alceu Valença (*Som Livre*, Cr\$ 45,00) — Espécie de cruzamento perfeito entre um cantor de feira e um rocker, Alceu repassa seu vigoroso repertório em seu habitat natural, o palco. O disco foi gravado ao vivo durante a temporada do Teatro Teresa Raquel, no Rio, no ano passado.

Durante o Verão/A Barca do Sol (*Continental* Cr\$ 45,00) — O segundo LP do grupo carioca revelado por Egberto Gismonti durante o VII Festival de Música de Curitiba, em 1974, confirma todos os prognósticos animadores da estréia. Seu som está maduro, firme, complexo mas definido, mais elétrico e só um pouco precioso.

Gal Canta Caymmi/Gal Costa (*Phillips/Phonogram*, Cr\$ 45,00) — Quase todo o repertório do espetáculo ao vivo está neste LP, resumo sereno e apurado de uma das maiores obras da música brasileira.

Clementina de Jesus (*CMI/Odeon*, Cr\$ 45,00) — A volta de Clementina ao disco, produzido por Hermínio Beilo de Carvalho, com as participações de Carlos Cachaca e Milton Nascimento. No repertório: *Cantos de Trabalho, Samba de Cartola, Carlos Cachaca e Mirabeau e Paulo da Portela*, jongos e um novo João Bosco/Aldir Blanc: *Incompatibilidade de Gênios*.

CONCERTO

Bach e José Maurício — O Coral Paulistano e a Orquestra Sinfônica Municipal apresentam o *Oratório de Páscoa* (1ª execução no Brasil), de Bach e *Missa de Requiem*, de José Maurício. Regência de Diogo Pacheco no dia 15, 21h, *Teatro Municipal* (São Paulo).

Krieger, Prokofieff e Chopin — Sob a regência de Isaac Karabtschewsky, com o pianista Arthur Moreira Lima,

a Orquestra Sinfônica Brasileira apresentará *Variações Elementares*, de Edino Krieger, o *Concerto nº 1 de Prokofieff* e *Concerto nº 1 de Chopin*. *Sala Cecília Meireles*, dia 9, 21h. (Rio).

ARTES

Lasar Segall — Retrospectiva que inclui óleos, aquarelas, desenhos gravuras e esculturas. *Museu Lasar Segall* (São Paulo).

Dick Higgins — Inglês radicado nos EUA, Higgins expõe 50 serigrafias realizadas depois de experiências vividas numa pequena cidade americana. *Museu de Arte Contemporânea da USP* (Parque Ibirapuera). Até o dia 11 (São Paulo).

Três Artistas Suíços — Carl Bucher, Rolf Iseli e Urs Lüthi foram os representantes de seu país à Bienal de São Paulo do ano passado. Lüthi, certamente o mais importante dos três, apresenta estudos fotográficos que interpretam o "travestimento como modo consciente da existência intermediária entre dois sexos". *MAM* (Rio).

Alain Shields — Pinturas, esculturas, desenhos e miniaturas deste artista americano que se caracteriza pela pesquisa simultânea da cor e dos suportes, sem intenções figurativas. *MAM* (Rio).

Aluisio Carvão — 20 trabalhos do artista, entre painéis e objetos. *Arte Global*, até dia 15. (São Paulo).

MESA REDONDA

Estudos "Homens e Terra" — Como parte da recepção aos calouros, os Diretórios Acadêmicos das Faculdades de Ciências Humanas da PUC/SP realizam uma mesa redonda sobre o tema com professores da PUC, USP e Unicamp. *No TUCA* (R. Monte Alegre 984), dia 9, 21h.

CURSOS

Ato de Viver — Sob este título geral inaugura-se o Centro de Psicologia e Extensão Cultural de Belo Horizonte. Dia 9: Antonio Houaiss e Jarbas Moacir Portela; dia 10: Helio Pellegrino e Sonia Maria Viegas; dia 11: Pedro Lessa e Zivaldo; dia 12: Fernanda Montenegro e Angelo Machado. Após as palestras, debate com o público. *Rua Araguari, 741, 21h*, (Belo Horizonte).

Introdução ao Psicodiagnóstico de Rorschach e A interpretação Psicanalítica no Psicodiagnóstico, na Psicoterapia e na Compreensão das Obras de Arte — Os dois cursos têm o patrocínio do Instituto de Psicologia Clínica, sendo o primeiro ministrado por Sandra Ribas de Faria, a partir do dia 12 de abril, às 20h, e o segundo por Luis Cesar de Miranda Ebraico, a partir do dia 13, às 21h. *No IPC, à rua Bulhões de Carvalho, 524, C2/3* (Rio).

Teatro de Pantomina — Curso essencialmente prático, com noções de história e duração de três meses, dado pelo ator e mímico Ricardo Bandeira, a partir do dia 10 de abril na *Academia de Capoeira Capitães de Areia* (R. Vitorino Carmilo, 172), todos os sábados à tarde e domingos de manhã (São Paulo).